

MESTRADO
SOCIOLOGIA

Um trilho de metamorfoses

**Da reabilitação urbana aos impactos
na recomposição social local – o
caso da Rua das Flores**

Joana Alexandra Ribeiro Santos

M

2016

Joana Alexandra Ribeiro Santos

Um trilho de metamorfoses

**Da reabilitação urbana aos impactos na recomposição
social local – o caso da Rua das Flores**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo
Professor Doutor João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
setembro de 2016

Um trilho de metamorfoses
Da reabilitação urbana aos impactos na recomposição social
local – o caso da Rua das Flores

Joana Alexandra Ribeiro Santos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professor Doutor João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Natália Azevedo

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Adriano Zilhão Nogueira

Instituto Superior de Serviço Social do Porto

Classificação obtida: 18 valores

“Entre muitas outras coisas,
Tu eras para mim uma janela através da qual podia ver as ruas.
Sozinho não o podia fazer.”

Franz Kafka, 1974

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo	11
Abstract	12
Índice de Ilustrações	13
Índice de Quadros	14
Lista de Abreviaturas e siglas	15
Introdução	16

CAPÍTULO I

Metamorfoses urbanas e sociais na recomposição da cidade: um ecletismo de ideias

1.1. Deambulações: os liames da (re)produção do espaço	20
1.2. <i>Urbi et Orbi</i> : urbanismo(s) na cidade	23
1.3. Trilhos: a reabilitação urbana	29
1.3.1. <i>Por pedras sujas e gastas</i> : reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto	31
1.4. Políticas Urbanas: sentidos e orientações	36
1.5. A Rua das Flores: um laboratório urbano de investigação	41

CAPÍTULO II

Modus Operandi: uma calçada metodológica

2.1. A rota das metodologias: indícios e breve apontamentos	46
2.2. Um olhar etnográfico	50
2.3. A observação: um <i>vadiar</i> sociológico pela rua	53
2.4. Nas entrelinhas urbanas: um observatório de imprensa	55
2.5. As entrevistas: analogias <i>vs</i> nostalgias	56

CAPÍTULO III

Impactos sociais da reabilitação urbana: a *alma mater* dos ecos empíricos

3.1. Das vozes, pelos jornais: a cidade nas entrelinhas.....	57
3.1.1. <i>A priori</i> : entre(as)linhas	59
3.1.2. O durante: entre(as)linhas	63
3.1.3. <i>A posteriori</i> : entre(as)linhas	68
3.2. Varandas de sentidos: entre incursões e observações.....	72
3.3. Dos diálogos às narrativas: uma janela de experiências subjetivas	77
3.3.1. Reabilitação Urbana: uma relação, uma vivência apre(e)ndida	79
3.3.2. Metamorfoses: recomposições no tecido social	83
3.3.3. Quotidianos: palcos e bastidores – uma esteira de reestruturações	88
3.3.4. Memórias: uma sinergia afetiva	95
3.3.5. Uma efervescência cultural ou a leveza do cosmopolitismo: o tecido institucional local.....	101
3.3.6. Das empresas municipais às entidades privadas: uma teia interventiva sobre reabilitação urbana	105
Considerações Finais	113
Referências Bibliográficas	119
Anexos	125
Anexo nº1 – Guião de Entrevistas Exploratória	126
Anexo nº2 - Guião de Entrevistas Semidiretivas: Comerciantes e Técnica Superior	128
Anexo nº3 – Guião de Entrevista Semidiretiva – Museu da Misericórdia e Museu das Marionetas	133
Anexo nº4 – Guião de Entrevista Semidiretiva – Entidade Público Privadas	136
Anexo nº5 - Grelhas de Análise de Conteúdo : Observatório de Imprensa	139
Anexo nº6 – Grelhas de Análise Vertical: Entrevistas Comerciantes e Técnica Superior	151
Anexo nº7 – Grelha de Análise Vertical: Entrevistas Entidades Institucionais Locais	174

Anexo nº8 – Grelha de Análise Vertical: Entidades Público Privadas	180
Anexo nº9 – Quadros e Gráficos	189
Anexo nº10 – Ilustrações	193

Agradecimentos

O culminar.

O apogeu de uma experiência de investigação sociológica que se ancorou na ânsia de experienciar, na ambição de concretizar e no sonho de transformar. Mas não foi – de todo – um trilha solitário: o embarque neste caminho revelou-se repleto de pessoas, de laços. Há muito a agradecer: a gratidão àqueles que deambularam comigo, que foram pontes entre as margens das escolhas.

Ao Professor Doutor João Teixeira Lopes - meu orientador - agradeço o acompanhamento nesta rota de investigação. Desde os primordiais debates à orientação entusiasta, pela experiência sociológica e encorajamento. Mas, sobretudo, pelo apoio nas presenças e nas ausências, pelo incentivo nos melhores dias e nas horas mais lancinantes. Por ter sabido lidar com ambições desmesuradas, por acreditar. Obrigado.

A Sociologia. Aos professores – todos com o seu contributo, quer profissional e pessoal – que, ao longo de cinco anos, me transmitiram conhecimento, impulsionaram a capacidade de ver sempre mais além e possibilitaram a experiência de caminhos até então desconhecidos. Desde a chegada, até à partida. Obrigado.

À SRU, Porto Vivo – ao Arquiteto Paulo Valença e à Engenheira Margarida Guimarães – pela disponibilidade de colaboração no momento exploratório desta pesquisa. Obrigado.

Ao Pelouro do Urbanismo da Câmara Municipal do Porto – sobretudo ao Arquiteto Pedro Baganha – pelo seu valioso contributo, pela capacidade de ver a cidade de uma forma autêntica e entusiasta, uma cidade de todos e para todos. Obrigado.

Ao Museu da Misericórdia – à Dra. Regina Andrade – por nos permitir conhecer os trilhos culturais e artísticos presentes na Rua das Flores, por revelar o encanto da sua historicidade e o valor das suas pessoas. Ao Museu das Marionetas – à Dra. Isabel Barros – por complementar a nossa visão sobre a esfera cultural urbana e ter mostrado interesse na colaboração. Obrigado.

À Porto Lazer – à Dra. Cláudia Melo – por nos revelar as rotas interventivas no Centro Histórico do Porto e o envolvimento no desenvolvimento cultural e artístico da cidade. Obrigado.

À Opium – e um especial agradecimento à Arquiteta Ana Pedrosa – pelo diálogo, pelo interesse em colaborar e levar a pesquisa a bom porto. Pelas sugestões e pelo testemunho fundamental no âmbito deste projeto. Obrigado.

À Associação Portuguesa para a Proteção do Património e Reabilitação Urbana – em especial à Arquiteta Cilísia Ornelas – pela disponibilidade e pela atenção conferida aos anseios da presente investigação. Obrigado.

À Inês Bartolomeu, da Sítios e Memórias, pelo empenho, curiosidade e espírito de ajuda que transmitiu. Obrigado.

À Carolina Ferreira, pelo testemunho de alguém que vive quotidianamente a rua. Obrigado.

Aos comerciantes da Rua das Flores. Um especial e profundo agradecimento. Pelas histórias narradas, pelas experiências transmitidas, pelas memórias consagradas. Pelo sentimento à rua, pela sensibilidade às mudanças. Por saberem receber, por me abrirem as (suas) portas. São as vozes da cidade. Obrigado.

À Andreia, pelo profissionalismo, eficiência e valiosa colaboração na transcrição de entrevistas. Obrigado.

À Helena, pelo incentivo sempre presente nos últimos meses. Por acreditar. Obrigado.

Aos que estiveram lá. No início, durante e no final. Nas horas vestidas de ânimo, nos momentos de carregada angústia. Nas certezas e nas dúvidas. Nas idas e vindas. Nos avanços e retrocessos. No “ir em frente” e no “voltar atrás”. Talvez nos sorrisos, por vezes nas lágrimas. Mas sempre no incentivo, de olhos postos no futuro.

Um especial obrigado: ao Diogo, pelas partilhas e pelo olhar sonhador sobre um mundo sociológico onde fomos entrando e entranhando, pelas memórias infinitas e pelo quotidiano de amizade; à Cláudia, pela constante confiança transmitida e pela resiliência partilhada; à Mariana, pelos diálogos saudosos e pela entejuda ao longo desta experiência; à Sofia, pela companhia e interesse de partilha, desde o arranque até ao final deste ciclo; ao João, pelo entusiasmo conferido à investigação, pelas conversas repletas de ideias, sugestões e ambições; à Sara, pela amizade e sorrisos de incentivo. E àqueles que me acompanharam ao longo desta trajetória. Obrigado a todos.

À minha Mãe. À minha irmã.

Por terem sido os pilares mais fortes. Por estarem lá – ao longo dos anos, meses, semanas. Por fazerem valer a pena. Pelos dias que ficam na memória, pelos dias que custam mais a passar. Pela luta, pelas vitórias. Pelo esforço, pela companhia. Por lidarem com o melhor de mim, mas também com as minhas ausências e com o manancial de emoções, de altos e baixos, que se fizeram de passagem ao longo desta investigação, no nosso quotidiano. Por tudo e sempre por mais.

O obrigado mais especial é para vocês.

Ao destino. Por me ter proporcionado criar laços - sem nós - pelo mundo sociológico.

Por me permitir empreender. Transformar. Mudar. Sonhar.

“It matters not how strait the gate,
How charged with punishments the scroll
I am the master of my fate:
I am the captain of my soul.”

Resumo

A presente dissertação é produto de uma investigação sociológica acerca do processo de reabilitação urbana na Rua das Flores, como fenómeno potencializador e mecanismo de mudança e de recomposição do tecido urbano e social do território em análise. Urgindo como temáticas entrelaçadas e em constante interação, apresentamos uma abordagem em torno de um objeto teórico que se consubstancia em múltiplos vértices analíticos: a cidade e as áreas históricas urbanas, a reabilitação urbana e as políticas urbanas de ação estratégica em tónica.

Objetivamos compreender – à luz das evidências teóricas de referência e das pistas empíricas emergentes – os impactos na recomposição do tecido urbano e social que o processo de reabilitação urbana levado a cabo na Rua das Flores despoletou neste território urbano. Procuramos sustentar a perceção e estudo destes impactos no âmago das vivências, apropriações e experiências subjetivas dos atores sociais da rua: comerciantes e entidades culturais locais. Alocamos ainda um eixo dedicado à ação e às práticas de reabilitação urbana por parte das empresas municipais e de entidades privadas que desenvolvem trabalho sobre a temática, de modo a cruzar visões e a apurar a pluridimensionalidade da problemática enquanto processo de mudança urbana e social.

Ancorada numa metodologia de índole qualitativa e de pendor etnográfico, a presente investigação foi trilhada e conduzida através do exercício de observação direta, da aplicação de entrevistas, do escrutínio e análise de fontes documentais, como é o caso da imprensa escrita, e ainda, transposta através de alguns dos resultados observados numa cartografia simbólica e dedicada à memória afetiva de um dos segmentos da amostra entrevistada. Abrindo pistas para investigações futuras, concluimos que a reabilitação urbana consubstancia uma heterogeneidade de impactos no tecido urbano e social: das metamorfoses nos espaços públicos e no edificado ao progressivo ecletismo de públicos, é apontada uma paulatina descaracterização da rua, enquanto lugar de memórias e de partilha coletiva

Palavras-Chave: recomposição social e urbana; reabilitação urbana; Rua das Flores; cidade; políticas urbanas.

Abstract

This work is the product of a sociological investigation of the urban rehabilitation process at Rua das Flores, as propelling phenomenon and mechanism of change and recomposition of urban and social structure in the territory, under analysis. Urging as intertwined themes and ongoing interaction, we present an approach around a theoretical object that is embodied in multiples analytics vertices: the city and the historic urban areas, urban rehabilitation and urban policies of the strategic action in focus. We aimed to realize – within the theoretical evidence reference and emerging empirical clues - the impacts on the recomposition from the urban and social structure that the urban rehabilitation process undertaken in Rua das Flores triggered in this urban territory.

We seek to sustain perception and the study of these impacts at the core of the experience, appropriations and subjective experiences of the social actors of the street: merchants and local cultures entities. still we allocated an axis dedicated to action and to the practices of urban rehabilitation by the municipal enterprises and private entities engaged in work on the subject, in order to crossing the views and determine the multidimensionality of the issue as a process in of urban and social change.

Anchored in a qualitative methodology and ethnographic propensity, this research was threshed and conducted through the exercise of direct observation, applying interviews, of the poll and analysis of documentary sources, as it's written in the press, and also transposed through some of the results observed in a symbolic cartography and dedicated to the affective memory segment of the interviewed sample. Open for future research, we concluded that urban rehabilitation constitutes a heterogeneous impact on urban and social structure: the metamorphoses in public spaces and edified the progressive public of eclecticism, a gradual mischaracterization of the street is appointed, as a place of memories and collective sharing

Keywords: social and urban recomposition; urban rehabilitation ;Rua das Flores; city; urban policies

Índice de ilustrações

Figura nº1 – Modelo de análise da investigação	49
Figura nº2 – Cartografia dos Sentimentos	99
Figura nº3 – Categorias analíticas das notícias – <i>a priori</i>	194
Figura nº4 – Categorias analíticas das notícias – o durante	195
Figura nº5 – Categorias analíticas das notícias – <i>a posteriori</i>	196
Figura nº6 – Cronograma da Investigação	197

Índice de Quadros

Quadro nº1 - Distribuição dos comerciantes por Sexo (%)	190
Quadro nº2 - Distribuição dos comerciantes por Idade (%).....	190
Quadro nº3 - Distribuição dos comerciantes por habilitações literárias (%).....	191
Quadro nº4 - Distribuição dos comerciantes por situação profissional (%)	191
Quadro nº5 - Distribuição dos comerciantes por Naturalidade (%)	192
Quadro nº6 - Distribuição de comerciantes por Lugar de Residência (%)	192

Lista de Siglas e Abreviaturas

- ACRRU** – Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística
- APPRUP** – Associação Portuguesa para a Proteção do Património e Reabilitação Urbana
- ARU** – Área de Reabilitação Urbana
- CHP** – Centro Histórico do Porto
- CMP** – Câmara Municipal do Porto
- CRUARB** – Comissariado para a Renovação Urbana da área Ribeira-Barredo
- DINKY** – *Double Income, No Kids Yet*
- DLOC** – Plano de Desenvolvimento Local Orientado para a Comunidade
- IHRU** – Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana´
- MMIPO** – Museu da Misericórdia do Porto
- ORU** – Operação de Reabilitação Urbana
- PEDU** – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano
- QREN** – Quadro de Referência Estratégica Nacional
- SAAL** – Serviço de Apoio Ambulatório Local
- SRU** – Sociedade de Reabilitação Urbana
- UE** – União Europeia

Introdução

Acompanhando as metamorfoses urbanas e sociais que se afloram, paulatinamente, nas cidades e, sobretudo, nas áreas históricas urbanas, acalentamos – ao longo deste percurso académico e derradeiro ano de ciclo de estudos – a necessidade de investigar e de almejar *sociologicamente* o aprofundamento e compreensão das problemáticas em torno das mudanças sociais e urbanas que efervescem nas sociedades. A presente dissertação insere-se no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresentando como objeto teórico em análise a reabilitação urbana na Rua das Flores - Centro Histórico do Porto – e os impactos na recomposição do tecido social e urbano local.

O processo de reabilitação urbana dos centros históricos urbanos reproduz, como mote do seu próprio desenvolvimento e ação local, uma panóplia de dinâmicas associadas à reorganização do tecido urbano, social e cultural, abarcando os atores sociais locais e institucionais afetos aos territórios alvos de requalificação. De acordo com Barata Salgueiro (2005) e postulando uma esteira de princípios consubstanciados na melhoria do edificado, infraestruturas locais e espaços públicos, assim como na potencialização das atividades económicas locais, e na primazia estratégica em prol da população local, a reabilitação e requalificação urbana urge como um mecanismo integrador e envolvente, no que concerne à melhoria de qualidade de vida urbana, do património e populações

Constituindo-se como uma temática repleta de matéria densa e complexa, procuramos compreender os meandros do presente fenómeno num território cuja representatividade fosse o preâmbulo para o entendimento da realidade social local. Enveredamos, assim, pela delineação de um trilho – teórico, metodológico e empírico – em torno da cidade do Porto, mais concretamente do Centro Histórico e do território urbano relativo à Rua das Flores, cinzelando o ângulo de visão da investigação em torno do processo de reabilitação urbana. Entre deambulações e olhares de escrutínio em contexto de pesquisa, reconhecemos o Centro Histórico do Porto como um verídico laboratório de investigação sociológica, cruzando um apogeu cronológico entre a matéria do passado e as sinergias requalificadas do presente, um incontestável *empreendimento*

*humano*¹. De facto, temos vindo a assistir a uma renovação da *paisagem urbana*² patente no centro histórico da Invicta, despoletando interesse de investigação no que concerne ao domínio das vivências, apropriações e experiências subjetivas das populações locais, em contexto de mudança urbana e social. Elencamos, deste modo, um conjunto de matrizes substanciadas nos objetivos orientadores do presente estudo: analisar os processos de reabilitação e requalificação urbana, como fenómeno de recomposição do tecido urbano e social local; conhecer as políticas urbanas e os programas estratégicos e de planeamento, colocados em curso na reabilitação territorial; realizar a análise comparativa cronológica entre as mudanças e efeitos urbanos e sociais na área histórica urbana estudada; observar e descrever o fluxo dos diversos públicos no que concerne às dinâmicas residenciais, comerciais e turísticas; e interpretar as questões em torno das perceções, vivências e simbologias representativas dos atores sociais locais.

Colocando a questão: “*Quais são os impactos na recomposição social que o fenómeno de reabilitação urbana despoleta na Rua das Flores, no Centro Histórico do Porto?*”, iniciámos um trilha naquele que é um objeto de estudo multidisciplinar. Diversas indagações florescem na nossa mente enquanto observamos e questionamos as raízes de uma problemática. Algumas metamorfoses e adaptações fizeram parte do quotidiano desta investigação. Sublinhando os focos basilares que desde os primórdios da conceção da pesquisa estiveram presentes: a reabilitação urbana, o Centro Histórico do Porto (focalizando a Rua das Flores) e os planos de gestão e estratégia (políticas públicas e urbanas), esta triangulação de conceitos, e em conjunto relacionadas, conduziu-nos a um objeto de estudo coberto de *nuanças*: os impactos na recomposição social e urbana da Rua das Flores, explorando a consistência do domínio relativo às vivências, apropriações e quotidiano dos seus públicos, sublinhando os efeitos da reabilitação urbana. Tornara-se importante o estabelecimento de uma conexão entre todos os pontos de partida, a criação de uma simbiose que permitisse encadear um trilha metodológico consistente e capaz de nos fornecer dados empíricos relevantes.

¹ cf. Gordon Cullen (1983) [2006], acerca da capacidade de as cidades conseguirem conjugar uma organização viável e funcional, reunindo um conjunto de elementos multidimensionais.

² cf. Gordon Cullen (1983) [2006], argumentando o envolvimento artístico entre a cidade e os seus elementos: a disposição dos edifícios, das ruas e dos espaços que constituem todo o ambiente urbano.

O contexto e lugar escolhidos proporcionaram alocar a imaginação e a redoma de ideias que tão ansiosamente iam surgindo, e o público – a população-alvo da investigação, o verdadeiro busílis metodológico – compôs um pano de fundo que nos concedeu, abertamente, uma ampla capacidade de reflexão, análise e, igualmente, de improviso.

O primeiro capítulo do presente estudo remete para uma *calçada de ideias*: o enquadramento teórico e estado da arte, abordando as questões em torno da produção e reprodução do espaço, passando pelas teorizações multidisciplinares sobre a cidade, o urbanismo e a reabilitação urbana, fazendo uma *tour* pelas etapas do urbanismo e das recomposições na própria *antiga, muy noble, sempre leal e invicta* cidade do Porto, não relegando a passagem obrigatória pelo campo das políticas urbanas, dos planos de gestão e das decisões autárquicas. Culminando o capítulo com o aprofundamento teórico relativo à Rua das Flores, em torno do domínio da historicidade, preservação e mudança social e urbana, postulamos a relevância das questões em torno da gentrificação habitacional e comercial e do fenómeno de turistificação. Por sua vez, o segundo capítulo da dissertação urge como o *modus operandi* do trabalho, remetendo para a abordagem e justificação das escolhas metodológicas e diretrizes técnicas adotadas no decurso da investigação, abarcando a explicitação dos trilhos empíricos alicerçados numa vertente etnográfica e os meios que encetamos cuidadosamente com a finalidade de recolhermos os dados e procedermos à sua análise. Relativamente ao terceiro capítulo - a *alma mater* dos resultados – apresentamos a análise dos dados recolhidos: o observatório da imprensa, os registos do exercício de observação direta e diários de campo, a análise de conteúdo das entrevistas semi-diretivas e a elaboração da cartografia dos sentimentos, procurando descortinar os impactos da reabilitação urbana no tecido social da Rua das Flores, focalizando as experiências subjetivas, vivências e apropriações da população-alvo.

Por último, o capítulo das notas conclusivas da investigação, encerra o caminho que, durante um ano foi trilhado, sedimentado e aprofundado, relevando as principais indagações suscitadas ao longo e no final deste processo de pesquisa e de conhecimento, deixando o repto para a formulação de novas ideias e teorizações – à luz das conclusões apresentadas – e a possibilidade de um *continuum* de investigação em torno da recomposição do tecido social em contexto urbano e de reabilitação.

“Quando eu tocasse alguma coisa, quando segurasse um livro ou ouvisse uma canção, só seria capaz de fazê-lo através do Porto.

Na verdade, nem eu próprio seria capaz de distinguir-me do Porto.

Seria capaz de dizer "*o Porto*", seria capaz de dizer "eu", mas apenas o faria por preguiça analítica, por mecanismo desonesto de esquematização.

Essa mentira seria fácil de desmascarar em cada palavra dita, escrita, em cada silêncio, porque se eu articulasse um som mínimo, seria o Porto que o estaria a dizer; se eu escrevesse uma letra, seria o Porto a escolhê-la; se eu permanecesse quieto, a olhar para a distância e a pensar em imagens de tempos passados, seria o Porto que existiria no meu lugar,
a lembrar-se de dias, passados neste ou noutra século.”

José Luís Peixoto (2011)

Capítulo I

Metamorfoses urbanas e sociais na recomposição da cidade: uma calçada de ideias

1.1 - Deambulações: os liames da (re)produção do espaço

“Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão;
A um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos,
Representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida.”

Baudelaire

As sociedades contemporâneas são alvo de constantes e profundas metamorfoses. Mudanças estas que se estendem às múltiplas esferas da vida social, sendo produzidas e reproduzidas, no quotidiano das estruturas e dos atores sociais. Enfatizando a carga simbólica que as cidades e os seus centros históricos³ detêm desde sempre e na atualidade, considera-se imprescindível na abordagem em torno da reabilitação urbana e da recomposição do tecido urbano e social, um aprofundamento e análise primordial dos eixos teóricos relativamente ao espaço, sua produção e reprodução. Abordar as questões relativamente ao espaço propõe-nos uma necessária aliança representativa entre o simbólico e o identitário.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo do espaço, dos seus apanágios e das suas representações mais vastas, é inevitável não vislumbrar uma abordagem em torno da humanização da própria noção de espacialidade, através de uma cronologia histórica e temporal. De modo preliminar, é possível tomar o espaço como um *campo de inter-relações sociais*⁴, sendo algo compósito e representativo de um profundo *sistema de relações*⁵ no qual ocorre uma associação entre o lugar, o social e o cultural. O conceito de *topologia social*,⁶ é largamente representativo do mundo social sob forma de espaço. Assumindo a sociedade como multidimensional, o cariz identitário e

³ cf. Peixoto (2003), para uma abordagem sociológica do conceito de *centro histórico*.

⁴ cf. Ledrut (1968), para uma abordagem sociológica de espaço como campo de inter-relações sociais.

⁵ cf. Bourdieu (1989), para uma abordagem sociológica de espaço como sistema de relações.

⁶ cf. Bourdieu (1989), para uma abordagem do conceito de topologia social.

diferenciador dos agentes sociais passa pela relevância das posições ocupadas pelos mesmos no espaço.

O espaço, para além de dualidades, reflete uma extensa matriz de pluralismos. Enveredando, portanto, através do pluralismo de realidades urbanas compreendemos o espaço como um elemento característico e, simultaneamente, um apanágio caracterizador da sociedade, subjacente às práticas sociais, relações e apropriações inerentes. Relevando o contributo de Teixeira Fernandes (1992: 85), o espaço é extremamente representativo das vivências de cada indivíduo, ou seja:

“O espaço vivido é um mundo de representações, isto é, de imagens e de símbolos. O espaço é visível na medida que é lisível. Há que distinguir, por isso, entre a sua produção, uso e significação. Da combinação destes elementos resultam espaços diferenciados.”

O espaço é então dicotomizado entre uma esfera pública e um âmbito privado, sendo que a partir destas noções são estabelecidas relações inclusivas ou de exclusão, bem como lógicas assentes em simbologias latentes e manifestas. Heidegger (1969), aborda a problemática espacial recorrendo à distinção entre as noções de espaço e lugar, relevando o fundamento do denominado lugar como base imprescindível na origem dos espaços. Segundo esta posição teórica, o espaço ultrapassa os limites conceptuais geográficos, físicos ou cosmológicos. O espaço não é, portanto, redutível a noções circunscritas, estando associado às experiências e ao pensamento subjetivo⁷.

Por sua vez, à luz das teorizações de Henri Lefebvre (1992), o espaço é considerado um denso produto social que envolve lutas e contradições, fenómenos próprios de uma sociedade profundamente classista e hierarquizada. Admite, assim, a existência de uma vasta diversidade de contextos que contrasta com as especificidades circunstanciais. O espaço, analisado através da *dialéctica*, é vislumbrado como contendo uma espécie de consumo de si mesmo, no qual o valor de troca difere substancial e contextualmente, tendo em linha de conta as representações e relativizando as posições sociais. Assim, o autor define e tipifica três modelos de espaço: o *espaço concebido*, que traduz uma representação mais abstrata, imaterial e ideológica do espaço; o *espaço percebido*, cuja

⁷ Wacquant (2010: 30-32), para uma outra abordagem sobre as noções de espaço e lugar no contexto de marginalidade avançada nas sociedades contemporâneas.

noção emerge à luz das práticas sociais e espaciais, dos valores e das ações, reflete a percepção da produção e reprodução do espaço; e o *espaço vivido* que releva as experiências mais subjetivas e quotidianas, as vivências dos indivíduos e grupos. Lefebvre (1992), rompe com a extensa generalização em torno da realidade espacial como algo independente de fatores externos a si mesmo, relevando a pertinência dos usos e apropriações humanas e sociais na produção e definição do espaço.

A complexidade inerente à origem do espaço remete-nos, não obstante, para a emergência do capitalismo e das profundas metamorfoses urbanas. Harvey (2012), releva a influência destes dois aspetos tripartindo o espaço em três dimensões: o *espaço absoluto*, que é considerado como algo independente da matéria, possuindo uma estrutura própria e fixa que permite o planeamento e classificação dos eventos e de fenómenos, “Socialmente é o espaço da propriedade privada e de outras entidades territoriais delimitadas” (Harvey, 2012:10); o *espaço relativo*, que remete para as escolhas relativizadas que cada indivíduo opta e realiza no espaço. Emerge, assim, o carácter fulcral da multiplicidade de localizações. Por sua vez, o *espaço relacional* assenta na capacidade dos processos gerarem o seu próprio tempo e espaço sendo, por isso, uma lógica que apela ao próprio imbuir do espaço no processo, não refletindo algo isolado. A mescla de fenómenos, eventos e experiências existentes promovem a dependência do espaço face aos mesmos. “Uma grande variedade das influências diferentes que turbilhão sobre o espaço no passado, no presente e no futuro concentram e congelam em certo ponto para definir a natureza daquele ponto” (Harvey, 2012:13). Harvey argumenta ainda que no âmago da abordagem das problemáticas associadas ao papel político das memórias coletivas nos fenómenos urbanos é essencial o uso da lógica relacional do espaço-tempo. No entanto, e abertamente, assume que o espaço não é, de todo, um objeto fixo, imutável e que somente se molda às dimensões absoluta, relativa ou relacional. Pelo oposto, o espaço molda-se a cada uma delas, adaptando-se contextualmente e refletindo uma versatilidade única.

A multiplicidade e pluralidade de culturas e realidades sociais distintas promovem figurações igualmente díspares a partir da noção de espaço. De acordo com Teixeira Fernandes (1992:84):

“A imensidade e comicidade do espaço são construções sociais. Estreitas homologias existem entre a cosmologia e a cultura. Estas diversas simbologias associam-se

intimamente ao espírito humano em cada época, nas variadas situações geográficas, dando origem a diferenciadas expressões.”

O espaço remete, assim, para a percepção e representatividade do real e da simbolização do imaginário dos indivíduos e grupos que nele desenrolam a estruturação do seu quotidiano, das suas vidas. Originado e construído sobre os alicerces da sua própria apropriação, das significações inerentes e das identidades que ali se compõem e decompõem, o espaço *não é mais que uma actividade da alma*⁸. A índole urbana é, também ela, transposta num espaço, associando-se intimamente a lógicas produtivas e reprodutivas. Segundo a concepção de Jean Rémy e Liliane Voyé (1992), o fenómeno de urbanização é definido como “processo em que a mobilidade espacial organiza a vida quotidiana, o que supõe a possibilidade e a capacidade de ser móvel, assim como a valorização da mobilidade” (Rémy e Voyé, 1992: 65). Assim, e quando debatemos as questões em torno da produção e reprodução do espaço, não indagamos somente o papel do espaço em si mesmo, como também dos atores e das relações sociais. Dado que a reprodução e apropriação do espaço se desenvolvem de forma ímpar e distinta, assiste-se usualmente à fragmentação do mesmo. O espaço fragmentado é um espaço diferenciado. E a diferenciação insiste e persiste, na medida que a descontinuidade acresce.

Assim, debatemos e encetamos uma rigorosa análise em torno do espaço urbano, aquele que emerge como busílis do presente estudo e vetor primário na compreensão das dinâmicas de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto e, em particular, na Rua das Flores.

1.2 – Urbi et Orbi: Urbanismo(s) na cidade

“Uma cidade pode ser o nome
dum país, dum cais, um porto, um barco
de andorinhas e gaivotas
ancoradas na areia.

E pode ser um arco-íris à janela, um manjerico
de sol, um beijo
de magnólias

⁸ Simmel (1986), expressão do autor em torno da definição de espaço.

ao crepúsculo, um balão
aceso
numa noite de junho.”
Albano Martins

Perceber e reconhecer a cidade é uma tarefa que, inevitavelmente, aciona e potencializa conhecimentos multidisciplinares e teorias à luz de vastos prismas. A cidade é espaço de territórios e, ela mesma, é territorializada pelos atores sociais e pelas estruturas que permeiam o seu mais amplo funcionamento.

No presente estudo, onde nos cabe compreender as matrizes principais da reabilitação urbana na recomposição social da cidade, a cidade do Porto emerge como um trilha de sentidos, de memórias e de representações, onde se disputam especificidades e regularidades no mais extenso quotidiano urbano.

A cidade – e, em concreto, a do Porto – compõe-se como espaço multifacetado, onde a herança histórica se cruza com os movimentos sociais e as culturas urbanas se envolvem com a tradição cidadina. Uma miscelânea entre o passado e o presente, entre memórias e apropriações que, inevitavelmente, proclamam o futuro da cidade à luz do urbanismo. É notável, portanto, a existência de uma intensa *encruzilhada*⁹ de apanágios que deambulam entre o concreto e abstrato, mas que sensivelmente norteiam o ideal urbano presente na cidade tendo em conta as reconfigurações emergentes. Recorrendo ao contributo teórico de Paula Guerra (2002), é passível de se compreender a ampla existência de um entrosamento entre distintas dimensões, sendo estas forças estruturadoras da cidade como uma sociedade urbana:

“Por um lado, o simbolismo urbano representa um ponto de referência que estrutura e condiciona de muitos modos as atividades sociais, entrando profundamente nos processos que definem as identidades dos atores sociais. Por outro lado, as atividades e as práticas sociais e as constantes interações desenvolvidas nesse quadro contribuem para produzir e reproduzir, estruturar e reestruturar a simbólica e a forma urbana” (Guerra, 2002:73).

O urbanismo e o espaço citadino podem ser então perspetivados como um aglomerado que traduz um modo de vida, densamente contrastante e aliciante, do ponto de vista da relevância da herança cultural e da heterogeneidade populacional e suas

⁹ A expressão é de Paula Guerra (2002), *A cidade na encruzilhada do urbano*.

particularidades. Uma cidade não produz, nem se reproduz no estático. O dinamismo eclode quotidianamente, entre reestruturações, continuidades e descontinuidades. De acordo com o teórico Louis Wirth (1938), uma definição fidedigna de urbanismo não se deveria restringir aos apanágios principais de todas as cidades, mas sim impulsionar a procura e descobrimento das suas mais vastas variações, sendo que quanto maior, mais povoada, heterogénea e diferenciada seja uma comunidade, mais proeminentes serão as características associadas ao urbanismo, sendo que uma cidade pode ser entendida como um estabelecimento relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogéneos. O urbanismo emerge como um modo de vida e, simultaneamente, como estruturador de modos de vida, visto que as próprias instituições, atividades e práticas sociais podem ser aceites e reproduzidas por motivos distintos daqueles que permeiam a sua existência. O modo de vida urbano pode assim permanecer e perpetuar-se segundo condições, distintas e diversas, daquelas que foram representativamente imprescindíveis á sua origem, tendo em conta a sua *densidade e heterogeneidade*, uma vez que a cidade é o reflexo de uma certa heterogeneidade de população que não é inteiramente explicada pela lei das grandes quantidades (Ibidem, 1938).

A problemática da reabilitação do espaço urbano potencializa a emergência de novos contornos no que concerne às tendências urbanas. Compreender o urbanismo do presente indicia a igual perceção da vida contemporânea pós-moderna e capitalista que, invariavelmente, enfatiza a reestruturação económica e social das cidades, colocando a tónica numa profunda índole cosmopolita. Edward Soja (2003) releva nos seus estudos esta vertente de cosmopolitismo citadino e de renovação urbana, tendo em consideração a emergência de novas oportunidades na ação social e na própria *praxis* espacial. À luz desta teorização, a cidade do Porto e, em particular, o seu centro histórico, foco de intervenção prioritária e objeto de revitalização urbana, enquadra-se eficazmente no âmago do pensamento em torno de um processo pautado pela imaginação geográfica e espacial. O uso e constante aproveitamento da espacialidade urbana como fonte de inspiração, inovação e empreendedorismo regenerativo, permite conhecer e reconhecer os primórdios citadinos e a tradição inerente às práticas da cidade. Soja argumenta que:

“É um profundo exemplo do uso da espacialidade urbana para melhorar a compreensão de toda a história da sociedade, o seu desenvolvimento e mudança social. Ela abre estas possibilidades de identificação de uma específica força dinâmica resultante da natureza – ou da essência – da cidade” (Soja, 2003:277).

Interessante é ainda projetar as cidades atuais à luz da noção de *Thirdspace*¹⁰, postulada por Soja, elucidando a forma particular de pensar, refletir e interpretar o produto social do espaço, auferindo este um cariz fortemente simbólico, quer seja do ponto de vista social e histórico, bem como das restantes dimensões que permeiam a vivência humana em comunidade e suas representações percecionadas.

Analisar a situação da cidade urbanizada não apela, somente, a uma reflexão em torno da sua expansão, como também sobre a sua delimitação dado que as fronteiras são cada vez mais difíceis de identificar, um fenómeno de *expolis*¹¹. Tanto quanto conhecemos, o urbanismo não se cristaliza como algo ímpar e homogéneo em todo e qualquer espaço da cidade, trilhando uma distribuição e diferenciação interna do seu carácter e das atividades inerentes. Tal é passível de ser compreendido á luz da conceptualização de Jean Rémy e Liliane Voyé (1992), em torno da *lógica funcional*, da *lógica residencial* e da *exigência de mobilidade e integração na vida urbana*, noções estas ancoradas na teoria desenvolvida pelos autores. Relativamente à *lógica funcional*, esta atualiza os papéis das infraestruturas e equipamentos de elevado nível hierárquico presentes numa cidade, como é o caso de universidades ou de hospitais, situando-os progressivamente no exterior da malha urbana existente e ocupando localizações periféricas da cidade. Ocorre, assim, uma deslocalização destes serviços do centro urbano para os limítrofes periféricos, “Este espaço que concentrava todas as actividades era designado como «o centro», o qual era tanto mais diversificado quanto se situava a um nível elevado da hierarquia funcional” (Rémy e Voyé, 1992:72). Esta lógica funcional alia-se à *lógica residencial* que, contrariamente ao postulado da concentração, se pauta pela proliferação habitacional na periferia ao invés dos centros históricos e urbanos. Durante as últimas décadas, tal fenómeno ocorreu no coração do Centro Histórico do Porto (SRU Porto Vivo, 2012:29), promovendo amplamente fenómenos ligados á desertificação habitacional e comercial, originando posteriormente a progressiva decadência de estruturas físicas e urbanas e uma diminuição populacional local:

“Nas freguesias de Miragaia, São Nicolau, Vitória e Sé, que constituem o Núcleo Histórico onde o Centro Histórico do Porto Património da Humanidade se insere, o decréscimo populacional verifica-se desde a década de 40 do séc. XX, tendência aliás

¹⁰ cf. Edward Soja, 2003.

¹¹ cf. Edward Soja, 1997.

partilhada ao nível da ACRRU. Entre 1981 e 2001, último ano censitário com informação disponível, a perda de população do Núcleo Histórico situou-se na casa dos 53%, passando dos 27.961 habitantes para os 13.218, possuindo a freguesia da Sé o maior decréscimo em termos absolutos (menos 5.732 habitantes, o que representa 39% da perda total no período)” (SRU Porto Vivo, 2012:29).

Um Porto de memórias, mas também um Porto fantasmagórico, o espelho de um urbanismo diferenciado na mesma cidade. Tal como sustenta Virgílio Pereira (2005):

“A centralidade portuense comporta histórias diferentes e consagra modalidades alternativas de espacialização social. Não sendo possível ser exaustivo é importante reter as diferenças de mundos sociais que separa o núcleo antigo da Baixa e esta das suas imediações, mais ou menos periféricas, que comportam função de residência; também se terão, obviamente, de registar as divisões entre a cidade antiga recuperada (ainda muito pouco recuperada face às necessidades) e a cidade antiga (...).” (Pereira, 2005:20).

Cabe ainda um papel fundamental à fenomenologia social e ao interacionismo simbólico no debate em torno das cidades e dos processos urbanos. Nesse sentido, Simmel (1903[1997]) analisa o desenvolvimento das grandes cidades colocando o indivíduo no centro de toda a vida social, debatendo abertamente as formas psíquicas que se desenvolvem entre os indivíduos que vivem na metrópole. Assiste-se à emergência de novas conceptualizações e formas de estar na sociedade que acentua, a liberdade do indivíduo e, simultaneamente, a luta constante entre o indivíduo e a natureza, ocorrendo um desgaste pelas sensações e pelos novos estímulos. De acordo com o autor, ocorre uma forte associação entre a despersonalização das relações sociais, a questão económica e o individualismo citadino, de acordo com o autor:

“As relações e preocupações do habitante da metrópole típico são tão variadas e complexas que, especialmente como resultado da aglomeração de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, as suas relações e atividades se interlaçam umas com as outras num único organismo multifacetado” (Simmel, 1903 [1997]).

Curiosa é, de facto, a similitude existente entre a perspetiva representativa de Simmel e a memória literária de Eça de Queirós na obra *A Cidade e as Serras*, sendo que ambos constroem uma crítica em torno da despersonalização e da progressiva individualização das relações sociais na cidade, enfatizando a perda dos valores até então vigentes, bem como do próprio controlo e sanção social mais patentes no mundo rural:

“Sim, é talvez tudo uma ilusão ... E a Cidade a maior ilusão! (...) E mais amarga, porque o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem fonte de toda a sua miséria. (...). Sim, com efeito, a Cidade ... É talvez uma ilusão perversa!” (Eça de Queirós, 1901:77).

A cidade e o seu urbanismo contêm marcas não somente históricas, como também intimamente associadas aos meandros das memórias e do poderoso imaginário coletivo de quem habita, de quem passa, de quem vê. No fundo, de quem a vivencia. E, como tal, tais experiências e vivências subjetivas remetem para o cariz multivocal da *experiência urbana quotidiana*¹², trilhando a cidade como um retrato de pormenores simbólicos e de profunda proximidade. Lopes (2007:72), argumenta que:

“O retrato da cidade que pretendemos sugerir tem, pelo contrário, contornos de grande proximidade: olha-se para o lado, para cima, na medida dos nossos sentidos e na largueza do gesto. Completa-se o olhar com os odores que brotam da atmosfera circundante e com a sensibilidade táctil de quem toca, por experiência simultaneamente pessoal e social, as esquinas da cidade.”

O espaço urbano é, assim, um enraizado e privilegiado, suporte de memórias e de identidades, sendo este fundamental para a construção e reprodução da natureza identitária de uma comunidade. Maurice Halbwachs retrata este circuito de memórias coletivas através de um trilha de descrições representativas:

“(...) outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muitos mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contacto com eles” (Halbwachs, 1990:27).

A cidade é, representativamente, passagem e permanência, de raízes históricas e culturais que vagueiam de mão em mão, e de memórias, que se perpetuam através do hábito do tempo e das mudanças tão revestidas de práticas. Metamorfose estas que fazem e se desfazem e que, conseqüentemente, dão voz a esperas e a concretizações.

¹² cf. Lopes, (2007).

1.3 – Trilhos: a reabilitação urbana

“No ciclo eterno das mudáveis coisas
Novo inverno após novo outono volve
À diferente terra
Com a mesma maneira.”

Ricardo Reis

Segundo Henri Coing (1966), o urbanismo tem vindo a ancorar-se, progressivamente, na reestruturação das cidades antigas. A renovação urbana modifica, paulatinamente, a aparência dos antigos quarteirões urbanos e, por isso, “os estudos em torno da renovação urbana e da mudança social não devem ignorar o domínio da experiência.”¹³ A renovação urbana apresenta assim duas dimensões distintas: por um lado, as operações de âmagio de desenvolvimento urbano, sob a égide de uma forte vertente política; e, por outro, e simultaneamente, emerge o ideal de reabilitação urbana alicerçado nas necessidades das deficitárias condições habitacionais, postulando um imperativo social de mudança.

Compreende-se, deste modo, que o fenómeno de reabilitação urbana acarreta uma profunda complexidade. Pode ser, antes de mais, analisado à luz da conceção weberiana em torno da ação social. De acordo com Queirós (2013), a precarização das condições de habitabilidade e dos estilos de vida, a generalização das doenças e a falta de higiene - bem como a insalubridade - fatores provindos da progressiva decadência do edificado e da atenção deficitária conferida ao planeamento urbano são fatores permeiam largamente o debate e a ação social que visa a reabilitação e revitalização do panorama urbanístico das cidades atuais.

Segundo Pereira (2008: 227-238), a reabilitação urbana surge como um *mix social* capaz de promover uma profunda atenuação das políticas segregativas estruturadas ao longo de várias décadas através da configuração e, sem dúvida, das contínuas reconfigurações em torno dos espaços físicos e dos espaços sociais dos núcleos urbanos. Reconhece-se, não obstante, que a definição semântica e literária relativa à reabilitação urbana é, no seu âmagio, limitativa e restrita do ponto de vista da panóplia de dimensões que abrange. Por sua vez, Martínez (2008:239-250) argumenta que a reabilitação urbana se pauta pela sua vasta índole integradora de práticas e de ações sociais dirigidas à maior

¹³ Citação traduzida a partir do original: “(...) *les études portant sur l’habitat nouveau et sur le changement social ne peuvent plus ignorer ce domaine d’expérience.*” *Rénovation urbaine et changement social*. Henri Coing (1966).

inclusão social dos moradores e comunidade local. Os critérios mais manifestos neste fenómeno englobam não somente a inclusão social, como também a integração cultural e o desenvolvimento de políticas de reabilitação local que promovem largamente princípios relativos à pluralidade, à integralidade e à habitabilidade. No que concerne à *pluralidade*, a reestruturação do urbano deve conjugar as heranças do passado com os usos e práticas sociais do presente, como uma fusão entre o que é perpetuado e o que é criado. Por sua vez, o princípio de *integralidade* inclui a intervenção em dimensões urbanísticas e arquitetónicas que simultaneamente intercedem em dimensões sociais, económicas e culturais, postulando o desenvolvimento endógeno de certas zonas. A *habitabilidade*, segundo o autor, tende a potencializar a função residencial e incentivar a permanência da população residente, tal como funcionar como atração residencial, comercial, lúdica e cultural para outros grupos sociais.

Firmino da Costa (2008[2009]), alude a problemática da reabilitação urbana através da análise da identidade e do conflito, argumentando que os processos de mudança social se estruturam de acordo com as identidades culturais e sociais do próprio contexto. Poderemos assim, e segundo este contributo, situar a reestruturação urbana através de duas vertentes: a *recomposição endógena*, que postula um desenvolvimento participativo e a valorização conservacionista, e a *recomposição exógena*, que se pauta pelo desenvolvimento maioritariamente tecnocrático e pela valorização liberal. A valorização é assim compreendida como um plano simbólico, tendo em consideração a existência do património cultural e imobiliário. O desenvolvimento, por sua vez, pressupõe um vasto processo interativo entre critérios de negociação e de poder local e comunitário.

As dinâmicas populacionais inerentes à recomposição são potenciais geradores de mecanismos de mercado e de fenómenos como gentrificação – tal como se vivencia no Centro Histórico do Porto – provenientes da ação das instâncias administrativas, associadas à gestão e planeamento urbanístico das cidades. Constata-se, assim, a existência de forças fundamentais no plano da ação interventiva na reabilitação: o poder político, sob forma de autarquia e empresas municipais, as entidades públicas – privadas que promovem a estratégia de reabilitação e os atores sociais locais.

1.3.1 – Por pedras sujas e gastas: reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto

“Quem te vê ao vir da ponte
És cascata, são-joanina
Erigida sobre o monte
No meio da neblina.”
Rui Veloso, *Porto Sentido*

A cidade e, em particular, os centros históricos são permanentemente estruturados e reestruturados através de uma profunda e constante sedimentação e atualização da malha urbana. As ruas, as calçadas e os becos, bem como as praças recheadas de movimento e os pontos icónicos reveladores da índole imaginária e identitária da cidade. Os centros da cidade possuem um semblante carregado de historicidade e de carisma, sendo altamente aclamados e identificados (Bohigas,1998), reconhecendo-se através de um nome, uma identidade, uma representação, assim como em torno do seu património edificado, da integração coletiva da qualidade urbana. Estes locais contextualmente situados, representam profundas marcas históricas alicerçadas nas significações e estados de espíritos provocados em quem lá se perde e se encontra.

O Centro Histórico do Porto é exemplo elucidativo de contrastes urbanos e de familiaridades que nunca se esgotam em deambulações quotidianas: entre as ruas e calçadas íngremes, entre o ressoar do sino dos Clérigos e o aroma outonal de castanhas assadas na Rua de Santa Catarina, entre os carinhosos pregões sentidos do Bolhão e o corropio rotineiro de pessoas em S. Bento à hora de ponta. Sem esquecer, carismaticamente, as varandas sossegadas que estendem ao longo dos prédios da Rua das Flores, testemunhos silenciosos das mudanças ao longo das décadas, como também o próprio nome das ruas, tantos deles oriundos de uma imaginação sustentada no ofício de quem lá vive ou até um dia viveu. A malha urbana conhecida e apreendida do centro histórico vai permitindo a emergência de uma mescla de sentimentos valorativos, onde a pertença se cruza com a memória e as práticas se entrelaçam nas vivências, sendo a *cidade a imagem alegórica da sociedade* (Fortuna, 1999: 27).

Reconhece-se que cada elemento presente no espaço urbano dos centros histórico reproduz uma pertença assinalada no imaginário do local, um reconhecimento intemporal e, paralelamente, um tempo cronológico ímpar que nos permite analisar os fenómenos de

reabilitação e de mudança social relativizando o âmagô espaço – temporal. De facto, e citando Gaspar (1976:17), o simbolismo patente nos centros históricos das cidades são reflexo claro das funções que se sobrepõem e que se vão reproduzindo nesse mesmo lugar, “numa cidade, qualquer que seja a sua dimensão, há sempre uma área mais sensível e que melhor traduz o próprio valor da cidade”.

No século XIX, as políticas de gestão urbana eram parcas e quase inexistentes, sendo que as intervenções eram desenvolvidas através de padrões altamente desregulados. As residências, por exemplo, refletiam fracas condições de habitabilidade e de insalubridade pública, emergindo a proliferação das ilhas e, conseqüentemente, das desigualdades sociais. Constatase que ao longo do século XX, e sobretudo a partir da sua segunda metade, o plano de higienização das ilhas e o surgimento dos primeiros bairros sociais da cidade proporcionaram uma lufada de ar fresco ao panorama urbano no Porto. No ano de 1956, o *Plano de Melhoramento da Cidade* acelerou o processo da demolição de parte das ilhas e, em 1962, o *Plano Diretor da Cidade do Porto* pretendeu a supressão da função residencial do centro histórico da cidade com o objetivo de incrementar um maior domínio do setor terciário e do comércio tradicional nessa área urbana. Imprescindível será evocar a emergência do SAAL¹⁴, num período pós 25 de Abril e onde as tentativas de mudanças revolucionárias ainda efervesciam, no qual era promovida a inflexão das estratégias políticas e de planeamento urbano, proporcionando assim: novas políticas de habitação; um planeamento renovado no que concerne à gestão urbana; a participação de âmagô popular e associativo, visando soluções democráticas:

“O resultado foi o desenvolvimento, em articulação com o movimento de moradores, de diversos projectos inovadores de habitação social, cujos objectivos passavam essencialmente por contrariar a expulsão das classes populares do centro da cidade e obstar às tentativas de desestruturação dos seus modos de vida” (Queirós, 2007: 93).

Neste período, e com o surgimento do CRUARB¹⁵, a defesa da residência das classes populares do centro histórico tornou-se primordial, assim como a recuperação do vasto património histórico, cultural e edificado. O comissariado pretendia levar a cabo um ideal de *cidadania cultural*, visando o desenvolvimento das realidades culturais, através dos princípios de multiculturalidade e de integração multifacetada, muito embora dispusesse

¹⁴ SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local.

¹⁵ CRUARB – Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo.

de parques recursos. Durante a década de 1980, contudo, assiste-se a um retrocesso da reabilitação urbana no centro histórico do Porto, assim como uma certa passividade patente nas políticas públicas de desenvolvimento local, fenómeno acentuado pela crescente desindustrialização, pela terciarização e pelo progressivo crescimento das periferias. Fenómenos como a suburbanização extensiva e a descontinuidade das construções ditadas pelo liberalismo económico promoveram inúmeras dificuldades e problemas no cerne da malha urbana da cidade do Porto. Tais aspetos contribuíram largamente para o progressivo défice populacional da zona histórica da cidade, pela decadência do edificado habitacional e espaço público em prol do alargamento da cidade para as periferias (Idem, 2007), bem como pelo desgaste dos equipamentos e iniciativas de âmbito cultural e social

Em meados dos anos 1990, a UNESCO declara o centro histórico do Porto como Património Mundial da Humanidade, acontecimento que reacende a focalização dos cuidados no centro histórico, apostando-se na internacionalização do espaço urbano, na valorização da iconografia e na atratividade e competitividade como vetores basilares do desenvolvimento local. Ocorre a consciencialização da necessidade de preservação dos traços fundamentais e, simultaneamente, a urgência de intervenção sobre o mesmo espaço urbano, com vista a atração de turistas, de serviços renovados e de novos residentes. Por sua vez, aquando a eleição para Capital Europeia da Cultura, em 2001, o Porto vivenciou profundas manifestações de requalificação urbana, sobretudo no âmbito das infraestruturas, postulando o esforço de desenvolvimento de práticas culturais e artísticas em contexto urbano (Ferreira, 2003:136-137). À luz do paradigma da reabilitação urbana e do desenvolvimento local das cidades e dos seus centros históricos assiste-se à reurbanização, um fenómeno que prima pelo estabelecimento e potencialização de novos e renovados contornos de urbanização, de modo a preservar-se o valor histórico, cultural e tradicional presente na cidade e, simultaneamente, colocando em tónica os princípios basilares do ordenamento e planeamento territorial. De acordo com Peixoto (2003:212), os denominados *centros históricos* compõem uma nova sintaxe do espaço urbano, isto é, as novas configurações evocam-se a par de uma revitalização da própria qualidade dos estilos de vida urbana, resultando na efervescência de novos espaços urbanos, adequados às exigências da cidade e da comunidade, e na constante adaptação e atualização dos espaços de outrora, possibilitando a preservação e salvaguarda do cariz dos mesmos.

A questão do desenvolvimento local e da requalificação urbana adotam como principais prioridades o desenvolvimento dos territórios, o fomento da capacidade empreendedora e inovadora e o impulsionamento de projetos adequados e que proporcionem a transformação do sistema local e social (Pecqueur,1987), sendo que o espaço local pode evidenciar a força entre movimentos opostos.

Apura-se, invariavelmente, a emergência de um profundo louvor e admiração no que concerne ao ideal representativo dos centros históricos, uma paixão manifesta pela sua historicidade e pela aura que emana desses lugares. Paralelamente a este estatuto de memória urbana perpetuada, o centro histórico é, no presente, alvo de uma progressiva e evidente atratividade e curiosidade turística, colocando-o, literalmente, num pódio urbano centralizado enquanto destino de visita e permanência. No Centro Histórico do Porto tal fenómeno é passível de ser observado quotidianamente: entre um corrúpio de visitantes na Torre dos Clérigos, de deambulantes constantes entre a Mouzinho da Silveira e a Rua das Flores ou dos passeios fotográficos junto ao cais da Ribeira, com o Douro como pano de fundo. De acordo com Queirós (2016:31-35), após 2008 verifica-se um recentramento da reabilitação urbana no Porto, seja através da imposição de planos de gestão promovidos pela UNESCO e pela SRU, o que proporciona a emergência de desafios de ordem económica e urbanística no Centro Histórico do Porto. A par da perda vitalidade económica da cidade e da persistente saída dos habitantes, assiste-se a uma paulatina e crescente competitividade do mercado imobiliário, assim como ao aumento dos preços da habitação, seja para compra ou arrendamento. Este fenómeno, como desenvolveremos mais à frente, reflete o reforço da importância dos agentes sociais com maiores volumes de capital escolar e económico, o que se traduz num duplo significado.

De acordo com Queirós (2007), a cidade traduz igualmente a ampla existência de forças antagónicas e de desequilíbrios estruturais profundos, resultado das apropriações diferenciadas e da organização social no espaço urbano. Cabe ainda referir que o processo de reabilitação e requalificação urbana no espaço urbano desperta, inevitavelmente, controvérsias de diversos domínios. Por um lado, postula a capacidade de renovar e revitalizar os elementos urbanos, englobando a dimensão territorial e arquitetónica, assim como a melhoria das condições e estilos de vida das populações locais, conferindo inúmeros impactos urbanos, económicos e sociais; por outro lado, determinadas intervenções urbanísticas no âmbito da reabilitação tendem, paulatinamente, a serem

colocadas em tónica segundo os princípios de atratividade externa e de *turificação*, sendo maioritariamente objeto de negócio com a pretensão a uma identidade cultural singular marcada, ao invés, por uma certa multiculturalidade e que vai ao encontro e desejo de quem visita, algo que é imposto na requalificação do espaço urbano. Fernandes (2013:126) alude esta questão, argumentando:

“(…) intervenções de embelezamento e historicismo forçadas, num processo de “turistificação”, composto de soluções orientadas pela vontade de agradar ao visitante, o que chega a justificar a transferência dos habitantes e a dar por boas reabilitações muito coloridas, orientadas para um pretense reforço de uma identidade cultural que corresponde, quase sempre, ao que quem decide pensa que os turistas consideram como a identidade cultural da cidade.”

A controvérsia gerada neste ponto muito se prende com os planeamentos de gestão urbanística e com as próprias estratégias de intervenção, muitas vezes elaborados com vista à melhoria da vertente estrutural e relegando, frequentemente, a dimensão associada as apropriações e vivências das populações locais, atores sociais imprescindíveis no processo de mudança e na perceção do impacto do mesmo. A ideia de hibridismo e de embelezamento urbano sustentado no processo de *turificação* supramencionado, vai ao encontro do argumento do Arquiteto Pedro Baganha (Pelouro do Urbanismo):

“Eu tenho a convicção que a cidade do Porto também está um bocado por se descobrir, por desabrochar.

Quero acreditar – tenho essa esperança – de que o fenómeno da reabilitação a que estamos a assistir é mais este, de reabertura de uma cidade, do que propriamente um fenómeno de moda passageiro do agora ... Eu acho que o tecido social é forte o suficiente para sustentar o interesse que a cidade – quer dizer, eu gosto de Veneza, mas eu prefiro Florença – porque é uma cidade coesa, que Veneza não é. É uma coisa ... maravilhosa, absolutamente. Ficamos emocionados quando lá vamos, etc, etc, etc. Florença não. Florença, apesar de tudo, é uma cidade que vive.

As pessoas a falar, o barulho das ruas.”

Entrevista exploratória – Arquiteto Pedro Baganha, Pelouro do Urbanismo C.M.P (2016)

A controvérsia gerada neste ponto estende-se ao domínio dos planeamentos de gestão urbanística e das próprias estratégias de intervenção, elaborados com vista à melhoria da vertente estrutural e relegando, frequentemente, a dimensão associada as apropriações e vivências das populações locais, atores sociais imprescindíveis no processo de mudança e na perceção do impacto do mesmo.

1.4 – Políticas urbanas: sentidos e orientações

A Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense (SRU), assume-se, desde 2004, como a entidade responsável pela reabilitação urbana na cidade do Porto, sendo constituída pelos capitais públicos estatais oriundos do IHRU¹⁶ e da Câmara Municipal do Porto. Apresenta como objetivos fundamentais a promoção da reabilitação urbana da área crítica de recuperação e reconversão urbanística da cidade do Porto, a orientação dos processos, a elaboração de estratégias de intervenção e atuação como mediador entre proprietários, investidores e arrendatários. De acordo com a SRU (2005):

“As áreas de reabilitação urbana correspondem a espaços urbanos que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsdscência dos edifícios, das infraestruturas urbanas, dos equipamentos ou dos espaços urbanos e verdes de utilização coletiva, justificam uma intervenção integrada.”

Relativamente ao Centro Histórico do Porto, os vetores de desenvolvimento que norteiam a atuação da entidade passam, sobretudo: pela re-habitação da Baixa do Porto; pelo desenvolvimento e promoção do negócio na Baixa do Porto; pela revitalização do comércio tradicional; pela dinamização do turismo, cultura e lazer; pela qualificação do domínio público e pela implementação de ações estratégicas. O plano de gestão da SRU no Centro Histórico do Porto defende, assim: *“Proteger, Preservar, Valorizar e Promover o Centro Histórico do Porto Património Mundial, expressão física da natureza universal da criatividade humana, Coração e Alma da Cidade, Fonte de Vida e Inspiração das Gerações Actuais e Futuras.”* (CMP, 2008). A SRU, pressupõe deste modo, um conjunto de matrizes-chave à sua ação estratégica:

“E quais são as nossas missões? Por um lado, planear: é falar com investidores ou senhorios ou proprietários que queiram intervir no seu edificado. Por outro lado, fazemos licenciamento de tudo o que é produção urbanística no Centro Histórico do Porto. Depois, por ser uma área classificada como Património Mundial, para além da operação de reabilitação urbana que foi desenhada já antes o Centro Histórico do Porto tinha um plano de gestão que tinha sido desenvolvido por nós a pedido da Câmara do Porto, uma “encomenda” pela Unesco, sobre este território.”

Entrevista exploratória – Arquiteto Paulo Valença e Engenheira Margarida Guimarães, SRU (2015)

¹⁶ IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

A necessidade de uma renovada cultura urbanística no centro histórico do Porto exige igualmente contributos de diversas forças motrizes e multidisciplinares na gestão dos processos de mudança e do carácter preservador. Por um lado, emerge como principal dificuldade (mas não obstante virtude urbana!) o fator ligado à historicidade da cidade e ao valor patrimonial magistral do presente território. Deste modo, as questões em torno da reabilitação urbana, sobretudo no âmbito do património e edificado, bem como os mecanismos de desenvolvimento, devem respeitar a identidade, as memórias e, sobretudo, as pessoas do Porto, que mais do que isso, vivem a cidade e tornam a cidade viva.

“Reabilitar e revitalizar o centro do Porto, é também respeitar o que caracteriza o seu território, os seus edifícios, as suas gentes e o seu modelo de desenvolvimento, não podendo, no entanto, ficar aquém da necessária transformação do processo urbano” (Masterplan, 2005:5).

De acordo com a Porto Vivo (2005), os vetores de desenvolvimento fundamentais no incremento de um profundo processo de reabilitação e revitalização do tecido urbano apoiam-se num conjunto de dinâmicas sustentadas na complementaridade entre o comércio, o turismo, a cultura, os negócios e o lazer. Promove-se, assim, a *re-habitação* como uma prioridade na reabilitação do centro histórico urbano do Porto, sendo que a criação de novas condições e políticas habitacionais configuram um pilar na instalação de famílias e população mais jovem no coração da cidade, mobilizando programas e apoios à recuperação do património edificado, aos arrendamentos e à compra dos mesmos; a criação de condições para a implementação de negócios no coração do centro urbano, promovendo-se as mais vastas áreas de investigação, criatividade e inovação; a renovação e o novo desenho de um espaço público atrativo, confortável e para todos, “*transversal e unificador*”, qualificando as infraestruturas já existentes, a criação de novas e ainda postulando o princípio de organização da mobilidade; a elevação da cultura, do turismo e do lazer como forças motrizes do desenvolvimento da cidade, “*no Porto, algo deverá estar sempre a acontecer.*”; e o comércio como estratégia dominante na revitalização, aspeto integrante da reabilitação urbana e com um pendor decisivo na mudança, aumentando o seu grau de qualidade, competitividade e distinção.

Referenciando o *Masterplan* (2005:13), a revitalização do comércio na cidade do Porto assume-se como:

“Factor determinante na recuperação da cidade, o comércio no centro do Porto será sustentável se alicerçado na sua identidade e especificidades próprias, na sua história, património e oferta cultural, bem como nas suas forças enquanto cidade europeia e cosmopolita.”

Aquando a elaboração desta síntese executiva, em 2005, os pontos centrais do projeto de reabilitação urbana no centro histórico do Porto potencializam o comércio ao nível: dos impactos da habitabilidade e da vitalidade do centro urbano; do papel dinamizador desta atividade económica tradicional que se encontra em declínio; da revitalização da circulação e mobilidade no centro da cidade; e da projeção icónica da cidade, seja ao nível regional, nacional e internacional. Hoje, quase onze anos depois, conseguimos compreender que algumas destas missões conseguiram ter o seu reverso e objetividade após os planos de melhoramento urbano.

Assim, e no que concerne às políticas públicas e planos estratégicos colocados em ação nas últimas décadas, o *QREN*¹⁷ refletiu uma ampla política comunitária de coesão económica e social (2007-2013), visando uma agenda operacional para a valorização do território e um cofinanciamento a determinadas entidades responsáveis pela reabilitação urbana e desenvolvimento dos territórios, como é o exemplo da SRU – Porto Vivo. Tal estratégia apresentou como objetivos primordiais: a tentativa de conceder melhores condições de atratividade para o investimento e produção; diversas intervenções na dimensão estrutural dos territórios; a aplicação de equipamentos necessários e adequados às exigências da qualificação e requalificação territorial; a melhoria das condições e estilos de vida para as populações locais; a promoção de coesão e revitalização económica, territorial e social. De acordo com os dados do próprio quadro estratégico:

“O QREN assume como grande desígnio estratégico a qualificação dos portugueses e das portuguesas, valorizando o conhecimento, a ciência, a tecnologia e a inovação, bem como a promoção de níveis elevados e sustentados de desenvolvimento económico e sociocultural e de qualificação territorial, num quadro de valorização da igualdade de oportunidades e, bem assim, do aumento da eficiência e qualidade das instituições públicas” (QREN, 2007).

Inserido no âmbito do *QREN*, o *ON.2 – O Novo Norte*¹⁸ funcionou como instrumento financeiro de apoio e desenvolvimento regional no Norte de Portugal (NUTS II),

¹⁷ *QREN* – Quadro de Referência Estratégica Nacional.

¹⁸ *ON.2 – O Novo Norte* – Programa Operacional Regional do Norte.

contribuindo estrategicamente para a promoção do desenvolvimento sócio-económico e territorial sustentável das regiões. Apostando em quatro eixos fulcrais e prioritários, este programa pautou-se assim pelas seguintes orientações: a competitividade, inovação e conhecimento; a valorização económica de recursos específicos; a valorização do espaço regional; a coesão local e urbana; e, por último, a assistência técnica. Distinguindo o eixo relativo à coesão local e urbana como aquele que apela à regeneração urbana e à requalificação dos centros escolares.

Atendemos que as políticas públicas são um conjunto de matrizes cujos princípios orientadores pautam-se pela elaboração e aplicação de estratégias e formas de exercício de poder político. Tais estratégias englobam um vasto conjunto de critérios, desde a distribuição de poderes e decisões, assim como a partilha de custos e benefícios sociais inerentes. A pertinência das políticas públicas de desenvolvimento local e no âmbito da requalificação urbana é relevante, uma vez que estas refletem o conjunto de medidas que são tomadas pelo Estado e autarquias e que são consideradas necessárias na construção de um quadro de produção, capaz de criar e recriar e que igualmente pressuponha a capacidade de interligação a nível regional, nacional e até mesmo global. De acordo com Teixeira (2002), nas sociedades contemporâneas e globalizadas verifica-se uma intensa ocorrência de mudanças, sendo por isso necessária a criação de estratégias e medidas de desenvolvimento e planeamento territorial e social. De acordo com o atual Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, a reabilitação urbana não é um fenómeno singular e incorporado num mandato ou num presidente, esgotando-se nesse mesmo objetivo. Pelo contrário: *“A reabilitação urbana é um desígnio da cidade.”* Incorporando assim participantes urbanos em todas as suas vertentes: o município, o Estado, as entidades privadas e os cidadãos.

“Nós não queremos acreditar que o Porto é uma moda. Queremos acreditar que a cidade do Porto foi descoberta. Porque eu sou portuense, eu gosto muito da cidade do Porto, sempre achei que esta cidade era maravilhosa.”

Entrevista exploratória – Arquiteto Pedro Baganha, Pelouro do Urbanismo C.M.P (2016)

As políticas públicas de desenvolvimento local e os quadros estratégicos visam colmatar as desigualdades e desequilíbrios através da reestruturação territorial, da mobilização dos recursos endógenos e da criação e expansão do tecido estrutural e institucional. Tal como Cabugueira (2000) pressupõe, os processos de desenvolvimento

endógeno são, portanto, estimulados pelas medidas postuladas e pelas respostas dos atores sociais a tais medidas e desafios propostos, uma vez que o sentimento de pertença identitária e o apoio da comunidade são fatores decisivos nas mudanças. Deste modo, o ponto basilar das políticas públicas de desenvolvimento local assenta no bem-estar social, económico e cultural da população, influenciando amplamente o quadro produtivo nos vários setores e estimulando os meios endógenos. De acordo com Pedro Baganha (2016), a reabilitação e ação das políticas públicas urbanas vai mais além das questões em torno da requalificação do edificado, sendo um processo pluridimensional que vai mais além da abrangência do espaço público:

“A noção que eu tenho: vamos lá ver, o entendimento que nós temos da noção de reabilitação urbana – nós, o urbanismo – é, primeiro, mais vasto que o Centro Histórico e, segundo, mais vasto do que a intervenção em prédios e arruamentos, por fundamental que seja. E o exemplo dessa ... dessa postura é (eu vou-me desviar um bocadinho e já volto à questão) é a ARU de Campanhã. Campanhã é a primeira ARU que nós tivemos fora do Centro Histórico. E que é uma ARU que vai ter uma ORU (Operação de reabilitação Urbana), muito mais vasto do que mera reabilitação física. Passa por políticas de habitação, passa por políticas de emprego ... Portanto temos a noção que reabilitar, fazer a reabilitação urbana é mais do que intervir fisicamente no espaço público, é ... como é que eu hei-de dizer, não é uma condição suficiente, mas é condição necessária.”

Entrevista exploratória – Arquiteto Pedro Baganha, Pelouro do Urbanismo C.M.P (2016)

Atualmente, e no âmbito do programa *Portugal 2020*, o *PEDU*¹⁹ visa abranger os territórios concelhios municipais através de iniciativas e instrumentos financiados e não financiados, cujo plano de ação de regeneração urbana se encerra nos centros históricos, nas zonas ribeirinhas e nas zonas industriais abandonadas. A ação nas áreas de reabilitação urbana promove a incidência nas comunidades mais desfavorecidas e nas minorias sociais, assim como nas áreas inframunicipais com características sóciofuncionais que evidenciem condições deterioradas do território municipal. Por sua vez, o *DLOC*²⁰, apresenta como objetivos primordiais a focalização de territórios sub-regionais específicos, a forte capacidade de orientação para a comunidade, o planeamento de estratégias de desenvolvimento local integrados e a aplicação de funcionalidades inovadoras no decorrer dos processos interventivos. Neste caso específico, as principais

¹⁹ *Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano – Portugal 2020.*

²⁰ *Plano de Desenvolvimento Local Orientado para a Comunidade – Política de Coesão 2014-2020.*

componentes do desenvolvimento orientado para a comunidade assentam na mobilização dos grupos de ação local, sendo que o associativismo e o nível de organização comunitária são imprescindíveis neste pilar; nas estratégias de desenvolvimento local, busílis do projeto de intervenção; e, por último, na área e na população da cobertura:

“O DLOC é uma ferramenta específica a ser utilizada ao nível sub-regional, em complemento a outros apoios ao desenvolvimento a nível local. O DLOC pode mobilizar e envolver comunidades e organizações locais para que contribuam para a concretização das metas da Estratégia Europa 2020 para o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, fomentando a coesão territorial e alcançando objetivos políticos específicos.” (Comissão Europeia, 2011).

As políticas públicas urbanas constituem-se como um mecanismo fundamental no planeamento e gestão estratégica das cidades, aprovisionando os fatores de risco, os elementos a potencializar e a capacidade de promover a sustentabilidade urbana a longo prazo. De acordo com o Quadro de Ação da UE (CEE, 1999), o desenvolvimento urbano sustentável vai além da regeneração do património edificado: passa pelo fomento das atividades económicas e do emprego nas cidades, pela inclusão social nas áreas urbanas, pela proteção do ambiente urbano e pela capacidade de administração e responsabilização local. Assistimos, por vezes, a uma incoerência na conjugação do urbanismo com o desenvolvimento económico e social das cidades (Cabral, 2004:46-50), postulando desequilíbrios estruturais que devem ser colmatados, de modo a harmonizar o campo das políticas urbanas com o desenvolvimento sustentável das cidades.

1.5 – A Rua das Flores: um laboratório de investigação

“A rua é espectáculo para todos. Neste «deserto sobrepopulado», tornando multidão anónima, onde há fascínio, mas onde os homens apenas acidentalmente se encontram, resolvem-se pelo imaginário as contradições da sociedade.”

Teixeira Fernandes, 1992

Recuando até ao ano de 1521, numa viagem histórica e aliciante, a atual e conhecida Rua das Flores da cidade do Porto era inaugurada, sendo inicialmente denominada como a Rua de Santa Catarina das Flores. Nos seus primórdios de existência e de acordo com as teorizações de Afonso (1998), recorda-se de ser habitada pela burguesia mercantil, deixando proliferar um espírito requintado e uma deliciosa tendência nobre que florescia na época, promovendo a emergência de um certo elitismo regido pela aristocracia urbana

que preenchia, paulatinamente, a rua. Ao nível histórico urbanista, a Rua das Flores acrescentou um marco importante no Porto quinhentista, entre a inexistência de planeamentos e a desorganização urbana, “(...) permitiu a criação de um espaço urbano amplo e retilíneo, passível de reforçar a imagem de importância do velho burgo e de atrair a fixação da fidalguia ...” (Fernandes, 1994:45).

Os séculos XIX e XX foram decisivos na evolução histórica e urbanística do estatuto da Rua das Flores, tendo marcado o início do seu declínio devido às circunstâncias associadas ao forte aumento demográfico sentido nos meandros da cidade e ao paulatino desaparecimento de vários ofícios e feiras, devido ao progressivo fenómeno de industrialização e à emergência dos estabelecimentos comerciais. Simultaneamente, a *Baixa* da cidade auferiu uma importância extrema no que se refere à representação da centralidade simbólica do centro histórico urbano, ao passo que os arruamentos mais próximos e em direção ao rio passaram a fazer parte de um plano secundário no âmbito do planeamento e da gestão urbanística. “Neste processo migratório que afastou do rio o principal da distribuição de produtos e serviços ao consumidor, a Rua das Flores desempenhou o papel de rua de ligação, extensão para Norte de uma cidade ribeirinha.” (Idem, 1994:45).

No decorrer já do presente século XXI, as condições habitacionais, comerciais e do espaço público da Rua das Flores, decadentes e em busca de soluções concretas, desencadearam a necessidade de intervenção e de requalificação de um espaço outrora marcante, pelas mais diversas dimensões, emergindo como primordial e prioritário para a entidade responsável – a SRU, Porto Vivo:

“Era uma rua completamente insalubre e desagradável. Depois, com estes programas todos e com a requalificação é a melhor rua do Porto. Modéstia à parte, a melhor da Europa.

Quer dizer, não falta nada. É artistas de rua, é restaurantes, é esplanadas ... E foi um programa que para além desta alavanca muito forte na requalificação do espaço público, apostou também no melhoramento de alguns serviços de utilização coletiva.: o Palácio das Artes, o Museu da Misericórdia, a Fundação da Juventude ... Um conjunto de coisas mais voltadas, mais vocacionadas – e o resultado também está evidente – para a animação e Centro Histórico.”

Entrevista Exploratória – Arq. Paulo Valença e Eng. Margarida Guimarães, SRU (2015)

Deste modo, o programa de Acção para a Reabilitação Urbana do Eixo Mouzinho/Flores promoveu intervenções urbanísticas no edificado público e privado, participado pelos supramencionados QREN e O.N 2, sendo que o plano estratégico é pautado: pela regeneração dos elementos urbanos que promovam a reabilitação da área de acordo com aquilo que se idealiza para o Centro Histórico do Porto; pelo enfoque na revitalização da expansão do comércio; pela aposta no turismo e na melhoria do eixo como local de passagem de excelência; pela criação e fomento de condições de utilização do espaço público adequadas; pelo acréscimo de qualidade no ambiente urbano local; e pela potencialização de pólo de animação centrados nas atividades culturais e sociais.

Salientamos ainda que, as operações de relevo visaram a requalificação do espaço público e a modernização e qualificação do ninho de empresas, assim como o estudo para a mobilidade no centro histórico e a valorização do espaço e do comércio tradicional através da memória. O incremento de feiras francas, a criação do circuito do Vinho do Porto e a instalação do Museu da Santa Casa da Misericórdia (nomeado para o Prémio de Reabilitação Urbana 2016), são igualmente elementos patentes na instalação e operacionalização da gestão da área urbana.

“Foram criadas as condições urbanas que têm exatamente a ver com o ambiente, a educação (...) cria-se melhores condições para se viver, para se investir em educação e para que o comércio tradicional aumente, porque é mais fácil que os compradores comprem.”

Entrevista Exploratória – Arq. Paulo Valença e Eng. Margarida Guimarães, SRU (2015)

As prioridades urbanas de requalificação da Rua das Flores concentram-se, assim, na reabilitação do edificado e na melhoria do domínio arquitetónico das habitações, na requalificação do comércio tradicional e na renovação e potencialização do espaço público – a rua – como espaço de deambulações e aberto ao turismo. Atrair novos compradores e novos arrendatários de imóveis promove o aumento populacional, que nesta área portuense tem vindo a sofrer significativos decréscimos nas últimas décadas, assim como a valorização das ruas e quarteirões como lugares de excelência e acessibilidade no centro urbano. Não obstante, a reabilitação do edificado e da consequente habitação tem acarretado algumas controvérsias no que concerne ao mercado imobiliário e ao seu valor económico. Segundo Alves (2016:14-25), assistimos a uma emergência de *gentrificação habitacional* no Centro Histórico do Porto, preenchida por

grupos socioeconómicos de classe média-alta, nomeadamente profissionais intelectuais, científicos e técnicos, assim como empresários da indústria, comércio e serviços, aglomerando mais qualificações e um maior volume de rendimentos. O processo de gentrificação pressupõe, assim, um mecanismo que opera nos mercados de habitação (Smith, 1979), relacionando-se com a reabilitação habitacional e a sua posterior ocupação por uma classe média-alta, afastando os grupos locais e com menor poder de compra, assentando maioritariamente numa tipologia doméstica preenchida pelos DINKY²¹. Atentamos aos preços das habitações requalificadas na Rua das Flores e observamos um drástico aumento do seu valor, assim como na maioria dos focos residenciais da Baixa, homologando a distância das populações que anteriormente residiam esta área urbana, incapazes de fazer face e usufruto destas habitações de localização privilegiada.

Sem relegar os turistas, tantos e tantos, diversos e distintos, oriundos de tantas nações e continentes, concomitantes de hábitos rotineiros, que vagueiam pela cidade em busca de um *porto* de férias, onde a acessibilidade e o conforto são bem-vindos. Nesse campo, as habitações de carácter temporário e os *hostels* – que se vão proliferando em cada canto da cidade – fazem jus às necessidades das constantes chegadas e partidas, de quem vem para visitar. Um exemplo de cidade *must see*²², onde o turismo fomenta sua tendência de reconhecimento cosmopolita, seja através da proliferação do conceito *low cost* das transportadoras aéreas ou do impulsionamento do próprio tecido económico e profissional da região. O edificado reabilitado torna-se, assim, objeto de concorrência e promotor até mesmo da atividade económica da própria artéria urbana, alvo de constantes *lutas* e construtor de identidades – entre um *antes* e um *depois* da recomposição social urbana da Rua das Flores. De acordo com o Pelouro do Urbanismo:

“E o caso da Rua das Flores é, do meu ponto de vista, paradigmático. Nós começamos este mandato com a obra em curso, há dois anos e meio ... E a Rua das Flores antes destas obras era outra. Foi exactamente há dois anos, a rua explodiu. Não está ... Não estão acautelados – isto é território da SRU – não está, digamos ... a recuperação não é total.

Faltam ali habitantes, falta habitação. Na minha opinião, não construída, mas habitada.”

²¹ DINKY: *Double Income, No Kids Yet*. É uma sigla utilizada para referir uma tipologia de agregado doméstico com uma dupla fonte de rendimento, ainda sem filhos.

²² Cf. Fernandes (2013).

Compreendemos, todavia, que o caso do Centro Histórico do Porto apresenta as suas especificidades no que concerne à reabilitação habitacional e à emergência de fenómenos de gentrificação: atendemos à melhoria física das habitações que, por sua vez, potencializam as mudanças no domínio dos regimes habitacionais. Os aumentos dos preços imobiliários acarretam a progressiva expulsão dos moradores locais, fator que tem vindo a reforçar os processos de polarização social. Contudo, apesar de existir uma tendência de gentrificação residencial, o fenómeno não se consubstancia num regresso totalizante por parte da classe média-alta ao centro histórico (Alves, 2016:43).

A habitação, a casa – o lar – traduzem muitas outras simbologias (Bachelard, 2008) para além daquelas somente visíveis nas fachadas. A habitação pode ser representativa de um prolongamento do próprio indivíduo, despertando sonhos, recordações e memórias. De acordo com Fernandes (1992:73): “Se a vida está profundamente associada à memória, esta encontra-se indissociavelmente ligada à casa. Com a estrutura desta se correlaciona a capacidade de projeção da memória e dos estados de intimidade.” Assim como o Porto se associa à memória das suas casas de cores caiadas, de portas abertas e de varandas com estendais a esvoaçar. De casas de pessoas, de portuenses.

Proporcionando um mote para a qualidade de vida na cidade, a reabilitação urbana associa ao planeamento o acompanhamento do desenho de uma cidade milenar e histórica. Isso, de facto, é matéria a ter em consideração nas metamorfoses urbanísticas que urgem:

“Mas o que é um facto é que a actividade económica, a actividade comercial e a a vitalidade da rua ... levou uma volta de 180 graus. Não tenho dúvida nenhuma. Mesmo com todos os defeitos que a rua poderá ter eventualmente. (...)

Humm, as pessoas não vêm à cidade do Porto e à Rua das Flores, por ter sido reabilitada, não é isso. O que acontece é que como há uma nova dinâmica instalada ... e depois há outra coisa!

A cidade do Porto vive um momento excecional, em termos políticos, em termos sociais, em termos culturais.”

Por sua vez, a dimensão associada à reabilitação do comércio tradicional retalhista na cidade do Porto, e em concreto da Rua das Flores, assume-se como primordial nas questões em torno da reabilitação urbana. O comércio tradicional, especializado e

ancorado numa tipologia de venda e atendimento personalizados, cristaliza-se e entranha-se em cada ruela e praça da cidade. Contudo, assistimos à emergência do comércio multinacional e de novas formas de comércio impulsionadas pela reabilitação urbana e pela centralidade territorial, modalidades esta que postulam o declínio comércio tradicional retalhista e uma maior competitividade, entre preços e diversidade de produto. A emergência de lojas, paulatinamente, com conceitos *trendy* e *bo-bo*,²³ permeiam a Rua das Flores e um pouco toda Baixa portuense, entre as ruelas e as vielas da cidade antiga, aclamando uma certa centralidade urbana através da potencialização do valor associado ao cosmopolitismo e à contemporaneidade.

“Portanto, isto para dizer que de facto o cidadão portuense está hábil de viver a cidade, de se redescobrir como urbanita, se quiser.

Sob este ponto de vista, qualquer pequena ação tem um efeito multiplicador muito grande. E acho que também é um bocadinho que aconteceu na Rua das Flores, de repente descobrimos que a Rua das Flores é uma rua magnífica.”

Entrevista exploratória – Arquitecto Pedro Baganha, Pelouro do Urbanismo C.M.P (2016)

Encontramo-nos, por isso, perante inúmeros efeitos da reabilitação urbanística em contexto de rua. Não obstante, deparamo-nos com elementos externos ao fator reabilitação que impulsionam o *hibridismo* que se vivencia na cidade: os turistas mesclados com a população local, os *hostels* com a paisagem de casario, os *tuk tuk* com o elétrico que trota até ao Passeio Alegre, ou ainda, a euforia da *movida* portuense com a solidão sombria que reclamam algumas vielas da cidade. Reconhecemos as mudanças como trajetos fulcrais de uma sociedade pós-moderna, mas com anseio de reviver o património e as tradições urbanas, através de um novo fôlego.

II – *Modus Operandi*: a calçada metodológica

2.1 – A rota das metodologias: indícios e breves apontamentos

O presente capítulo compreende a explanação e explicação das opções metodológicas tomadas ao longo da investigação, o cerne de todo o processo e a espinha dorsal do estudo. Desde a primordial ordenação de ideias à formulação de conceitos, da revisão de literatura à triagem das referências mais pertinentes, o estabelecimento de consistência ao longo de

²³ c.f Fernandes (2013).

todo o processo de investigação permite-nos encetar uma análise desenhada entre a teoria e a empiria, num constante movimento de ida e volta, uma clara experiência de *serendipity* metodológico (Merton, 1970:173). Dos registos teóricos até à ação no designado terreno, a sistemática reflexão sobre os conteúdos e dados estudados são uma constante no quotidiano da presente investigação. Colocando a questão: “*Quais são os impactos na recomposição social que o fenómeno de reabilitação urbana despoleta na Rua das Flores, no Centro Histórico do Porto?*”, iniciámos um trilho naquele que é um objeto de estudo vasto, complexo e multidisciplinar. Tripartimos os elementos mais pertinentes ao encadeamento do objeto de estudo com a matriz de objetivos propostos: a reabilitação urbana, o Centro Histórico do Porto (focalizando a Rua das Flores) e os planos de gestão e estratégia (políticas públicas e decisões autárquicas), sendo possível encetar uma lente de pesquisa em torno dos impactos na recomposição social e urbana da Rua das Flores, explorando as vivências, apropriações e quotidiano dos seus públicos.

Relativamente ao domínio metodológico e assentando numa lógica hipotético-dedutiva (Bericat, 1998:81), postulamos um raciocínio que permitiu o desenvolvimento de um processo de contante confronto entre as teorias previamente existentes e os dados empíricos recolhidos. Não obstante, a investigação acabou por ser bipartida à luz da indução, uma vez que a tentativa de descoberta de novas orientações, pensamentos e paradigmas no decorrer da pesquisa, acabasse por ser, igualmente, uma vertente enquadradora profundamente presente nas indagações. Citando Miranda (2015:62-63), o equilíbrio entre estas duas partes metodológicas, que se completam, reflete o complemento que ambas traduzem no autoconhecimento da realidade estudada, sendo que:

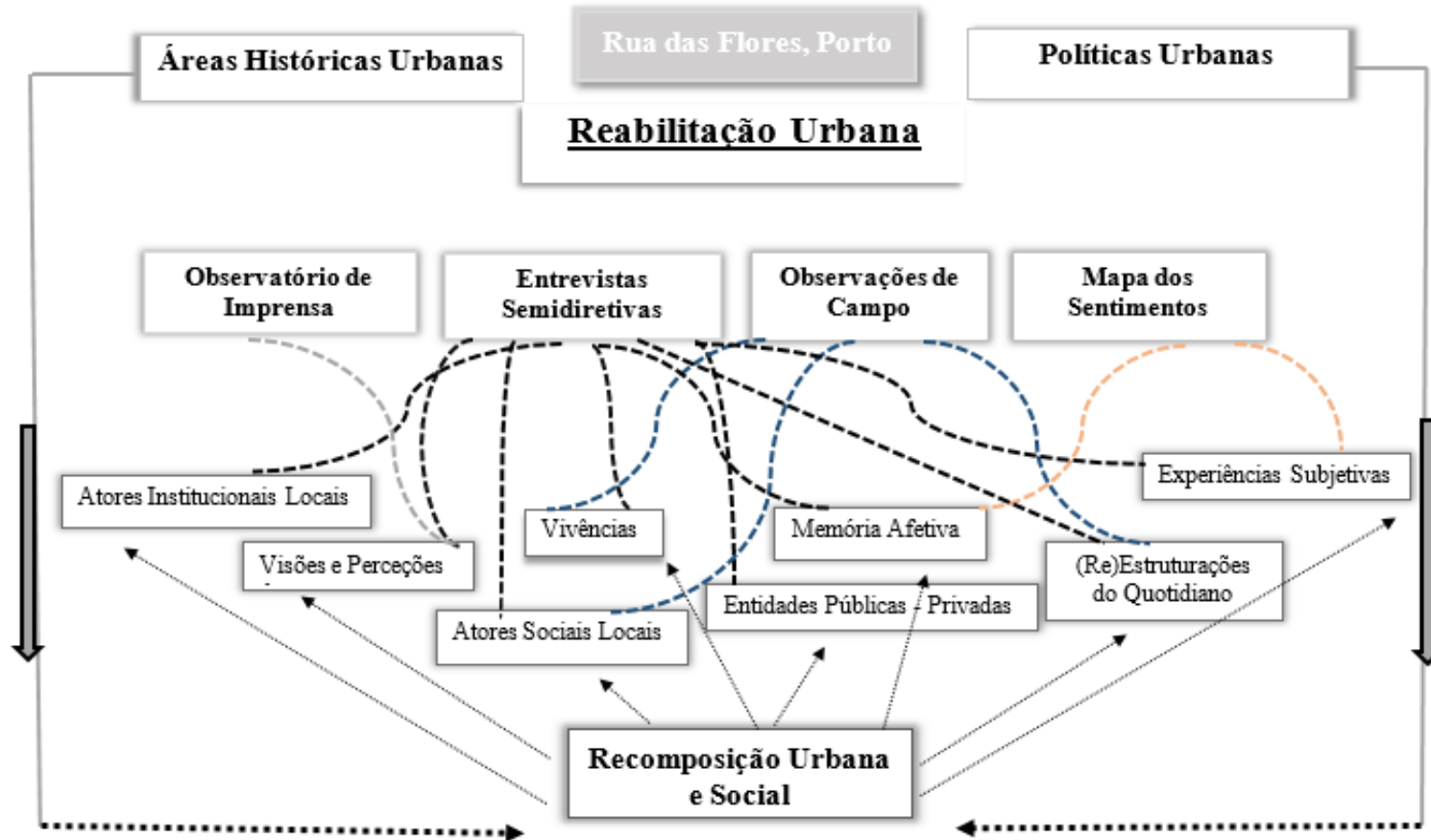
“(…) o confronto entre hipotético-dedutivo e indutivo resulta na consideração de que não se conseguirá investigar sem ter ambas abordagens bem presentes. Em determinados momentos da investigação, fomos mais dedutivos, e noutros, mais indutivos; nuns momentos, começamos de “cima para baixo”, e noutros, “de baixo para cima” (Idem, 2015:62).

Alguns aspetos metodológicos foram sendo moldados ao contexto, determinados critérios anteriormente desconhecidos ou subvalorizados, foram sendo acrescentados, paulatinamente, ao processo de pesquisa, à medida que o objeto de estudo se foi tornando mais familiar e o nosso olhar se foi tornando mais metódico e detalhista. No primeiro

momento da investigação, na *ruptura*, e após termos clarificado a questão de partida e os objetivos mais significantes da pesquisa, foi-nos permitido explorar com afinco e curiosidade os contributos e registos teóricos relevantes e as entrevistas *não diretivas*, com intuito exploratório, com a finalidade de elucidarmos a questão de partida através de *degraus* temáticos, não sendo estes totalmente estanques, mas que permitiram a consciência de um olhar aberto e relativo face ao objeto de estudo. A construção e delimitação da problemática, o passo seguinte, sinalizaram o repto para a *verificação*, sendo que a escolha dos métodos e técnicas a serem utilizados na investigação e recolha de dados emergiram como uma prioridade a estipular.

Tal como em todos os estudos ou pesquisas, a escolha e determinação metodológica da presente investigação apresentou controvérsias e desafios, colocando frequentemente dúvidas (e algum desalento!) levantando questões relativas á fiabilidade do estudo, sendo necessária uma constante adaptação aos imprevistos e a capacidade de resistência face às mudanças ocorridas, exteriores ao investigador. Não obstante, exigiu igualmente um lado mais criativo e capaz de apelar à criatividade sociológica mais profunda.

Figura nº1 - Modelo de Análise da Investigação



2.2 –Um olhar etnográfico

“Às vezes ele é um poeta; mais frequentemente aproxima-se do romancista ou do moralista; é o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno.”

Baudelaire

Dada à natureza do estudo e às características inerentes ao contexto e seus públicos, a metodologia da presente investigação escolheu privilegiar a pesquisa etnográfica, cruzando técnicas de índole qualitativa. Primordialmente, compreendemos que a etnografia permite uma compreensão das simbologias inerentes à vida quotidiana, contendo uma posição metodológica que se produz e reproduz no desenrolar das próprias interações. Tendo como objeto de estudo em particular os impactos sociais da reabilitação urbana na Rua das Flores, valorizando a atenção sobre as vivências, percepções e até apropriações decorrentes da recomposição social e urbana do local, o uso da etnografia em contexto urbano potencializou a descrição das realidades sociais através de um olhar mais interacionista e alicerçada nas significações patentes nas vivências, nas apropriações urbanas e no próprio papel dos atores sociais, quer estes sejam habitantes, comerciantes ou *deambulantes* da rua. A etnografia evoca uma operacionalização, na qual o pesquisador contacta diretamente com o universo dos pesquisados (Magnani, 2009:135), compartilhando o seu horizonte.

A aplicação deste tipo de metodologia colocou o trabalho empírico no cerne da pesquisa científica dado que, a fim de se recolher dados e captar evidências, emergiu a necessidade da coexistência de um profundo conhecimento do próprio local, do público-alvo e das práticas que contemplam o seu quotidiano no contexto da reabilitação urbana e de recomposição social. De acordo com Malinowsky (1953), para a própria apreensão da realidade, o trabalho de campo é uma condição *sine qua non*, o que promove a observação participante a elemento basilar da etnografia. Por um lado, a pesquisa etnográfica cruzada com uma abordagem qualitativa permite, no âmbito da reabilitação urbana, suas vivências, impactos sociais e percepções, uma abordagem direcionada para uma pesquisa mais intensiva e aprofundada, visando a riqueza do conteúdo empírico recolhido. A diversidade de estratégias de investigação patente na construção qualitativa influencia derivadamente todo o procedimento científico da pesquisa, privilegiando os

cenários naturais, os métodos mais dinâmicos e interativos com os o públicos-alvo e a sua permanência na envolvência. Segundo Creswell (2007:186), a pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Para além destes fatores característicos, a abordagem qualitativa permitiu, de certo modo, uma *margem de manobra* por parte do investigador ao longo de todo o processo de pesquisa, recolha e análise de dados.

Não existe, de facto, uma pré-configuração ou ditames fixos relativamente ao desenvolvimento de uma metodologia qualitativa: a mesma prima pela emergência, pela adaptabilidade e pelo sentido flexível, pontos fundamentais na resolução de desafios e mesmo perante objetos de estudo mais temperamentais:

“As questões de pesquisa podem mudar e ser refinadas à medida que o investigador descobre o que perguntar e para quem fazer as perguntas. O processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou fecham para a coleta de dados, e o pesquisador descobre os melhores locais para entender o fenómeno central de interesse” (Idem, 2007:186).

Existe, portanto, uma profunda relação estabelecida entre a própria natureza da investigação, qualitativa, simbólica e intensiva, e o investigador. Há a reciprocidade e complementaridade de contributos: o qualitativo é definido pela conduta metodológica que o investigador instiga na sua própria pesquisa, pelos passos trilhados ao longo de todo o processo, pelos desafios que vão emergindo, pelas idas e vindas, entre as bases teóricas de excelência e o conhecimento primordial que vai surgindo, ingénuo e nativo, durante as incursões ao terreno ou nos diálogos com os públicos. Tendo em consideração que a investigação é orientada pelos princípios da etnografia, a aliança estabelecida com o pendor qualitativo acarretou o ainda mais profundo conhecimento analítico, o exercício de imaginação sociológica e a constante atribuição de expressão simbólica aos dados. A abordagem etnográfica emerge como um guia que permite abertura e compreensão para o fenómeno urbano, através da pesquisa da dinâmica social, cultural e quotidiana e das formas de sociabilidade nas sociedades contemporâneas, assim como na própria sociedade da cidade, da rua.

O olhar etnográfico vê sempre mais *longe*, mais *dentro*: envolve-se no próprio ritmo do objeto de estudo, deambula entre os atores, permite-se pisar um palco e encenar uma peça, metódica e etápica, mas simultaneamente moldável ao contexto e às interações. Aí

encontramos o verdadeiro encanto da etnografia: a sua versatilidade e a capacidade de deixar o investigador entrar no próprio objeto e, simultaneamente, permanecer sempre de fora dele, através do seu *olhar distanciado*²⁴ e mais reflexivo. Recorrendo a Peirano (1995:46), uma das virtudes etnográficas manifesta-se na capacidade de se aperceber e compreender da existência de *resíduos* no contexto de estudo, isto é, a constante emergência de determinados factos que resistem às explicações habituais e que só vêm à luz em virtude do confronto entre a teoria do investigador e as ideias nativas.

Estudar a reabilitação urbana no cerne do centro histórico do Porto e os impactos que tal processo produz nos públicos e na recomposição social do lugar, neste caso a Rua das Flores, através do ponto de vista etnográfico proporcionou a compreensão desses mesmos *resíduos*, que contrariamente à sua denominação, são tudo menos resquícios para uma investigação sociológica – abarcam memórias, narrativas e ofícios, capazes de merecer uma explicação da reabilitação urbana sob uma lente de alcance mais profundo. Oferece-nos pontos de vista – puros – e olhares sobre um *antes* e *um* depois que só aqueles que vivenciam quotidianamente a mudança e partilham um espaço em comum são capazes de conhecer e transmitir ao investigador. Segundo Goldman (2001), a própria experiência direta entre o investigador e o público/comunidade nativa a ser analisada tem efeitos latentes no primeiro: acaba por *transformar* e *incorporar* determinados aspetos caracterizadores da comunidade, sendo que o investigador é um meio para transpor essa realidade *vivida e percebida*, para uma realidade mais analista e descritiva, de acordo com o seu sistema intelectual e científico. Não obstante, desenvolver este estudo utilizando o paradigma etnográfico não se prendeu exclusivamente na permanente atenção aos detalhes (Magnani, 2002) – mais do que isso – é mais na atenção que se confere aos mesmos, as simbologias que acarretam.

Direcionar esta investigação através de uma orientação etnográfica permitiu, igualmente, a apreensão dos padrões de comportamento social dos públicos e participantes da rua das Flores, assim como o posicionamento dos atores sociais na vida quotidiana da cidade e na utilização dos seus equipamentos. Proporcionou um entrelaçamento entre um olhar etnográfico e uma lente interacionista, atenta e incólume, na qual a comunicação simbólica é fortemente envolvida pela própria interação social.

²⁴ *Olhar distanciado*: conceito utilizado por Magnani (2002) ao explicar a ampliação do horizonte de análise do investigador no contexto etnográfico.

Tal como teoriza Goffman (1982[1963]), é criado um estreito laço entre a orientação metodológica e as consequentes categorias sociais da rua, constantemente reconhecidas e apreendidas pelo próprio investigador no desenrolar do quotidiano da investigação.

2.3 - *A observação: um vadiar sociológico²⁵ pela rua*

“Observador, flâneur, filósofo, chamem-no como quiserem, mas, para caracterizar esse artista, certamente seremos levados a agraciá-lo com um epíteto que não poderíamos aplicar ao pintor das coisas eternas, ou pelo menos mais duradouras, coisas heróicas ou religiosas.”

Baudelaire

A observação direta, a técnica primogénita a ser operacionalizada no decorrer da presente investigação, chegou à Rua das Flores nos meandros deste frio e chuvoso fevereiro (2016). Até então, observar a cidade e uma das suas artérias urbanas mais condensadas e complexas, desenrolava-se de forma quotidiana, trivial e quase inata, através de um olhar de quem cresceu, conheceu e sempre deambulou rotineiramente pelas ruas tripeiras. A passagem para a fase de aplicação das técnicas de investigação exigiu a rutura com o conhecimento de foro sensorial comum e a resistência face a reações naturais proveniente do conhecimento de fenómenos anteriores e do conhecimento *pré-científico*. Este ajustamento fez-se, portanto, entre o conhecimento prévio do contexto, suas regularidades e especificidades mais relevantes, e a abertura à apreensão de um conhecimento mais científico e sublime do ponto de vista dos fenómenos mais complexos e da ação social dos atores presentes na rua, contemplando a própria sociologia do quotidiano nos liames de cada paisagem social observada.

Deambular pela rua deixou de ser um mero ritual de passagem, incorporou-se no ideal do *vadiar sociológico* (Pais, 2008:32-34): observar o contexto, os públicos e o quotidiano da rua tornou-se numa afável viagem e não somente num porto. Passando a rasar nas superfícies mais perenes das simbologias urbanas e descobrindo arestas identitárias até então incólumes, a observação proporcionou a entrada na sociedade da rua, paulatinamente - diretamente e também de forma participativa - sempre que nos foi possível e necessário. Foi primordial compreender todos os ângulos de perceção, as

²⁵ *Vadiar sociológico*: Termo referenciado por José Machado Pais (2008) na sua obra “Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações.”.

formas mais inatas de apropriação do espaço e as idas e vindas dos mais diversos e distintos públicos. Mais do que isso: estender a observação ao nível da técnica permitiu-nos o embarque nas mais profundas experiências sensoriais diretamente recolhidas *in loco*, escavando pistas e indícios para as restantes técnicas:

“(...) é esse trotar de rato – que os historiadores tão bem exercitam nas bibliotecas, por isso são conhecidos por “ratos de biblioteca” – ao mesmo tempo saltitante e deslizante, é esse fluir terrestre feito de pequenos solavancos, de distrações e recuperações, de suspeitas e indícios, que encontramos em alguns dos mais significativos trabalhos sociológicos que seguem a rota do quotidiano” (Pais, 2008:33-34).

A técnica de observação estendeu-se por largos meses na Rua das Flores. Compreendemos que seria conveniente torná-la num processo, para além de exercício metodológico. De facto, só assim é que conseguimos perceber a génese de determinados impactos sociais mais relevantes oriundos do fenómeno de reabilitação urbana e de reconversão social desta área histórica urbana. A observação participante, implica, necessariamente, um processo longo, durando semanas ou meses (Whyte, 2005), sendo esse o requisito essencial para a compreensão do comportamento da população. A permanência no terreno foi-nos confirmando as preposições teóricas anteriormente abordadas e induzindo, igualmente, novas perceções e olhares baseados no conhecimento empírico.

A observação foi assim bipartida através de orientações que nos permitissem chegar a algumas respostas mais céleres: *primeiro*, observar os principais sinais de reabilitação urbana e de revitalização estrutural, social e cultural como fenómenos de mudança e reconversão local; *segundo*, atentar nos fluxos e permanência dos diversos públicos no que concerne às dinâmicas residenciais, comerciais e turísticas. O processo foi gradual. Nas primeiras incursões atentava, sobretudo, às estruturas físicas e os impactos mais visíveis que estas repercutiam na configuração social da rua e nos seus públicos. Posteriormente alcançou-se o ângulo mais participativo da observação: as primeiras – recheadas de ânsia e curiosidade de principiante - interações com os públicos, privilegiando os comerciantes, as visitas aos estabelecimentos e até as conversas mais informais, cujas informações foram lançando pistas mais concretas sobre o campo. Salientamos que a questão ligada à *dupla hermenêutica* em contexto de pesquisa é, de facto, um elemento mais manifesto durante o exercício de observação (Idem, 2005:302).

As constantes visitas ao campo e o conseqüente olhar etnográfico, sob a lente atenta da observação direta e participante só se tornaram passíveis de serem escrutinados e devidamente analisados através das notas do diário de campo. As *field notes*, emergiram como fruto de um trabalho rotineiro e sistemático, onde através da escrita – e do prazer de escrever e de descrever – foram registados os acontecimentos, sensações e vivências mais assinaláveis durante o processo de pesquisa (Ibidem, 2005:307-308). O diário de campo transfigurou-se na compilação – e no permanente e fiel companheiro de campo - intimista e misteriosa, de notas substantivas, metodológicas e analíticas, capazes de estabelecer relação entre a teoria e a empiria e estreitar a *construção de sentidos*²⁶.

2.4 – Nas entrelinhas urbanas: um observatório da imprensa

A complexidade e pluridimensionalidade do fenómeno de reabilitação urbana no centro histórico do Porto e na Rua das Flores, bem como os seus impactos mais diretos ou mais latentes na estrutura da recomposição social de tais espaços sociais, exigiram uma análise cuidada e detalhista nas mais variadas fontes de informação disponíveis. Assim, a produção de um observatório de imprensa escrita através do olhar e pesquisa do próprio investigador, proporcionou um escrutínio mais arrojado e um encontro mais pluriparadigmático com os registos documentais, entrevistas e opiniões produzidos pela imprensa escrita portuguesa acerca do nosso objeto de estudo, a produção de uma representatividade social através dos mecanismos de comunicação (Vala, 1996 [2010]).

Dado o vasto volume de registos oriundos de imprensa escrita sobre a presente problemática, e de modo a procedermos a uma análise concreta, minuciosa e de carácter intensivo, encetamos alguns critérios base para restringir a nossa pesquisa aos dados de maior pertinência. Primordialmente, e numa primeira fase de pesquisa exploratória e de leituras, restringimos a nossa investigação às fontes de imprensa, nomeadamente às que detêm sede na cidade do Porto: o *Jornal de Notícias*, o *Jornal Público*, o *Jornal Porto24* e o *Jornal JornalismoPortoNet*. O passo seguinte foi estabelecer o corte temporal através do qual partimos para a escolha e delimitação das notícias, sua sintetização e análise em profundidade, sendo que este se tripartiu em três fases cruciais da reabilitação urbana no

²⁶ Luis Fernandes (2001) – Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: Notas de terreno e comentário.

centro histórico do Porto e da Rua das Flores: o momento *a priori*, que engloba as notícias publicadas até meados de 2012 (início do processo de reabilitação urbana do Eixo Mouzinho da Silveira/Flores) e que acarretam pertinência na compreensão das antevisões e dos motivos subjacentes à mudança; o momento *durante*, abarcando a imprensa escrita publicada no decorrer dos 18 meses de obras de requalificação urbana; e, por último, o momento *a posteriori*, incluindo notícias desde 29 de Março de 2014 (data de reabertura da Rua das Flores após as obras), objetivando a compreensão dos impactos das principais metamorfoses urbanísticas operacionalizadas e atualmente vivenciadas.

Homologando os princípios de homogeneidade e de pertinência na análise de conteúdo levada a cabo nas notícias selecionadas, a pesquisa das mesmas recaiu sobre determinados conceitos-chave, sendo que a presença de registos de imprensa sobre os temas *reabilitação urbana*, *Rua das Flores* e *Centro Histórico do Porto*, proporcionaram um encontro complementar e eficaz de alguns dados cujo encadeamento e opinião se pautavam pelas supramencionadas problemáticas.

2.5 – As entrevistas: analogias versus nostalgias

A apoteose de um trilha metodológico cuidadosamente imaginado e encetado: as entrevistas. Perante um domínio maioritariamente etnográfico e uma pesquisa intensamente qualitativa, as entrevistas configuram-se como uma imbrincada essencial, como técnica magistral na recolha de dados. Optamos, logo nos primórdios do estudo, aplicar duas entrevistas *não-diretivas*, de carácter exploratório, à SRU, Porto Vivo e ao Pelouro do Urbanismo, entidades presentes no desenvolvimento do processo de reabilitação urbana no centro histórico do Porto e na Rua das Flores. E, tal como pretendíamos, as entrevistas exploratórias permitiram aprofundar o conhecimento acerca da temática abordada, através do contacto com informantes privilegiados e das questões maioritariamente abertas, capazes de abarcar histórias, opiniões e pontos de vista úteis ainda para o enquadramento teórico. Confirma-se que a entrevista *não-diretiva* proporcionou um acesso a informações indispensáveis à orientação da pesquisa e os depoimentos obtidos permitiram a abertura de novas pistas a serem investigadas (Chizzotti, 2005), sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação tornando os dados mais consistentes.

Posteriormente ao momento *exploratório* e também depois da técnica da observação nos ter proporcionado uma visão da rua mais ampla e, simultaneamente, mais direcionada ao objeto de estudo, o março de 2016 trouxe-nos um sol ainda tímido e a vanguarda metodológica – as entrevistas aos públicos da rua. Optamos pela índole *semidiretiva*, pelas poucas questões e pela franca capacidade de abertura e de diálogo que as mesmas potencializavam. O objetivo central seria abordar a temática, sem restringir demasiado a opinião, vivência e perceção do próprio entrevistado. Consideramos fundamental que a entrevista fluísse, através de pontos principais, para que obtivéssemos informações relevantes, histórias singulares e, sobretudo, testemunhos visíveis da rua, do Porto. Pretendemos, desde logo, uma amostra diversificada, heterogénea. Aplicamos, no total, dezasseis entrevistas semidiretivas. Conjugando a disponibilidade e colaboração, foram aplicadas as seguintes entrevistas: dez comerciantes, uma técnica superior que desenvolve atividade profissional numa entidade sediada na rua, duas responsáveis em entidades institucionais locais (Museu das Marionetas e Museu da Misericórdia). Para além da população local, conseguimos aplicar entrevistas semidiretivas a empresas municipais e a entidades privadas cuja pertinência e ação no âmbito da reabilitação urbana e da cidade tem sido fulcral: à Porto Lazer, à Opium e à Associação Portuguesa para a Proteção do Património e Reabilitação Urbana (APPRUP).

Os comerciantes: olhares de transformação, testemunhos vivos entre um passado e um presente distintos, portadores de narrativas singulares, guardiões de memórias intemporais. Assim, entre idas e vindas, receios e curiosidade envolvida de dedicação, conseguimos aplicar dez entrevistas semidiretivas a atuais comerciantes na rua, sendo que regularmente a amostra se foi envolvendo num formato de *bola de neve*, onde o contacto inicial com alguns entrevistados nos permitiram orientar e estabelecer contacto com outros comerciantes.

Apontamos ainda como lacuna metodológica da investigação a ausência de dados primários e empíricos relativos a habitantes da rua. Apesar dos esforços, da constante procura de contactos e das tentativas de mediação entre comerciantes, possíveis moradores e conhecidos, as hipóteses parcas que foram emergindo concluíram-se como nulas: a quase ausência de habitantes fixos, a indisponibilidade ou desconhecimento de antigos moradores e, ainda, a idade avançada e a desconfiança das poucas pessoas das quais tomamos conhecimento da sua presença nas habitações das Flores não nos

proporcionaram o encontro metodológico e o prazer de tornar passível a recolha de dados – histórias e memórias – junto das mesmas. Compreendemos que os seus contributos seriam de uma profunda valência e importância para a presente investigação sociológica. Realçamos ainda que a presente temática nos proporcionou uma visão alargada sobre o fenómeno de reabilitação urbana e consequentes recomposições sociais, cinzelando, constantemente, novos desafios e questões, os quais não conseguimos aprofundar intensamente – e com a atenção devida – de acordo com as limitações cronológicas deste processo de investigação.

Capítulo III

Impactos sociais da reabilitação urbana: a *alma mater* dos ecos empíricos

3.1 – Das vozes, pelos jornais: a cidade nas entrelinhas

Num primeiro momento de análise pretendemos analisar e compreender à luz da imprensa escrita portuguesa a visão e os relatos diversos sobre os fenómenos de reabilitação urbana no coração da cidade do Porto, de modo a inteirarmo-nos mais profundamente na temática e perceber os mecanismos de poder que despoletam a opinião e mudança no cerne da sociedade civil. O objetivo é pautado pela tentativa de (1) compreender as diferentes perspetivas, visões e opiniões que aludiam a problemática através dos meios de comunicação social, neste caso a imprensa escrita, (2) estabelecer um contacto mais próximo com determinados registos publicados numa fase anterior à eclosão, propriamente dita, da reabilitação urbana na cidade, (3) confrontar as ideias recolhidas, respeitando os critérios de pertinência e heterogeneidade, de modo a apreender as simbologias mais patentes.

3.1.1 - *A priori*: entre(as)linhas

Na etapa *a priori*, cujas notícias recolhidas remontam aos anos 2008 e 2009, de forma a procedermos a uma análise de conteúdo livre da excessiva numerologia e quantificação dos seus elementos, descortinamos as simbologias e versões mais perenes dos dados de

imprensa através do primordial estabelecimento de categorias analíticas e de unidades de análise derivantes das primeiras.

Relativamente à categoria analítica *O olhar mediático sobre a reabilitação urbana, Centro Histórico do Porto e Rua das Flores*, pretendemos escrutinar alguns pontos de vista mais subjetivos patentes na esfera da imprensa escrita numa fase anterior às decisões e transformações mais efetiva na cidade. Assim, e depois do momento de pesquisa, debruçamo-nos na análise de uma notícia cujos pontos fulcrais se concentram no campo dos programas de financiamento e de estratégia, “*A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN*”²⁷(2008). Constatamos analiticamente, através da notícia, que o aproximar do dealbar da primeira década do século XXI acarretou uma das fases mais proeminentes do processo de reabilitação urbana: a urgência da mudança no cerne da cidade do Porto e a pertinência dos programas de financiamento, de forma contínua e integrada que possibilitassem o apoio à recuperação do centro histórico portuense.

“O que achamos é que é de elementar justiça que também aposte na reabilitação urbana das cidades históricas que sofreram o impacto do congelamento das rendas por causa da famosa legislação de Salazar. Cidades como o Porto, Lisboa e Coimbra têm o edificado no centro histórico em decadência, porque os proprietários não podiam aumentar as rendas e, a dada altura, deixaram de fazer obras.”

“A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN” - Jornal Público (2008)

A notícia incluí ainda o testemunho de um membro da SRU, sendo que a sua visão sobre a reabilitação urbana, a Rua das Flores e as zonas de intervenção urbana prioritárias alude que as necessidades patentes nas mesmas apelam a uma mais profunda incidência dos apoios estatais e europeus. Perceciona-se que as responsabilidades civis sobre as intervenções urbanísticas não pertencem somente a uma entidade, devendo esta ser uma responsabilidade mútua e partilhada.

“Mas penso que em cidades como Lisboa, Porto e Coimbra, onde existem sociedades de reabilitação com estrutura própria, uma capacidade de programação própria e capacidade de lançar parcerias, se justificava fazer um programa integrado para cada uma delas.”

“A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN” - Jornal Público (2008)

²⁷ “*A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN*”- Notícia publicada pelo Jornal Público, a 19 de maio de 2008.

Relativamente à categoria analítica *Lugar, Contexto e Relação com a Cidade* e conferindo especial ênfase ao campo das *intervenções, necessidades e prioridades*, captamos a menção à necessidade de instituição de intensidade nos programas interventivos no coração da cidade do Porto, sobretudo no que concerne à reabilitação das infraestruturas básicas e do edificado mais decadente, possibilitando assim a sua ocupação e habitação. É ainda defendida a priorização de políticas sociais estatais que acompanhem e apoiem as famílias de arrendatários face às pressões financeiras oriundas do mercado imobiliário.

“Há moradores e pequenos proprietários que se dizem fortemente pressionados a vender os prédios aos grandes promotores imobiliários. Isso pode acontecer.”

“O que nós precisamos é que os centros das cidades voltem a ter vida: que os edifícios sejam reabilitados ou sejam ocupados por pessoas (...).”

“A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN” - Jornal Público (2008)

O *busílis conceptual* patente na presente notícia evidencia a tentativa de estreitar as ligações entre as diversas entidades responsáveis pelos processos de reabilitação urbana em Portugal, tendo em conta o profundo valor patrimonial que os centros históricos detêm. A par dos sistemas de financiamento pretende-se dar resposta às consequentes lacunas no âmago das políticas sociais e comunitárias, prestando apoio às populações afetadas pelas mudanças urbanísticas.

“O Governo optou por fazer programas nacionais ou regionais e depois concursos em que vários municípios concorrem uns com os outros (...). Como é que se garante que, após a reabilitação, os inquilinos poderão regressar com uma renda compatível com a sua condição socioeconómica?”

“A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN” - Jornal Público (2008)

Contrastamos esta visão sobre os planeamentos e programas estratégicos com uma outra oriunda da notícia *“Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros”*²⁸(2009), onde o papel da intervenção urbana e cultural é percecionada de forma visionária pelo olhar de um grupo específico. A Rua das Flores e as mudanças urbanísticas (ainda não ocorridas na data da notícia) são atribuídas e imaginadas através de um olhar – e projeto – cultural e artístico promovido pelo um grupo de alunos do Porto. Facilmente se percebe que Rua

²⁸ *“Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros”* – Notícia publicada pelo jornal JornalismoPortoNet, a 16 de fevereiro de 2009.

das Flores é visualizada como uma artéria central na cidade do Porto, emergindo a urgência de a tornar pedonal e viabilizar um processo de recuperação. Neste caso, os artistas da cidade propõem um plano cultural à SRU e à Porto Lazer que possibilite uma simulação da situação pedonal na rua.

“A equipa acredita que, através da arte e de contributos pessoais, é possível tornar um espaço mais dinâmico e cosmopolita. Para tal, propõe-se a “fazer da Rua das Flores uma rua vivida e não apenas um local de passagem”

“Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros” – Jornal JornalismoPortoNet (2009)

Contextualizando o ideal deste projeto numa fase anterior ao início das obras, os alunos apresentaram uma iniciativa visionária e potencializadora da artéria urbana de excelência, sendo que posteriormente a mesma se viria a concretizar. Por sua vez, no que concerne às *intervenções, necessidades e prioridades*, este projeto viabiliza estreitar a relação da própria rua com os públicos que nela habitam, se estabelecem e deambulam. Preside e é aclamada a necessidade de promover as potencialidades culturais da comunidade de rua, priorizando-se o seu possível formato pedonal.

“Conciliar as potencialidades culturais da comunidade das Flores com a possibilidade de a rua fechar ao trânsito é, então, a principal finalidade da intervenção. “Prendemos simular essa situação de rua pedonal e perceber de que forma é importante haver esse tipo de condições na cidade, em que uma rua se torna um espaço cultural de intervenções, onde as pessoas despreocupadamente circulam.”

“Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros” – Jornal JornalismoPortoNet (2009)

No que concerne ao *busílis conceptual* presente na notícia consideramos que a apresentação e explicação do projeto pelo grupo de alunos, evidenciou a tentativa de proporcionar à Rua das Flores uma simulação que permitisse perceber as suas potencialidades no melhoramento e aproveitamento da artéria histórica urbana. A rua é percecionada como um “investimento” cultural e artístico emblemático, mobilizando os recursos artísticos e culturais, bem como estabelecendo abertura a comunidades exteriores ao próprio local.

“(…) o convite vai além-fronteiras, de forma a permitir que até artistas estrangeiros possam espelhar “a sua cultura na comunidade das Flores”.

“Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros” – Jornal JornalismoPortoNet (2009)

Consideramos ainda pertinente e reflexivo no âmbito das visões e percepções do olhar mediático, o contributo de um outro registo de imprensa escrita publicado em meados de 2009, “*A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente*” (2009)²⁹. O testemunho do arquiteto Pedro Balonas através da imprensa escrita levanta algumas controvérsias latentes do processo de reabilitação na baixa portuense. Assumindo-se que a reabilitação urbana levada a cabo até então é percecionada como sendo uma etapa experimental, com margem para erros, advoga-se a necessidade de agir de uma forma mais heterogénea e diversificada, tendo em consideração os distintos contextos e públicos que fazem parte e constituem uma cidade.

“Uma cidade não pode ser formada apenas por estudantes. Precisa de “trabalhadores, moradores, famílias com cão e gato e crianças com triciclo.”

“A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente”- Jornal JornalismoPortoNet (2009)

Encontra-se patente uma visão mais generalista e globalizante do fenómeno, não se resumindo somente à revitalização estrutural e do edificado. A visão sobre esta problemática deriva da ação coletiva que deve ser partilhada de forma pluridisciplinar. Relativamente às *intervenções, necessidades e prioridades*, a notícia realça o facto das intervenções operacionalizadas em determinadas áreas do centro histórico e da Baixa da cidade do Porto serem percecionadas como necessárias, mas insuficientes. Encara-se como relevante a melhoria de determinados aspetos, como a diversão noturna, o cariz de lazer e ócio urbano sendo que, em contrapartida, defende-se que tais atividades deveriam ser conjugadas com a presença de infraestruturas e dinâmicas que permitam e favoreçam condições de vida dignas à população.

“É importante realçar que não será apenas graças a actividades “trendy e fashion” que a cidade ficará habitada (...). Por isso, a grande lacuna do Porto é a ausência de infra-estruturas como “creches, escolas, jardins”, autênticos “centros de proximidade” que afirmem uma cidade como espaço urbano, realmente dotado de serviços.”

“A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente”- Jornal JornalismoPortoNet (2009)

²⁹ “*A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente*” – Notícia publicada pelo jornal JornalismoPortoNet, a 24 de julho de 2009.

Relativamente ao *busílis conceptual* da notícia é patente o confronto entre a emergência de tendências atuais “*trendy*” com a essência da habitação e tradição urbana portuense. Há um apelo à defesa de equilíbrio de partes: respeito pelas características natas da cidade e adaptação de determinadas características ao tempo presente, não tornando o Porto numa moda, nem deixando o mesmo estagnado nas marcas do passado. As notícias seleccionadas e supramencionadas remontam aos anos 2008-2009, a uma fase cujos processos de reabilitação urbana em determinadas zonas do Centro Histórico do Porto (incluindo a Rua das Flores) e na Baixa ainda não tinham emergido em força, concretamente. Compreende-se a ânsia pela mudança, as transformações num ou em vários elementos, relevando-se a importância da melhoria dos aspetos estruturais, dos apoios através dos financiamentos e na preocupação de não relegar para um segundo plano os interesses comuns e a essência local.

3.1.2 – O durante: entre(as)linhas

Num segundo momento de análise de conteúdo, estendemos a nossa pesquisa aos registos de imprensa escrita publicados desde os meados de 2012 até ao final do mês de março de 2014, compreendendo o período de requalificação urbana do Eixo Mouzinho da Silveira/Flores. Encetamos esta explanação dado que se torna imprescindível compreender as perceções e simbologias mais perenes e mais concretas no seio da imprensa escrita durante a fase *in loco* do processo, bem como as primeiras reações, transformações e opiniões dos públicos.

Nesta fase de evolução do fenómeno de reabilitação urbana no tecido urbano e social do centro histórico do Porto é importante resgatar dados que nos permitam apreender as significações mais profundas e as opiniões mais diversas que nos proporcionem o confronto com os dados da fase anterior (2008-2009). Revelou-se interessante compreender o impacto direto e concreto do próprio fenómeno no próprio processo, isto é, as consequências de um conjunto vasto de mudanças não se transfiguram somente numa fase posterior, como é imediatamente patente no decorrer da própria metamorfose urbanística e social. “*Rua das Flores “está na moda” mas há entraves à recuperação*”³⁰(2013), sendo este um título de uma notícia publicada uns meses após o

³⁰ “*Rua das Flores “está na moda”, mas há entraves à recuperação*” – Notícia publicada pelo jornal Porto24, a 6 de março de 2013.

início das obras de requalificação urbana na Rua das Flores e que espelha a concreta existência de limitações na sua gestão e desenvolvimento. Perceciona-se e clarifica-se uma questão que despoleta interesse por parte de diversos agentes sociais: a habitação, o seu valor imobiliário e a sua conseqüente oferta/procura.

“A Rua das Flores está a ser alvo de uma procura elevada, quer de espaços para novos negócios, quer de edifícios para reabilitar e colocar no mercado de arrendamento.”

“Rua das Flores “está na moda”, mas há entraves à recuperação” – Jornal Porto 24 (2013)

O Centro Histórico, a Baixa e, sobretudo, o Eixo Mouzinho Silveira/Flores representam, paulatinamente, um “segmento de luxo” no que concerne ao mercado imobiliário local, o que acarreta benefícios, como também determinadas desvantagens para as populações locais.

“Se tivéssemos a rua [das Flores] toda reabilitada, provavelmente vender-se-ia num instante porque é uma zona que está na moda”, diz ao P24 Manuel Leite, director da RE/MAX Invicta.”

“Rua das Flores “está na moda”, mas há entraves à recuperação” – Jornal Porto 24 (2013)

Relativamente ao campo das *intervenções, vivências do fenómeno* e suas *potencialidades*, através da presente notícia compreendemos que as intervenções ocorridas até então produziram efeitos (encontram-se ainda a produzir algumas metamorfoses), uma vez que a requalificação do edificado e a melhoria generalizada das condições de habitação postularam um exponencial aumento do seu valor imobiliário, promovendo a sua procura e inflacionando a sua oferta.

“Qualquer coisa que apareça na Rua das Flores, tanto para habitação como para negócios, vai rapidamente”, confirma Elói Faria, comercial da ERA Porto Baixa, imobiliária que está a intermediar a venda de 4 prédios e um trespasse na Rua das Flores. Sem poder precisar o número de interessados em lista de espera, o comercial com 2 anos de experiência nesta rua diz que ela é hoje em dia, “sem dúvida, uma rua mais desejada”.

“Rua das Flores “está na moda” mas há entraves à recuperação” – Jornal Porto 24 (2013)

Da parte dos habitantes locais, o efeito revela-se algo negativo uma vez que os mesmos se sentem pressionados a deixar as suas casas, dado que não detêm capital económico capaz de fazer face ao acréscimo de renda e despesas. Por outro lado, o mercado imobiliário lucra potencialmente com este fenómeno devido ao gritante interesse por parte de compradores mais diversos. A rua, outrora a anfitriã urbana mais saudosa da

aristocracia e burguesia portuense, reflete atualmente um caso de gentrificação bastante profundo: onde o acesso à habitação é delineado pelas camadas sociais mais elevadas.

“A Rua Mouzinho da Silveira é também muito procurada, afirma Manuel Leite. Com “edifícios que têm comunicação directa com a Rua das Flores”, a Mouzinho da Silveira, que “já está a ser intervencionada, é uma rua mais movimentada e tradicionalmente mais conhecida”, com edifícios maiores.”

“Rua das Flores “está na moda”, mas há entraves à recuperação” – Jornal Porto 24 (2013)

O *busfílis conceptual* deste registo remete-nos para uma mensagem onde se facilmente entende, nas entrelinhas, que as metamorfoses oriundas das intervenções são imediatamente passíveis de serem sentidas e vivenciadas logo no decorrer do seu próprio processo. O exemplo mais concreto prende-se com a habitação, sendo uma temática que levanta diversas controvérsias. Discute-se o papel ativo das agências imobiliárias no processo de compra e venda de imóveis do centro histórico, na inculcação de preços (elevados!) e na tentativa de lucro através das melhorias habitacionais. Atenta-se à sustentabilidade de tal ciclo, uma vez que os proprietários/moradores locais são progressivamente colocados no exterior da situação.

“O que existe mais, no Porto, é procura para imóveis com características dos edifícios do século XIX – clarabóia, pé direito alto, tectos em gesso trabalhados, escadas em madeira –, para transformar em pequenas unidades de habitação, T1 e T2. E isto estende-se à Rua das Flores.”

“Rua das Flores “está na moda” mas há entraves à recuperação” – Jornal Porto 24 (2013)

Ainda relativamente às *visões e percepções* do olhar mediático sobre o processo de reabilitação urbana, realçamos a mensagem da notícia *“Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores”*³¹ (2014), sendo que nesta derradeira fase do processo de reabilitação urbana atentamos alguns detalhes que têm merecido lugar de destaque no mediatismo da imprensa escrita: as falhas no piso da rua, aparentemente um desnível que tem causado diversas quedas dos transeuntes.

“A intervenção nesta última rua está praticamente concluída, mas vai ser ainda preciso resolver uma falha no projecto, no piso da artéria que agora é pedonal mas pouco amiga dos peões, dado o elevado número de quedas reportado”

³¹ *“Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores”*- Notícia publicada pelo Jornal Público, a 20 de fevereiro de 2014.

*“Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores” -
Jornal Público (2014)*

Clarificamos, igualmente, a apresentação do projeto Mercator no seio da comunidade urbana e no dealbar de algumas das transformações que a própria requalificação urbana exigiu. O Mercator é um projeto que atua nos meandros do marketing de proximidade, unindo a capacidade tecnológica, as redes sociais e azáfama urbana através de uma ligação *online*.

“E que aproveita muito as novas tecnologias, a conectividade dos smartphones à Internet e as redes sociais, como o Facebook e o Instagram, para fazer aquilo que se designa por marketing de proximidade, direccionado para os transeuntes e turistas instalados em hotéis da envolvente.”

*“Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores” -
Jornal Público (2014)*

Sem subestimar o campo das *intervenções* e das *vivências do fenómeno*, através da notícia evidencia-se uma relação com a cidade e com a Rua das Flores carregada de expectativa. De ansiedade, em torno das reações dos diversos públicos face às mudanças produzidas neste espaço de territórios. De palcos e bastidores. Elencam-se alguns exemplos de negócios antigos que se mantêm, anunciam-se novos conceitos ansiosos por se estrearem nesta que é uma das artérias urbanas mais afamada na cidade.

“O bom tempo — bem escasso pelo qual todos anseiam — põe os comerciantes na expectativa sobre a reacção dos clientes e, principalmente, dos turistas, ao novo aspecto da rua. Nas Flores ainda há velhas lojas fechadas, tela para a arte de rua de Hazul, icónico graffiter desta zona da cidade, mas estas convivem já com alguma renovação visível no tecido empresarial.”

*“Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores” - Jornal Público
(2014)*

Relaciona-se o Mercator com a possibilidade deste disponibilizar a comunicação e a troca de informação sobre os locais aos turistas através de uma aplicação nos seus dispositivos móveis. As intervenções como potencializadoras ávidas de novos mecanismos de informação, adaptando-se a cidade às atuais necessidades e procuras quotidianas.

“Num edifício a poucos metros, anunciam-se residências e espaços comerciais. Mais abaixo um hotel, mais acima, já com a estação de São Bento à vista, outro. E Mário Santos, no Buffet Marina, bem precisa de mais gente por ali, que os residentes são poucos e turistas, a principal clientela, só lá mais para o Verão.”

“*Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores*” -
Jornal Público (2014)

Remetendo para o *busílis conceptual* integrante da presente notícia, emerge a tentativa de se aliar a espera da renovação da Rua das Flores à apresentação do projeto Mercator: uma promessa de uma interação mais rápida e eficaz no que concerne à transmissão de informação, publicidade e conhecimento de lugares, eventos e pessoas na Rua das Flores, através de dispositivos móveis e com acesso à Internet.

“*Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores*” -
Jornal Público (2014)

Numa era delineada pelas tecnologias de informação, assistimos a uma aliança estabelecida entre a reabilitação urbana e os meios tecnológicos como forma de promoção e atração de públicos, coexistindo constante tentativa de melhoria de serviços e de qualidade no coração da cidade. Nesta etapa de análise de conteúdo das fontes de imprensa durante o processo de requalificação urbana no Eixo Mouzinho/Rua das Flores, atentamos às mudanças que são imediatamente percebidas e reconhecidas no seio da comunidade da rua, nos transeuntes e em toda a envolvência urbana local. Confirmamos que um dos problemas desde logo vivenciados se prende ao âmago da habitação, à continuidade de desertificação populacional e à inflação dos valores do mercado imobiliário.

3.1.3 – A posteriori: entre(as)linhas

Numa última fase da análise de conteúdo de notícias da imprensa escrita, remetemos a pesquisa e recolha de dados para as publicações entre o final do mês de março de 2014 e junho de 2016 (momento de análise e redação da investigação). Sendo esta uma etapa analítica (2014-2016) cujos meandros da reabilitação urbana se pautam pelos *feedbacks* mais ecléticos e simultaneamente mais intensos, a seleção de um conjunto de notícias permite-nos confrontar e debater as pistas conclusivas que subjazem aos pontos de visão da imprensa escrita nacional sobre o tema.

Nesta fase pós-reabilitação urbana na Rua das Flores, as visões e percepções que eclodem sobre o tema revelam a constante emergência de controvérsias delineadas por

debates, colocando na superfície das opiniões distintos pontos de vista sobre o produto de uma das etapas mais flagrantes de reabilitação urbana no coração da cidade do Porto. A notícia “*O Património que perdeu a Humanidade*”³²(2016), apresenta o confronto entre diversas perspetivas públicas acerca do estado atual do centro histórico do Porto, encontrando-se latentes relações de poder e visões distintas em torno do mesmo fenómeno processual. A reabilitação urbana é assim percecionada como dual e controversa: acarreta benefícios, mantém desvantagens, de acordo com as figuras e entidades público-estatais referenciadas. Apela-se a um equilíbrio de forças: entidades gestoras, estado e atores e protagonistas da cidade.

"(...) a ideia era preservar o edificado, mas também o património humano", duas dimensões que deviam ser "indissociáveis". Isso não aconteceu e hoje estão à vista "os efeitos nefastos".

"O Património que perdeu a Humanidade", Jornal de Notícias, 2016

Relativamente às *metamorfoses urbanísticas* e ao *feedback* das operações de reabilitação relatam-se que as principais transformações decorrentes da reabilitação urbana se centram na melhoria das condições do edificado. Tais mudanças acarretam impactos ao nível da emergência de novas práticas de lazer e atividades culturais e turísticas múltiplas.

"Para Correia Fernandes, que diz ser contra "uma política de fachadismo", "o balanço geral é talvez 50/50". "Há intervenções boas, más e questionáveis", diz, concretizando que nas Cardosas o seu reparo é à componente programática. "A praça mantém-se à margem da cidade. E tenho a sensação de que não há gente a viver ali".

"O Património que perdeu a Humanidade", Jornal de Notícias, 2016

Contudo, as intervenções não se definem como estanques: segundo os especialistas ainda há muito mais a fazer pela cidade, pelo Porto. Há o argumento da reabilitação urbana como fenómeno *íman* de turismo, de fomento de atratividade, de crescimento económico, mas ainda resistem pontos negativos, como o défice de população fixa, a falta de moradores nas habitações reabilitadas, em suma: a queda demográfica generalizada no Centro Histórico do Porto.

"(...) o Porto é a cidade portuguesa "classificada que corre maior risco". A arqueóloga entende que o que se está a passar "não é saudável" e teme que a Invicta passe pelo que passou Barcelona.

³² “*O Património que perdeu a Humanidade*” – Notícia publicada pelo Jornal de Notícias, a 29 de março de 2016.

"Em 1981, havia 28 mil habitantes. Em 2011, eram 9300. Fixaram-se depois alguns, mas a maioria está de passagem".

"O Património que perdeu a Humanidade", Jornal de Noticias, 2016

Neste registo de imprensa escrita o *busílis conceptual* pauta-se pelo constante debate de visões das diversas entidades públicas envolvidas no processo de reabilitação urbana no coração da cidade do Porto. Através do título "O património que perdeu humanidade" ou do subtítulo "Mais alvarás de obras" facilmente compreendemos que o cerne da reabilitação se ancorou na melhoria das estruturas e edificado da cidade, subestimando as questões de índole social. Eis o problema: um porto sem gente não é o Porto. A falta de habitantes fixos é ainda um problema, sendo que a reabilitação urbana – apesar dos benefícios que acarretou – é percecionada igualmente como veículo para um estilo de vida urbano de "passagem".

"O aparecimento de novos hotéis é importante para a economia, mas como em tudo na vida deve haver um equilíbrio porque o património não deixa de ser as pessoas e quem vive nos sítios". A afirmação da secretária de Estado da Cultura, Isabel Botelho Leal, proferida em janeiro, no Porto, veio colocar o dedo numa ferida aberta nos últimos cinco anos.

É urgente encontrar o equilíbrio de que fala a governante, concordam as fontes ouvidas pelo JN."

"O Património que perdeu a Humanidade", Jornal de Noticias, 2016

Por sua vez, e de uma importância legítima, encontramos a imprensa escrita debruçada sobre a questão do comércio na Rua das Flores, "*O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?*"³³(2014). No que concerne às visões e perceções espelhadas na presente notícia – publicada no exato dia de inauguração e reabertura da Rua das Flores – são elenca as principais características e lugares que poderíamos encontrar durante um percurso pedonal (imaginário) por esta artéria urbana, assim como nas suas imediações mais próximas. Reflete um carácter descritivo, onde exaustivamente apresenta as mudanças mais fulcrais, as denominações atribuídas, conferindo especial ênfase ao domínio comercial da rua.

³³ "*O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?*" – Notícia publicada pelo Jornal Porto24, a 29 de março de 2014.

“A Rua das Flores e os largos dos Lóios e de S. Domingos, no centro histórico do Porto, são inaugurados este sábado, depois de terem sido intervencionadas. A partir de segunda-feira, estas artérias serão pedonais. Mas, se se fizer ao caminho, o que é que encontra por lá?”

“O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?” – Jornal Porto24, 2014

Atentando ao campo das transformações, são abordadas as metamorfoses relativas ao espaço público e ao comércio da Rua das Flores, Largo de São Domingos e Largo dos Lóios. Enfatiza-se a abertura de novos negócios e a permanência daqueles que ainda se mantêm deste outrora, mencionando-se a existência das entidades institucionais na rua. A rua, enquanto lugar da cidade é apresentada, embora de uma forma um tanto quanto subtil e ténue, como local cosmopolita, renovado e sustentado nos novos conceitos comerciais e no efeito *vintage* dos antigos.

“Quem começa a percorrer a Rua das Flores vindo de S. Bento encontra logo no início da rua 2 negócios relativamente novos, ainda antes do cruzamento com a Rua Trindade Coelho: a Chocolataria Equador e a Portuguese Beauty. E algumas lojas do Passeio das Cardosas por estrear.”

“No número 139 da Rua das Flores, um bonito e imponente prédio de azulejos azuis vai dar origem a comércio e habitação. Foi todo restaurado e aguarda gente.”

“O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?” – Jornal Porto24, 2014

Em termos conceptuais, o busílis da notícia reflete - apesar de evidenciar pouca matéria a ser objetivada - o mote para se conhecer a “nova” rua das Flores: enceta um percurso pedonal recaindo o seu próprio “olhar” sobre os espaços de consumo e de lazer que merecem mais atenção no momento de viragem após a finalização das obras urbanas. Permite perceber a emergência de novos tipos de comércio, com distintos conceitos e apresentação (incluindo os próprios nomes!) e na continuidade de outros negócios intemporais da rua.

Ainda nesta fase *a posteriori* e de avaliação de impacto das metamorfoses urbanísticas na imprensa escrita, selecionamos mais um registo que, segundo o nosso olhar, apresenta-se como relevante para a análise e compreensão do fenómeno de reabilitação urbana segundo o observatório de imprensa construído. Através da notícia *“Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade”*³⁴

³⁴ *“Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade”* – Notícia publicada pelo Jornal Público, a 28 de janeiro de 2016.

(2016) percebe-se a progressiva monopolização do espaço das áreas históricas urbanas do Porto através das unidades hoteleiras e dos alojamentos de cariz temporário, questionando-se o equilíbrio entre as partes: habitação para ser ocupada por moradores fixos ou habitação de albergue passageiro e de âmbito turístico.

“(...) o número crescente de hotéis no Centro Histórico do Porto, apesar de importante para a economia, pode pôr em causa a classificação como Património da Humanidade.”

“O Porto tem actualmente 30 pedidos de licenciamento para novos hotéis, correspondentes a processos referentes à intenção de executar empreendimentos turísticos que ainda não receberam alvará de construção.”

“Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade” - Jornal Público, 2016

Em termos genéricos, os efeitos e metamorfoses traduzem-se na própria reabilitação urbana da cidade, fenómeno potencializador da melhoria da qualidade do edificado, das infraestruturas e espaços públicos urbanos, que emergiu de forma concomitante como estímulo seguro à progressiva turistificação da mesma zona. Apesar de nenhum destes elementos depender, de certo modo, um do outro, encontram-se interligados: a reabilitação urbana traduz melhores condições para que o turismo – e os turistas – se ancorem num porto que é o Porto. Reflete-se sobre os principais impactos urbanísticos: admite-se que o foco de intervenção se baseou profundamente na preocupação de conferir melhores condições à habitação temporária, em detrimento da habitação permanente, conferindo-se um lugar de destaque ao turismo e seus atores sociais.

“A Rua das Flores é uma das ruas mais desejadas para abrir negócio, mas as ruas da Vitória, Mouzinho da Silveira, Almada ou a Avenida dos Aliados, são outras artérias assinaladas no mapa da cidade e onde as unidades hoteleiras estão a crescer a um ritmo avassalador.”

“Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade” - Jornal Público, 2016

No que concerne ao *busílis conceptual*, compreende-se que a reabilitação urbana e o estatuto atual do centro histórico do Porto são percebidos como elementos-chave à inflação do valor patrimonial, económico e cultural da cidade, acarretando impactos positivos no desenvolvimento local da região. Contudo, o presente registo de imprensa remete, igualmente, para a coexistência de ameaças à conservação e valorização dos apanágios que contemplam o Porto como Património da Humanidade.

“Não queremos uma ribeira onde haja só hotéis, não tendo pessoas a viver lá porque depois esvazia-se, deixa de ser real”, salientou a governante. O Centro Histórico do Porto foi classificado como Património da Humanidade em 1996, celebrando este ano 20 anos.”

“Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade” - Jornal Público, 2016

A elaboração do observatório de imprensa escrita permitiu-nos aceder a informações oriundas dos meios de comunicação e abertas à esfera pública, proporcionando uma compreensão mais alargada do fenómeno de reabilitação urbana no centro histórico portuense e, ainda mais especificamente, na Rua das Flores. Atentando às metamorfoses mais destacáveis e, atribuindo especial ênfase às dimensões associadas à pertinência e heterogeneidade de dados e análise de conteúdo, representamos através de uma esteira cronológica o domínio da eclosão, das vivências e do *feedback* dos acontecimentos relativos à reabilitação urbana, através de uma visão pública e de uma cobertura mediática. Apuramos, conseqüentemente, que os temas associados à requalificação do património da cidade, à reabilitação urbana e às mudanças sociais e urbanas experienciadas no Porto, têm auferido, progressivamente, um valor determinante na imprensa escrita, o que determina o seu valor subjetivo e o seu potencial de noticiabilidade.

3.2 – Varandas de sentidos: entre incursões e observações

“Estar fora de casa, e contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais (...).”

Baudelaire

A entrada num território urbano reabilitado, centralizado nas vísceras históricas da Invicta solicitou-nos – intrinsecamente à sua natureza urbana e familiar – um afastamento das realidades que quotidianamente se configuram nas passagens, rotineiras e involuntariamente intimistas, nos espaços públicos e lugares tão manifestos no nosso imaginário objetivado. De acordo com Caria (2005), uma passagem pelas zonas de *fronteira*, onde nos posicionamos dentro e, simultaneamente fora, promovendo uma ambigüidade através da tensão provocada pelo inesperado. Ademais, o trilho dos percursos mentais e deambulatórios experimentados, apesar de se desenrolarem neste local urbano – Rua das Flores – relativamente cónito e familiarmente permissivo,

proporcionaram uma experiência simbólica de viagem forasteira, de pesquisa ádvena. Sem dúvida que nos posicionamos no território, sendo que, essa capacidade do próprio espaço nos permitir a “entrada” e a capacidade de o percorrermos sem qualquer controle físico ou externo (apenas o social!), consolidou-se como a vantagem primordial do *vadiar sociológico* que encetamos, repetidamente, através das observações diretas e/ou participantes.

Apesar de cinzelarmos uma estratégia temporal e etnográfica a longo prazo e capaz de acompanhar as diversas etapas da pesquisa, subjazem duas fases basilares: entre Fevereiro e Maio de 2016, inclusive, quando realizamos cerca de dezoito observações diretas e algumas participantes, sendo também nesta etapa que urgem as entrevistas semidiretivas; e a partir da segunda metade do mês de Julho até ao final da investigação (Setembro de 2016), onde nos debruçamos na continuidade do exercício observacional, sob uma égide mais detalhista e minuciosa, cuja análise evoca o pendor mais descritivo dos fios condutores de cada elemento urbano e social presente na rua. A observação foi assim bipartida através de orientações que nos permitissem chegar a algumas respostas mais céleres: *primeiro*, observar os principais sinais de reabilitação urbana e de revitalização estrutural, social e cultural como fenómenos de mudança e reconversão local; *segundo*, atentar nos fluxos e permanência dos diversos públicos no que concerne às dinâmicas residenciais, comerciais e turísticas, tendo em consideração o exercício de observação e de interpretação das questões em torno das regularidades quotidianas, perceções, vivências e simbologias representativas do público-alvo.

Desde logo, desde as primeiras incursões ao terreno e no constante exercício de combate à opulência dos factos mais familiares, atentamos com olhar pragmático e, simultaneamente, sensível aos sentidos, os sinais mais manifestos correspondentes à primeira premissa orientativa: os signos de reabilitação urbana responsáveis pelas metamorfoses territoriais locais. Primeiramente, remetemos para as mudanças físicas e estruturais da rua, sendo o edificado um elemento elucidativo neste preâmbulo. Constatamos a exuberância das interferências estruturais e arquitetónicas no edificado da Rua das Flores: alguns dos prédios, sobretudo os andares superiores dos mesmos, apresentam esbeltas fachadas, repletas de brio e capazes de captar a atenção até dos mais desinteressados pela matéria. Reparámos, ainda, no profundo contraste existente entre as

melhorias apuradas com o edificado ainda decadente, em estado de abandono – uma visão dual.

“Logo nos primeiros passos repara-se nos edifícios e nas suas fachadas ainda decadentes, onde o cheiro a ferrugem se mistura com o odor a cimento. Alguns desses edifícios ainda se encontram em estado devoluto, enquanto outros ainda se encontram a ser reabilitados no presente.”

Observação nº1, 10 fev. 2016, Rua das Flores, Porto.

“Reparo, ainda, no edifício de tais portas. Ao nível do rés-do-chão, a fachada do edifício encontra-se reabilitada e denota-se que é largamente apreciada pelo âmago turístico e deambulante. A par disso, impossível não reparar nos níveis superiores do mesmo prédio, acusando uma profunda decadência.”

Observação nº1, 10 fev. 2016, Rua das Flores, Porto.

As incursões à Rua das Flores tornaram-se mais regulares, mais condensadas. De facto, nunca nos faltou informações ou impressões a recolher e a apreender: desde as interações passíveis de serem observadas, às dinâmicas urbanas densas e recheadas de contornos pluridimensionais. Rapidamente passamos a atentar, de uma forma mais envolvente nos fluxos e permanência dos diversos públicos no que concerne às dinâmicas residenciais, comerciais e turísticas, a segunda premissa orientativa das deambulações observacionais pela rua. Tentamos observar a cidade sem disfarces, a rua despida entre a alegoria das significações urbanas e o total êxtase de uma observação apaixonada pela cidade, sob uma pele de *flâneur* (Baudelaire,1997). E, desmistificando qualquer tipo de ideal (in)consciente acerca de tais elementos, apuramos a supremacia de um segmento de público face aos restantes: os turistas. A sua presença, idas e vindas, transforma rua numa via praticamente convertida à azáfama do cosmopolitismo urbano, recheada de idiomas e do som do obturador das máquinas fotográficas. São, na sua maioria, grupos de 3/4 pessoas de todas as idades: desde jovens a indivíduos de idade mais avançada, parecendo oriundos de diversas nacionalidades ou culturas.

“A rua está movimentada, muito mais do que na anterior visita ao terreno. Turistas – dialogando diversos idiomas – encontram-se em frente aos estabelecimentos comerciais da rua. Vários grupos de turistas passam por mim durante a observação, assim como jovens e estudantes com o seu traje negro. (...). Há uma mescla cultural no deambular desta rua, uma espécie de ‘bricolagem cultural’, como nos transmite Lévi Strauss, que une partículas oriundas da cidade e

mesclas culturais de cada região do globo. Como se quem passa de passagem, deixasse um pedaço da sua própria cultura. Por vezes, se fecharmos os olhos enquanto deambulamos na rua e atentarmos ao que nos rodeia no momento, as melodias, os passos, as palavras ou os idiomas, facilmente se percebe que esta rua poderia ser uma outra qualquer rua, numa qualquer cidade cosmopolita na Europa ou no resto do mundo. Há, de facto, uma sensação extrema de multiculturalidade condensada num espaço com diversos espaços e de grupos com distintos grupos.”

Observação nº2, 17 fev. 2016, Rua das Flores, Porto.

Relativamente ao comércio, a reabilitação comportou algumas mudanças: o progressivo declínio do denominado comércio tradicional em prol da emergência de novos estabelecimentos comerciais, com conceitos *vintage-retro* e mais virados para o turista, sendo até curioso relevar a proliferação da língua estrangeira nos nomes, publicidades e descrições portas, janelas e paredes das lojas. O negócio da restauração encontra-se em franco progresso na Rua das Flores, assistindo-se à constante abertura de estabelecimentos dedicados a tal segmento de negócio, sendo que a afluência de públicos estrangeiros se concentra, em larga escala, nesta tipologia comercial.

“Vir à Rua das Flores num sábado à tarde é desafiante. Mal começa a caminhada reparo que as esplanadas se encontram lotadas. A rua, propriamente dita, também. Aliás, torna-se um pouco sufocante deambular pela rua, dada à elevada afluência e passagem de pessoas nos dois sentidos. Nota-se que os estabelecimentos mais lotados são os dedicados ao consumo alimentar local, como as gelatarias, as creperias ou a nutelaria, que proliferam não somente na rua, como também na Baixa.

A animação de rua, hoje, está no auge. Dois músicos delicias o público. Enquanto um toca flauta, o outro canta uma versão acústica da Creep dos Radiohead. E, mais uma vez, sente-se aquela intenção de multiculturalidade, a de um hibridismo recente em cada entranha da calçada.”

Observação nº3, 20 fev. 2016, Rua das Flores, Porto.

A par do comércio renovado, assistimos à presença de um domínio cultural e de animação artística igualmente diversificada, dinâmica e em constante movimento: são artistas plásticos, pintores ou músicos de rua, mas concentram-se e constroem um tipo de cultura urbana que concorre à definição do próprio território, uma atração urbana constante.

“Sábado à noite. É Verão na Rua das Flores. Ouvem-se vozes misturadas com a melodia do acordeão, vejo uma enorme bolha de sabão -, ainda que ao longe - a deliciar as expressões afáveis dos transeuntes. Junto às entradas de algumas lojas observo alguns vendedores ambulantes, alguns artistas, cujas pinturas ou desenhos de carvão se encontram expostos nas fachadas dos prédios. Vive-se uma azáfama que se estende até ao Largo de São Domingos, onde as esplanadas se enchem e os risos se prolongam. Decorrem os festejos do 1º aniversário do MIPO. A Rua está em festa.”

Observação nº20, 16 jul. 2016, Rua das Flores, Porto.

Por sua vez, no que concerne aos habitantes constatamos, ao longo dos passeios e trilhos sociológicas, que a sua existência na rua é parca, indubitavelmente longínqua. As fachadas, ora reabilitadas, ora devolutas, não apresentam muitos sinais de consumo habitacional ou de paredes com um cognome de lar. Um ou outro estendal se vislumbram da calçada, sendo que o olhar é significativamente atraído para esses pequenos, mas minuciosos detalhes que espelham ainda a existência de alguma *humanidade* permanente na rua. Contam-se pelos dedos – ou nem tanto – o número de varandas ou janelas que apresentam sinais de serem habitadas por alguém.

“Ao observarmos os edifícios e as (poucas) habitações, a dificuldade de acesso é logo patente. Não existem redes de vizinhança e as habitações existentes foram reabilitadas recentemente e dispõem, até mesmo, de sistema com porteiro.”

Observação nº1, 10 fev. 2016, Rua das Flores, Porto.

“(…) a ausência de pessoas do Porto, a perda da permanência. A apreensão pela reabilitação e a tentativa de terem uma voz que ninguém ouve: os comerciantes, os habitantes. Em conversa com um comerciante retemos: “Se alguém conhecido está sem aparecer 2 dias ficamos logo preocupados, é o bairrismo!”

Observação nº17, 21 mai. 2016, Rua das Flores, Porto.

Ademais, atentamos à emergência de novas residências de cariz temporário e com uma índole fixada no turismo, apropriada para quem vem, para quem visita. Outros exemplos de reabilitação habitacional distraem-se da esteira da tipologia de residentes até então natos da rua dos ourives, dos mercadores: apresentam fronteiras invisíveis entre elas mesmas – de cariz simbólico – sendo algo indecifrável conhecer quem lá vive, coexistindo a distância redobrada entre o espaço público e a esfera privada. Não obstante,

avançamos para as entrevistas semidiretivas, com a ânsia e perspectiva de aprofundar as informações recolhidas através do exercício de observação.

3.3 – Dos diálogos às narrativas: janelas de experiências subjetivas

Das deambulações sociológicas pela rua emergiram expressões atentas e analíticas, olhares detalhistas entre passos audazes. Chegado o momento de rescaldo empírico – após o(s) contacto(s) recheados de descobertas, os diálogos repletos de matéria basilar, de narrativas mescladas de incongruências essenciais à compreensão das relações holísticas da reabilitação urbana na Rua das Flores – encetamos a análise relativa às entrevistas semidiretivas, aplicadas à amostra populacional do presente estudo. Tendo sido um roteiro empírico carregado de ambições metodológicas, reunimos, na seleção amostral, um conjunto de entrevistas oriundas da população comerciante, de uma técnica superior que desenvolve atividade profissional numa entidade localizada na rua, bem como de entidades culturais locais (Museu das Marionetas e Museu da Misericórdia), e de empresas municipais (Porto Lazer) e entidades privadas (Opium e APPRUP), com arcaboço e bagagem empírica no campo do urbanismo e da reabilitação.

A amostra da população comerciante constitui-se como sendo a mais vasta e proeminente na recolha e análise de dados, escrutinando o seu detalhe no domínio sociodemográfico. Assumimos ainda preservar a identidade pessoal e do estabelecimento comercial dos entrevistados. Tendo sido entrevistados dez comerciantes da Rua das Flores, atentamos à sociografia³⁵ apurada no momento da entrevista:

Relativamente à categoria **Sexo**, compreendemos que a amostra de comerciantes entrevistados é, na sua maioria, constituída por mulheres, 70% concretamente. Por sua vez, 30% da população é masculina. Face à categoria **Idade**, destrinchamos este elemento tripartindo-o através de faixas etárias: indivíduos com idade inferior e até aos 35 anos; indivíduos com idade compreendida entre os 35 – 50 anos; e indivíduos com idade superior a 50 anos, inclusive. Apuramos que 50% dos entrevistados apresenta idade compreendida entre os 35-50 anos, 40% tem 50 ou mais anos e, somente, 10% - o correspondente a um entrevistado – é considerado jovem adulto, com idade inferior a 35

³⁵ Quadros e Gráficos relativos às estatísticas sociodemográficas são apresentados no Anexo nº9.

anos ou inclusive. Por sua vez, a categoria das **Habilitações Literárias** apresenta-se como profundamente heterogénea, tendo em consideração o facto de a amostra ser relativamente restrita. Atentamos à existência de 30% de comerciantes entrevistados com o ensino secundário completo, sendo que este nível inclui o 12ºano e o antigo 7ºano do liceu; 20% possui bacharelato, equivalente ao ensino médio; outra proporção de 20% detém o grau relativo a licenciatura; 10% concluiu o ensino básico – 3ºciclo; 10% é habilitado ao nível de mestrado ou equivalente; e, por último, 1 entrevistada é doutorada. Uma vez que a presente amostra é composta exclusivamente por comerciantes da Rua das Flores, a presente conferiu especial ênfase à situação profissional do entrevistado, sendo que: 70% dos entrevistados são comerciantes proprietários do estabelecimento comercial em questão e os restantes 30% constituem-se como comerciantes assalariados (funcionários). No que concerne à **Naturalidade**, constatamos que 70% dos comerciantes entrevistados são *tripeiros* de alma e profissão, sendo naturais da cidade do Porto. Por sua vez, 10% é natural de Aveiro e, em igual proporção, 10% é oriundo de França. Um dos entrevistados não sabe/não responde a esta questão. Relativamente ao **Local de Residência**, 60% dos comerciantes entrevistados reside na cidade do Porto, sendo os concelhos contíguos os territórios que abarcam a restante amostra: 20% habita em Vila Nova de Gaia e 10% no município de Matosinhos. Um dos entrevistados preferiu não responder acerca do seu local de residência.

Remetendo a análise primordial às entrevistas dos comerciantes da Rua das Flores, as categorias analíticas e respetivas unidades de análise permitem uma aceção de conteúdos pertinentes e uma qualidade de dados profundamente densos, ao ponto de merecerem uma compreensão cuidada, detalhada. Consideramos assim relevante incutir nas categorias analíticas de conteúdo o pendor associado à *relação com a reabilitação urbana na rua – eclosão e vivência do fenómeno*, ao *conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social – a relevância dos impactos*, à *permanência na rua – reestruturações do quotidiano, papéis e apropriações*, *passado versus presente*, e à *simbolização afetiva e memória descritiva da rua*. A obtenção de visões algo heterogéneas e distintas sob o ângulo de determinadas opiniões dos comerciantes entrevistados proporciona-nos uma simbiose densamente contrastante, manifestando a necessidade de uma análise crítica e meticulosa.

3.3.1 - Reabilitação urbana: uma relação, uma vivência apre(e)ndida

Face à *relação com a reabilitação urbana na rua, sua eclosão e vivência*, a *Entrevistada A* reflete uma relação estabelecida, exatamente, desde o ano primordial das obras de requalificação urbana da artéria urbana em questão. Exprime apreensão e entusiasmo face à mudança proposta, vivenciando o fenómeno carregado de ânsia: o interesse para assistir os resultados finais e, simultaneamente, o dia-a-dia limitado pelos constrangimentos gerados pelo momento de reabilitação.

“E nós quando optamos para ir para lá, porque era uma artéria principal e de passagem de turistas. Portanto aquilo iria ser interessante.”

“Nós fomos pioneiros nesse novo movimento, não somos proprietários antigos. (...) E é uma rua lindíssima e ... fazia todo o sentido.”

Entrevistada A, Comerciante na Rua das Flores

Há, de facto, o reconhecimento da existência de um *movimento*, sendo este pautado pela emergência de novas formas de comércio nos últimos anos, bem como pela aposta no dinamismo da rua, através do setor ligado ao comércio, mesmo antes das obras de reabilitação.

Paralelamente, e através do diálogo com a *Entrevistada B*, observa-se uma relação muito estreita, estabelecida entre a comerciante e a própria rua, assim como com o próprio fenómeno de reabilitação local. É demonstrado interesse em torno do tema, ou seja, este é vivido com profunda ânsia e atenção por aqueles que quotidianamente assistem às paulatinas mudanças.

“Há alguns melhoramentos, muitos e grandes melhoramentos, a rua há três, quatro anos atrás, há quatro anos atrás, quando vim para cá, uma das questões por ser uma zona histórica e turística ... não turística como hoje mas já tinha muitos turistas.”

Entrevistada B, Comerciante na Rua das Flores

A vivência enquanto comerciante alia-se à constante consciencialização dos melhoramentos urbanos locais: desde o pendor pedonal da rua aos progressivos investimentos na requalificação. O turismo e historicidade da Rua das Flores são encarados como matrizes da sua capacidade de melhoramento. Por sua vez, a *Entrevistada C* evidencia forte relação de associação entre a reabilitação urbana e o fluxo de clientes, referenciando o aumento exponencial destes últimos na rua, no momento *a posteriori* às obras de requalificação.

“Se for com clientes a rua em si, esta rua em si tem muita gente. Nem tem comparação. Tem MUITA gente ... na rua.”

“Neste tipo de comércio mais tradicional há uns anos atrás não houve grandes alterações, não, não ... Muito mínimo, muito mínimo.”

Entrevistada C, Comerciante na Rua das Flores

Mantendo esta linha de visão, o *Entrevistado D* assume a existência de uma relação duradoura entre o estabelecimento e a rua, uma relação de quase quatro décadas. Evidenciando o reconhecimento pelo trabalho do município na artéria urbana, evoca os efeitos melhoramentos como mecanismos de rejuvenescimento urbano. Atenta, ainda, à progressiva mudança de públicos, à emergência de uma diversidade e ecletismo distintos, sendo o turismo o fator-chave das transformações mais manifestas no âmago do segmento do comércio do presente entrevistado.

“Estamos aqui há 35 anos ... Depende, depende. O município também investiu bastante em melhorar a rua, porque a rua era toda em paralelo ... agora é uma rua pedonal. Mas a nível do impacto do turista para nós – livreiros – não teve grandes impactos, acho que pelo contrário.”

“Mas a nível do turismo, às vezes chegamos aí a ter 50 e tal por dia ... Também tenho clientes esporádicos, que entram aqui e acabam por levar um livro.”

Entrevistado D, Comerciante na Rua das Flores

A *Entrevistada E* evidencia uma relação de surpresa e de conforto face à nova imagem que a rua emana. A entrevistada admite – através de um olhar sonhador - que, inicialmente, o processo de intervenção relativo à revitalização urbana na Rua das Flores lhe suscitava uma imensa dose de apreensão.

“Ah para mim foi uma surpresa quando, quando surgiram as obras nós estávamos muito apreensivos para avançarem com algum resultado porque achávamos que os clientes que vinham de espaços diferentes pudessem deixar de visitar a rua e o que aconteceu foi muito bom.”

“Foi o inverso, exatamente, exatamente – demos a mão à palmatória, a rua tem vindo também a ser revitalizada em termos de hotelaria, o que proporciona uma circulação melhor de potenciais clientes tanto turistas, como como nacionais.”

Entrevistada E, Comerciante na Rua das Flores

Contudo, admite, que tem vindo a vivenciar exatamente o reverso do fenómeno, assistindo à progressiva potencialização da artéria urbana que desde sempre possuiu um valor inigualável no coração da cidade do Porto, algo que lhe provoca uma extrema satisfação. Inversamente, o *Entrevistado F* apresenta uma visão profundamente crítica e

incisiva face à reabilitação urbana no Porto e, em concreto, na Rua das Flores, não a considerando como um “fenómeno”. A relação estabelecida com a eclosão e respetiva vivência do acontecimento é pautada por alguma revolta relativamente aos efeitos e teor das mudanças que a envolvem, argumentando – com bastante fervor reivindicativo – que o facto de metade das lojas da rua se encontrarem encerradas reflete a inexistência de um verdadeiro fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores.

“Ah ... como é que eu hei-de explicar este ... esta situação já está desde – já faz dezasseis anos - -- portanto e não está pronto. Eu quando vim trabalhar para aqui, há trinta e quatro anos atrás, só havia duas lojas fechadas, hoje temos mais de metade das lojas da rua fechadas - se chamam a isso uma requalificação urbana... não sei.”

Entrevistado F, Comerciante na Rua das Flores

A par desta visão mais crítica, o *Entrevistado G* apresenta igualmente uma visão profundamente negativa face à reabilitação urbana da rua, a sua eclosão, perceção e vivência do próprio momento, enquanto fenómeno. Elenca, avidamente, todos os detalhes que, segundo ele, são elementos destrutturados pela revitalização da rua, atribuindo especial ênfase às questões ligadas às infraestruturas urbanísticas e aos aspetos do espaço público. Espelhando desagrado nas mudanças que emergiram, argumenta que somente os *tascos* são capazes de sobreviver às metamorfoses e exigências urbanas que se impuseram na Rua das Flores, outrora talhada para o comércio. Refere o turismo – se bem que implicitamente numa fase inicial – como fonte de generalização de costumes exteriores e de banalização de cultura.

“Olhe isso é uma uma grande vergonha! A rua estava de facto mal mas ficou pior, porque sendo o exemplo nesta cidade da primeira rua - que é Rua de Santa Catarina - podiam ter feito outra coisa. Não digo também que tivessem feito a asneira que fizeram na Cedofeita mas podiam ter feito outra coisa. A rua está toda igual e tinha aí dois pequenos lances, uns quatro centímetros que depois esbateram.”

“Isto quanto ao pavimento da rua e quanto a essa brincadeira toda. De resto ... aqui quem vive ou às vezes até só sobrevive são os tascos porque as coisas estão mais viradas para o tascoso e aqui é, se andar aí pelas esplanadas vê é vinho ou saloio, chouriça, fiambre, queijo, presunto ... livros? Os livros têm um pequeno inconveniente são pesados e como essa freguesia toda que praí anda tem limite de peso por bagagem não leva os livros, porque os livros são pesados.”

Entrevistado F, Comerciante na Rua das Flores

A *Entrevistada H*, apesar do pouco tempo que passa no estabelecimento comercial, admite conhecer o Centro Histórico desde a sua infância, juventude. Assume, com rejúbilo no olhar, que o coração do Porto beneficiou profundamente com o processo de reabilitação urbana, sobretudo no que concerne às melhorias no plano urbanístico, arquitetónico e do edificado, conferindo uma paisagem visual mais aprazível.

“É assim, a nível de monumentos e prédios, realmente isto está diferente, não é? Está mais bonito, está mais vistoso ...”

Entrevistada H, Comerciante na Rua das Flores

Por sua vez, a *Entrevistada I* remete a sua relação estabelecida com a reabilitação urbana na Rua das Flores como mecanismo que tem vindo a despoletar vivências diferenciadas no cenário relativo ao espaço de comércio. A comerciante assume que tais mudanças postularam diversas alterações e consequentes adaptações em termos de organização, logística e gestão da loja, tendo em consideração o considerável fluxo de públicos oriundos de variados destinos

“Adequando os horários de funcionamento e garantindo a melhor qualidade do nosso serviço com ofertas cada vez mais direcionadas aos visitantes da cidade que têm vindo a aumentar.”

Entrevistada I, Comerciante na Rua das Flores

A *Entrevistada J* espelha uma profunda relação afetiva com a Rua das Flores, apontando como principais fenómenos decorrentes do processo de reabilitação urbana o turismo e a cultura. Dialoga, deliciosamente, sobre o requinte histórico da Rua das Flores, deambulando verbalmente pelo seu passado. Vivencia, com paixão, a sua permanência na rua enquanto proprietária e comerciante, elogiando todas as características que a artéria urbana detém, sendo que o impulso ao nível das culturas e das artes urge como sendo o mais decisivo e interativo, potencializando a beleza e qualidade da rua. Admite, igualmente, com algum receio e apreensão, que é necessária a imposição de alguns limites ao tipo de intervenções e requalificação, tendo em consideração os apanágios naturais da rua, que têm vindo a entrar num progressivo declínio, sobretudo no que concerne aos habitantes.

“E o que acontece é que, de facto, quando eu vim para aqui a uma grande ... apanhei muito turismo. Entretanto começou a reabilitação toda que foi penosa para nós, não é ... em termos de

comerciantes e entretanto quando reabriu a rua obviamente que, começou-se a sentir o efeito. Mas hoje uma parte para mim que é hoje o maior efeito da Rua das Flores é, principalmente, o fator dinâmico da cultura. Para mim a cultura é o que move. Sem dúvida que deu um contributo muito forte ... ao Centro Histórico do Porto e mesmo à Rua das Flores. Porque repare isso fez com que, a rua ganha outra vida, cor, as varandas, etc. E isso deu alegria, deu vida, deu ... e obviamente fomentou o comércio. A única coisa que eu acho que está a acontecer é que, ao meu ver, se não houver nenhum cuidado, poderá cair – e vamos assim dizer – primeiro em termos de senhorios, que eu sou dona desta loja e da Jóia da Coroa, aquele edifício lindíssimo da Ourivesaria Aliança.”

Entrevistada J, Comerciante na Rua das Flores

Compreendemos assim, que relativamente à dimensão *relação estabelecida entre os comerciantes e a reabilitação urbana na Rua das Flores*, os comerciantes entrevistados apresentam visões distintas e plurais. Associado ao tipo de comércio, aos anos de existência e permanência na rua ou, simplesmente, à constatação das mudanças, este carácter multidimensional de opiniões e relatos singulares postulam o próprio nível de aceitação, convivência e vivência do fenómeno, enquanto população da rua. Consideramos duas perspectivas fundamentais no que concerne à relação estabelecida na vivência entre os comerciantes e o processo de reabilitação urbana na Rua das Flores: uma aceção mais otimista e preponderante relativamente à reabilitação urbana, sendo assinaladas as principais vantagens ligadas à melhoria do edificado, infraestruturas e espaço público, bem como ao ambiente e espírito urbano cosmopolita do território; e uma visão mas crítica, no sentido em que a reabilitação urbana é vivenciada como causa-efeito de diversas assimetrias urbanas, sociais e populacionais, vivenciadas naquela artéria urbana.

3.3.2 - *Metamorfoses: recomposições do tecido social*

Atentando à dimensão associada ao conhecimento das *metamorfoses do tecido urbano e social, a relevância dos impactos*, procuramos atender e analisar a pluralidade de visões oriundas dos relatos das histórias singulares dos comerciantes da Rua das Flores. A percepção dos efeitos mais manifestos e, igualmente, dos mais latentes, permite-nos complementar e apurar os modos de vivência do fenómeno por parte da população. A *Entrevistada A* reconhece-se como pertencente a uma nova “vaga” de comerciantes, no Centro Histórico do Porto. Admite que, num momento *a posteriori* ao processo de reabilitação urbana da rua, esta começou a ser percecionada com uma agradabilidade distinta. Realça que tais impactos positivos não passam indiferentes a quem é da rua e a

quem é de fora, sendo que o seu ambiente e espírito animado constitui-se como um dos aspetos mais marcantes.

“Agora essas coisas de alterar ... e portanto agora o que nós sentimos é que a maior parte e a maior parte dos clientes e dos passantes na rua também começaram a considerar aquilo um sítio aprazível para ir passear, mas isso é um fenómeno completamente diferente.

Não era, não era ... E há um ambiente animado.”

Entrevistada A, Comerciante na Rua das Flores

A *Entrevistada B* apresenta, igualmente, uma visão otimista em torno das metamorfoses do tecido urbano e social da Rua das Flores: as mudanças são encaradas como positivas; fonte contributiva para o franco melhoramento da rua em termos estruturais, culturais e de acesso. Como impactos negativos – reverso natural deste tipo de fenómeno pluridimensional – atenta à referência dos exponenciais aumentos dos valores imobiliários e dos arrendamentos na rua e aumento da criminalidade/insegurança devido a ser uma zona mais “apetecível” e frequentada por públicos oriundos de distintas camadas sociais.

“Em relação à rua? Eu sou muito otimista.”

“(...). Está melhor, tem mais visitantes e realmente quem se quiser instalar hoje na Rua das Flores não é muito fácil, realmente do o preço do metro quadrado aumentou exponencialmente.”

“Sim, com isso também apareceu mais pedintes, pessoas que, mais roubos, as pessoas queixam-se mais, nós aqui também, todos os dias aparece-me gente a pedir ou então ouve-se falar de roubos sobretudo aos turistas, não é? É uma zona mais apetecível.”

Entrevistada B, Comerciante na Rua das Flores

Também a *Entrevistada C* alude às principais mudanças da rua afirmando que estas se pautam pela melhoria dos acessos, da segurança e da animação da rua. É referida a questão da insegurança na rua, no momento anterior à reabilitação, sendo que os impactos enaltecem a rua: a sua beleza e o seu estatuto urbano. Uma consequência negativa das metamorfoses urbanísticas na rua passa pela falta de estacionamento, fator que, segundo a entrevistada não favorece o comércio, sobretudo o de índole tradicional.

“O antes era muito pobre, muito escura, não tinha assim tanto sol, não tinha ... também o tipo de comércio não ajudou muito, não havendo estacionamento. Não havendo estacionamento não ajudou muito.”

“Tenho outro género de clientes que não tinha. Agora a rua está muito mais bonita, está mais alegre.”

Entrevistada C, Comerciante na Rua das Flores

O *Entrevistado D* considera que os efeitos da reabilitação urbana são, maioritariamente, benéficos, ao invés de negativos, tendo a rua auferido outra jovialidade e reconhecimento. Contudo, o facto de determinados clientes usuais até então terem deixado de frequentar a rua é apontado como reverso menos positivo. A falta de estacionamento e os acessos pedonais dificultam a chegada da maior fatia de clientes “fiéis”.

“Eu acho que foram mais positivos que negativos, a Rua das Flores era quase uma rua assombrada, abandonada ... e agora é uma rua que está com outra vida, que está com outra cor, não é?”

Entrevistado D, Comerciante na Rua das Flores

Há êxtase no olhar da *Entrevistada E* quando abordamos os impactos da reabilitação urbana na Rua das Flores: as metamorfoses ocorridas na rua são lembradas e experienciadas de uma forma muito positiva, confidenciando-nos que este sentimento de alegria e orgulho é transversal aos residentes mais próximos, às gentes da rua.

“Em termos sociais ah ... eu acho que toda a gente sente que é positiva esta mudança, os moradores, os residentes próximos daqui sentem-se muito orgulhosos de - por finalmente esta zona ser ... porque era considerada uma rua perigosa e com pouca gente, um sítio escuro e as pessoas geral saem à noite também gostam de ver o movimento. Isto em relação aos visitantes ah ah ... aparecem pessoas que, que são a representação de diversos tipos de artes, artes de rua que também dominam bastante, uns mais silenciosos do que outros. (Risos)”

Entrevistada E, Comerciante na Rua das Flores

Por sua vez, o *Entrevistado F* apresenta uma atenção intensa face ao conhecimento das mudanças do tecido urbano e social bastante familiar, quotidiano. O comerciante critica a ação e o papel da requalificação urbana na Rua das Flores, na medida em que esta contribuiu profundamente para a paulatina descaracterização da cidade e para o progressivo desaparecimento de população local, em detrimento de públicos “passageiros”, fugazes. Aponta como um dos apanágios mais negativos deste processo o gritante abandono de moradores locais da rua e o desaparecimento das redes de vizinhança que tão bem caracterizavam o coração da Invicta.

“A requalificação urbana que está a ser feita não tem em conta a população – está a descaracterizar a cidade, as pessoas estão a ser expulsas daqui ... nós não temos praticamente agora clientes que habitam dentro da cidade e no centro histórico – o centro histórico são cerca

de vinte e oito ruas, não é? Ah e temos muito pouca gente. Nós temos aqui no quarteirão entre a Rua dos Caldeireiros e a Rua Trindade Coelho mora uma pessoa ... aqui entre a Rua da Ponte Nova e a Rua do Ferraz até ao lado de S. Domingos neste momento devem morar seis pessoas.”

“Foi um fenómeno muito grande que aconteceu... digamos, os filhos das pessoas que moraram aqui no centro da cidade saíram para procurar casa e agora estão ... estamos a tentar voltar mas agora estamos muito mais virados para o turista, mas o turista não - o turista devia ser o valor acrescentado portanto.”

“Então, em ver a roupa estendida nas ruas eles acham um piadão, não é? E a nossa maneira de ser que se for preciso pegamos no turista e vamos leva-lo onde ele quer, coisas que só acontecem aqui no Porto e em mais lado nenhum. Quer dizer sente-se bairrismo ao tirar as pessoas daqui. Pronto, por isso é que eu acho que o turismo devia ser uma mais-valia e as pessoas continuarem cá a viver.”

Entrevistado F, Comerciante na Rua das Flores

Acrescenta que o turismo deveria ser um valor acrescentado para cidade, não desempenhando um papel tão decisivo na capacidade de sustentabilidade urbana, cultural e social – a escolha do Porto como local turístico parte exatamente da sua característica maior: o bairrismo, o acolhimento e hospitalidade das gentes da cidade, sendo que isso não assiste em mais nenhuma cidade.

O *Entrevistado G* reforça a visão da tendência negativa, relevando que os impactos das mudanças no tecido urbano e social mencionados pressupõem, na sua maioria, um efeito pejorativo na Rua das Flores: as piores condições no pavimento da rua, o declínio do comércio tradicional, o desaparecimento de habitantes locais, o domínio do turismo. Há um sentimento de revolta sentida associado ao exponencial abandono populacional local, a desertificação das gentes que povoavam a rua.

Contudo, é referido como como impacto mais positivo – embora num tom de ironia – a capacidade de lucro económico que determinados grupos conseguiram obter com a reabilitação da rua, seja ao nível da hotelaria e turismo, como também na base dos estabelecimentos de comércio de conceito renovado.

“Também temos tido impactos sociais bons, deve ter havido gente que ganhou e que está a ganhar muito dinheiro aqui...nesta rua toda.”

“A senhora deve ter como residentes fixos aí uns vinte tripeiros.”

“As pessoas foram todas varridas daqui as pessoas foram todas varridas daqui.”

Entrevistado G, Comerciante na Rua das Flores

Paralelamente, a *Entrevistada H* advoga que as metamorfoses no tecido urbano e social da Rua das Flores foram extensas. Segundo a comerciante, as mudanças mais passíveis de serem observadas e sentidas passam pela diferenciação e heterogeneização de públicos. O turismo impulsionou uma nova vaga de população de passagem, de fruições rápidas e imediatas, que afetam todo o funcionamento da rua. Decorrente da reabilitação urbana, que potencializou melhores condições no espaço público e na organização das infraestruturas, o turista exige uma constante adaptação da população local, sobretudo ao nível do comércio.

“Há, há diferenças. Há muito turismo. A diferença está no turismo, neste quarteirão só se fala línguas e nada de português ... Por isso é uma grande diferença a nível de público.”

Entrevistada H, Comerciante na Rua das Flores

Reforçando o peso dos impactos negativos, a *Entrevistada I* alude a questões relacionadas com a extrema inflação do valor imobiliário das habitações na Rua das Flores, provocando a exclusão dos moradores locais com uma capacidade económica mais reduzida. Posiciona este problema como sendo uma das derivantes do processo de requalificação da rua. Assume, contudo, que os planos de estratégia não têm priorizado a questão habitacional, conferindo mais ênfase aos restantes domínios da reabilitação urbana.

“Negativos. Tornou-se uma zona cada vez mais cara sem ter muito em conta os habitantes que normalmente são de capacidades económicas muito baixas. O investimento em habitação parece não ser uma prioridade.”

Entrevistada I, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a *Entrevistada J*, os impactos positivos partem da melhoria de condições relativas ao espaço público, à potencialização da cultura e das artes e ao impulsionamento do conhecimento da rua, sendo estas dimensões fundamentais derivadas da requalificação urbanística da rua. Contudo, apontam-se como consequências negativas, associadas à generalização das habitações temporárias e unidades hoteleiras, como *hostels*, restaurantes e negócios ligados ao turismo. A entrevistada defende que tal situação acaba por descaracterizar o Centro Histórico da cidade, uma vez que concorre ao declínio populacional local e ao desgaste do comércio tradicional, sendo que, a longo prazo, tal fenómeno pode acarretar efeitos nefastos.

“Eu custa-me imenso ver, por exemplo, qualquer turista que desembarque em S.Bento se reparar no que está a acontecer só estão a abrir cafés, cafés ou é gelatarias, ou mais não sei o quê ... e mais nada. Ou então lojas de gourmet. Não é um procurar genuíno da nacionalidade. E o meu edifício do outro lado é exactamente a minha personalidade.”

“Estamos a tentar, no fundo, quando dermos por ela, o centro histórico deixa de haver portugueses a viver aqui. E a meu ver, isso é preocupante, porque o que faz ferver uma cidade é ter habitante, porque isto é a cidade dele.”

“Porque isso é o charme da Rua das Flores e o charme do Centro Histórico é o estrangeiro vir aqui e ouvir falar português. E se isto continuar assim nós deixamos de ouvir portugueses na rua.”

Entrevistada J, Comerciante na Rua das Flores

Constatamos uma profunda heterogeneidade na percepção e na vivência das mudanças associadas aos efeitos urbanos e sociais decorrentes do processo de reabilitação urbana na Rua das Flores: se, por um lado, consubstanciam-se as atenções sobre a efervescência cultural, artística e cosmopolita presentes na artéria urbana, fator que potencializa a sua abertura à cidade e o seu cariz hospitaleiro; por outro, concorrem fatores que fomentam a *desmemorização* da rua enquanto contexto urbano e lugar (Abreu, 1998), revelando uma progressiva perda da herança do passado e da memória coletiva.

3.3.3 - Quotidianos: palcos e bastidores – uma esteira de reestruturações

Evocando a dimensão entrelaçada na *permanência da rua, reestruturações do quotidiano, papéis e apropriações, passado versus presente*, procuramos apurar, a par dos impactos sociais supramencionados, a capacidade e necessidade de reestruturação de práticas quotidianas por parte da população comerciante, assim como analisar as metamorfoses elementares no âmbito da reconfiguração de papéis e na adaptação face às mudanças entre o passado e o presente. A *Entrevistada A* argumenta que a sua permanência na rua se preencheu de mudanças: desde o desejo pelo final das obras – e dos constrangimentos de acesso que as envolviam – até á chegada dos turistas. Denota-se a importância do turismo na rua, segundo a entrevistada. Observa que a rua tem assistido a paulatino crescimento, sendo que a sua envolvência, ambiência e segurança são os aspetos onde a mudança é mais passível de ser observada. No passado a rua era sentida como insegura, algo que afetava diretamente os comerciantes e o seu próprio

quotidiano. Atualmente verifica-se o oposto: a própria atividade comercial floresce a par da evolução da rua, segundo a opinião da entrevistada.

“Relativamente àquilo que eu sentia é que havia poucas pessoas a passar e aquilo que se sentia no Porto e na Baixa do Porto é que as pessoas tinham muito pouco poder de compra, não é...Aliás, até era um sítio perigoso, eu lembro-me quando fechava a loja à noite, chegamos a ser assaltados, portanto era perigoso.”

“O antes foi esperar que as obras ficassem prontas e que os turistas chegassem. Foi uma altura de sofrimento (risos) e de espera, acreditávamos que poderia vir a ser bom ... Neste momento sim, tem crescido imenso.”

Entrevistada A, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a *Entrevistada B*, o quotidiano e o presente foram, sobretudo, reestruturados pela índole turística, fortemente densificada na rua. A comerciante atribui uma profunda ênfase a esta dimensão, sendo que o desenrolar da sua atividade profissional, apropriações diárias e estruturações, são orientadas tendo em linha de conta o segmento de públicos ligado ao turismo. A comercialização de produtos e a organização de eventos e iniciativas, após as obras de requalificação adotaram um cariz mais sazonal, adaptadas ao turismo.

“Foi no âmbito turístico, eu no início tinha alguns turistas mas eram sobretudo os clientes eram sobretudo portugueses tanto a nível de workshops, tanto ao nível da venda de produtos. Neste momento direi a altura do ano em que temos mais no final de Novembro e Dezembro não, temos muitos portugueses mas no verão acho que podemos mesmo dizer que a nossa maior clientela é estrangeira, coisa que não era antigamente.”

“(…) Mas cresceu imenso a fatia de público estrangeiro relativamente ao português e melhoramos a oferta também para eles como é evidente.”

Entrevistada B, Comerciante na Rua das Flores

Há uma paulatina substituição de públicos no que concerne a determinados segmentos do comércio: uma procura mais eclética e internacional, ao invés do até então maioritário consumo da população local. Por sua vez, a *Entrevistada C* descreve uma mudança drástica entre um passado recente e um presente distinto: metamorfoses de adaptação a uma nova vaga de clientes no comércio tradicional, sendo que a reabilitação habitacional é encarada como o mecanismo de atração de novos públicos.

“Agora a rua está muito mais bonita, está mais alegre ... E depois há estes que às vezes vêm para a rua , estes músicos, animadores de rua ...Antes não havia porque também havia trânsito, havia tráfego.”

“E a agora também estão a reabilitar estas casas, o que também ajuda a chamar outro género de pessoas a esta rua. Porque esta rua não tem nada a ver com aquilo que era. Em termos de movimento: NADA! Foi de 180, senão de 360 (graus).”

Entrevistada C, Comerciante na Rua das Flores

Relativamente à reestruturações do quotidiano, o *Entrevistado D* aponta o turismo como principal fonte de recomposição e adaptação social dos públicos comerciantes. Ocorre ainda uma mudança de paradigma no que concerne às metodologias operacionalizadas no estabelecimento, há uma constante adaptação devido à chegada de novos públicos, sincronizados em fluxos abundantes. Em detrimento da população local que tem vindo, paulatinamente, a desaparecer da rua – há uma ausência manifesta de agentes e atores sociais que anteriormente determinavam e atuavam no tecido social local.

“Mudou bastante. Eu acho que há mais alegria, não é? Tem outra vida na rua ... era uma rua um bocado cinzenta, agora já tem outra vida. E aqui dentro também. A nossa metodologia teve que mudar por causa destas entradas, muitas entradas de clientes, clientes turistas, clientes que vêm conhecer a rua, entram cá dentro e aproveitam por perguntar por livros ... Tivemos que nos adaptar. Agora só se vê turistas, não se vê pessoas com 80 e tal anos que já conhecíamos há muito tempo, agora só se vê turistas.”

Entrevistado D, Comerciante na Rua das Flores

Para a *Entrevistada E*, a permanência na rua no momento após o processo de reabilitação urbana da mesma faz-se de paulatinas mudanças. Atentamos às reestruturações no âmbito da logística e organização da atividade económica – comércio, desde alterações de horário até à conceção de novos produtos, no contexto de emergência de novos públicos na rua. Evoca igualmente o ideal associado à inovação, combinando esta faceta de empreendedorismo do comércio com o tradicionalismo desde sempre presente nos conceitos, nos lugares, nos produtos.

“Eu tive que que alargar o meu horário de atender ao público, eu acho que os comerciantes têm que se adaptar à evolução da sociedade e ... e o tipo de comércio em que se inserem abria durante a semana e sábado de manhã e fechava à hora do almoço, eu agora estou aberta das dez às sete, ou oito, ou até haver clientes.”

“Sim, sim o que implica uma reestruturação ao nível de adaptação até do produto ao cliente porque o meu conceito de loja iniciou basicamente como artesanato ah, mas o artesanato na perspetiva da decoração não ao artesanato que compra uma saquinha de recordação não ... isso permite-me divulgar a pessoas muito diferentes e artigos muito diferentes, daquilo que era a imagem de Portugal.”

Entrevistada E, Comerciante na Rua das Flores

A comerciante atenta ainda à importância das redes sociais em contexto de mudança urbana e social, admitindo que as mesmas são um motor nos encontros e reencontros, permitindo criar laços mais duradouros e, simultaneamente, mais dispersos, proporcionando um contacto mais denso e permanente entre o comerciante e os clientes (sobretudo estrangeiros).

“É! Sinto-me uma privilegiada nos tempos que correm e no país em que vivemos por fazer aquilo que gosto, por empregar pessoas ah ah é é uma alegria vir trabalhar, o contacto com os clientes não é um contacto só de venda ah ficamos - há sempre uma interação.”

Entrevistada E, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a perspectiva do *Entrevistado F*, a permanência na rua, entre o passado e presente, é moldada através de graduais mudanças. No que concerne a atividade do comércio, o entrevistado admite que teve a necessidade de alargar o horário de funcionamento do estabelecimento, sobretudo aos sábados, devido ao aumento do fluxo de públicos. Admite que a progressiva emergência de esplanadas e espaços de restauração/fruição colocam o papel do comércio tradicional da Rua das Flores numa opção secundária. Por sua vez, permanecem algumas lacunas no coração do Centro Histórico: a ausência de paragens de autocarro em locais estratégicos, bem como a inexistência de parques infantis nesta zona histórica urbana, infraestruturas capazes de responder às (ainda existentes) necessidades presentes no centro histórica e nos territórios contíguos à Rua das Flores.

“Sim, Sim, Sim. O fim-de-semana, por exemplo, nós a um sábado ah fechávamos ah à uma hora e não se via ninguém na rua não é? E agora digamos que a rua das flores digamos que é um passeio, digamos assim ou uma passagem entre a cota alta e a cota baixa da cidade e isso é um ponto (imperceptível). Se bem que isso é um problema, isso é um problema muito grande aqui com alguns comerciantes, com outros comerciantes que não da restauração que é as esplanadas, as esplanadas ali no principio da praça.”

“Mas pronto - se queremos turismo nós não damos condições para o turismo quem quem quem idealizou isto não não percebeu. Porquê? Porque nós não temos aqui, por exemplo, junto à Torre dos Clérigos devia ser um sítio onde param os autocarros, não temos um sítio para parar os autocarros! Ah aqui o largo dos Lóios podia se ter feito essa situação podia se ter feito ali digamos uma coisa mais engraçada --- como abriu aquilo no porto de leixões, não é?”

Entrevistado F, Comerciante na Rua das Flores

A visão do *Entrevistado G* reforça que a sua permanência na rua entre o passado e um presente distinto fez-se de profundas alterações. Em termos do comércio, o entrevistado argumenta que este foi totalmente reestruturado, postulando uma adaptação

do papel como comerciante: há uma escassez de procura relativamente a este espectro de oferta, os indivíduos dedicam-se mais intensamente às fruições imediatas, ao invés das fruições e consumos mais permanentes, materiais. Advoga que a tendência é o progressivo aumento de espaços e conceitos dedicados ao turismo, às passagens fugazes e à culturalização urbana da rua. O incremento das tecnologias e a genérica difusão da Internet, “rebutaram” com os negócios tradicionais, banalizando as relações e os laços entre os indivíduos.

“A internet rebentou com isto tudo e as pessoas também têm pouco dinheiro ou se calhar eu não tenho aptidão nenhuma para este negócio. Os turistas que vêm, é como se fossem para Marrocos ou para a Tailândia ou para o Peru. Isto custa cinco, eles oferecem dois. Outros entram e imediatamente “HELLO?”. Eles entram aqui a falar inglês à maior, eu falo francês, não falo inglês, eu não falo inglês, só falo francês, eu não falo inglês, só falo francês, quem quer, quer, quem não quer, vai-se embora – eles alguns até são mesmo franceses.”

Entrevistado G, Comerciante na Rua das Flores

A *Entrevistada H* assume que, entre o passado e um presente, reconhece-se que a melhoria do edificado e do património que, anteriormente se encontravam severamente decadentes, postularam uma nova era para os próprios comerciantes, existindo um progressivo aumento de procura nesta zona da cidade e na Rua das Flores. Contudo, releva-se a constante adaptação que estes atores sociais se viram obrigados a acrescentar ao seu quotidiano: com o domínio do turismo e de uma índole multicultural bastante vasta, a Rua das Flores e o Quarteirão das Cardosas passaram a escutar distintos idiomas – e a serem dominados pelos mesmos – ao invés da língua portuguesa.

“Há, há diferenças. Há muito turismo. A diferença está no turismo, neste quarteirão só se fala línguas e nada de português ... Por isso é uma grande diferença a nível de público.”

Entrevistada H, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a *Entrevistada I*, analisando o passado e o presente, a comerciante assume que as metamorfoses foram profundas, sendo que a permanência na rua exigiu uma constante reestruturação das práticas quotidianas. Afirma, igualmente, que anteriormente à requalificação, a rua apresentava um estado decadente e mais sombrio, mas contendo um encanto mais singular, ao invés do presente, cuja índole cosmopolita a torna num espaço urbano mais monopolizado.

“Era um local decadente, escuro mas com um encanto muito próprio. Neste momento tornou-se um local mais aberto, mais cosmopolita mas mais igual a muitos outros.”

Entrevistada I, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a *Entrevistada J*, a permanência na rua, sobretudo em termos de comércio, exigiu reestruturações, sobretudo na dimensão ligada à sazonalidade, uma vez que o comércio tradicional encontra-se maioritariamente dependente do fluxo de públicos oriundos do exterior. Verificam-se melhorias que se transmutam numa intensa vivacidade vivenciada na rua, postulando a emergência de distintos papéis e o aparecimento de diferentes atores sociais.

“Porque há curiosidade, mas vai chegar a um ponto que vir aqui é muito giro, mas que não tem nada para mim – para o português – então vou-me embora ...é o que eu digo: isto não pode ser só cafés e hostels, tem que abrir comércio. Estávamos ainda no outro dia a falar disso e tem de abrir comércio, porque senão o que é que vai acontecer? Vai acontecer que nós trabalhamos muito bem da Páscoa a Outubro e depois temos um Natal que não é nada de especial ... e Janeiro e Fevereiro, dois cafés que fecharam. Abriu aqui uma retrosaria e está fantástica, com um ar moderno, mas acho fantástico ...”

Entrevistada J, Comerciante na Rua das Flores

Urgindo a oportunidade de entrevistar uma técnica superior que desenvolve atividade profissional numa empresa municipal sediada na Rua das Flores – Cidade das Profissões – reconhecemos a relevância da sua perspetiva quotidiana em torno do tema da reabilitação urbana. A entrevistada percebe a reabilitação da Rua das Flores como um fenómeno positivo no contexto urbano e social, apresentando como características mais perenes o esforço de requalificação do edificado, o aumento da procura por parte dos turistas – por via das melhorias significativas do tecido urbano e cultural do território urbano – e a aposta em eventos e projetos culturalmente interventivos, primando pelo envolvimento da população local.

“Os últimos 4 a 5 anos têm sido de grande mudança na baixa da cidade do Porto: são vários os prédios que têm vindo a ser alvo de reabilitação; têm surgido novos negócios; as pessoas que passeiam na rua são, maioritariamente, turistas.”

“Há um aumento considerado de eventos culturais e sociais que visam atrair a população a esta zona da cidade.”

A reabilitação do edificado conjugada com as iniciativas empreendedoras e culturais têm reabilitado a economia social desta zona da cidade. Nesse sentido, considero este fenómeno positivo.”

Carolina Ferreira – Técnica Superior CdP

Os primordiais impactos passam pela constante atualização da rede de negócios e no investimento na promoção de emprego na Rua das Flores, postulando uma dinamização económica e social endógena bastante favorável. Paradoxalmente, assiste-se igualmente, ao declínio do comércio tradicional local, dada a incapacidade de fazer face ao acréscimo de despesas, bem como ao aumento do valor das rendas das lojas – fenómeno impulsionado pela inflação imobiliária devido a requalificação do edificado. Considera, de igual forma, que a reabilitação urbana foi transformando, paulatinamente, o seu curso e busflis inicial, destinando-se maioritariamente à promoção do turismo e à implementação de um maior número de unidades hoteleiras, capazes de abarcar os públicos emergentes. Tal processo potencializou a homogeneização de uma cultura virada para os turistas, sua receção, visita e permanência na cidade, desde a progressiva adaptação dos próprios estabelecimentos comerciais e da população local a este complexo fenómeno.

“Sim, a reabilitação urbana, que inicialmente se destinaria a portuenses residentes na periferia, veio a promover a criação de negócios relacionados com a Hotelaria. Hoje em dia, poucas são as pessoas que vivem na Rua das Flores.

Muitos são os turistas que desde bem cedo passeiam na rua. O aumento do turismo obrigou os comerciantes a adaptarem as suas estratégias de venda (criando menus em inglês e recrutando profissionais que dominem línguas estrangeiras, por exemplo). Algumas lojas mais antigas fecharam, pois os comerciantes já não conseguiam suportar o aumento drástico das rendas.”

Carolina Ferreira – Técnica Superior CdP

A entrevistada assume a emergência de determinadas reestruturações do seu quotidiano após o término das obras de reabilitação da Rua das Flores, realçando que o cariz pedonal comportou algumas desvantagens logísticas, como a dificuldade de estacionamento no horário laboral. Em contrapartida, e face a alguma insegurança vivenciada no passado, ocorreu melhorias ao nível do ambiente e segurança.

“Após as obras de requalificação urbana a população que trabalha na Rua das Flores constata que o facto da Rua das Flores ter passado a ser pedonal reduziu drasticamente o número de lugares de estacionamento disponíveis. Isso dificulta consideravelmente a deslocação das pessoas que trabalham no eixo Mouzinho-Flores.

O aumento de novos negócios de restauração (cafés, gelatarias e alojamentos locais) alargou consideravelmente a oferta disponível para quem trabalha nesta zona da cidade. Aliado a este crescimento a Rua das Flores tornou-se muito procurada por artistas de rua e tem vindo a ser palco de vários eventos culturais

É, ainda, de salientar o aumento de limpeza e de proteção pessoal nesta rua.”

Apesar das inúmeras mudanças urbanas que urgem no tecido social da Rua das Flores, existem determinadas lacunas a serem combatidas, sendo que a entrevistada assume que a problemática associada ao estacionamento é uma delas – para quem se desloca via transporte próprio enfrenta dilemas de custos económicos no dia-a-dia.

“Tendo que me deslocar, obrigatoriamente, de carro para a cidade do Porto, a minha principal necessidade prende-se com alternativas gratuitas para estacionar. O facto da Rua das Flores se ter tornado pedonal e da Rua Mouzinho da Silveira e adjacentes estarem sujeitas a paquímetro condicionam a vida dos trabalhadores deste eixo da cidade. Urge, assim, a necessidade de criar parques de estacionamento nos limites da cidade que estimulem a utilização de transportes públicos para quem pretende deslocar-se até ao centro.”

Excerto de Entrevista – **Carolina Ferreira** – Técnica Superior CdP

Para além dos aspetos mais logísticos mencionados, as questões ligadas à cultura e lazer devem ser reforçadas, com vista ao estabelecimento de um laço de envolvência mais afetivo entre as atividades dinamizadas e a comunidade envolvida, bem como atrair públicos visitantes.

3.3.4 – Memórias: uma sinergia afetiva

Relacionando a reabilitação urbana na Rua das Flores com a simbolização afetiva e a memória descritiva da presente artéria urbana, compreendemos que esta seja a dimensão analítica cujos relatos se pareçam mais homogéneos ou idênticos. A carga emocional e sentimental associada à Rua das Flores apesar de se diferenciar de indivíduo para indivíduo, de história para história e de tempo para tempo, acarreta determinadas similitudes patentes, invariavelmente, na memória coletiva de quem lá vive, de quem lá passa. Sob o olhar da *Entrevistada A*, a rua é caracterizada, sobretudo, segundo a sua beleza e historicidade, despoletando sentimentos de felicidade. Apresenta, não obstante, que algumas contrariedades derivadas de reabilitação apontam para um sentido mais negativo, como as limitações nas cargas e descargas devido ao cariz pedonal da rua.

“É uma rua lindíssima, é uma rua que era muito famosa no século XIX, não é? Para mim é uma felicidade ver isto. É uma rua muito bonita e o Largo de S.Domingos.”

Entrevistada A, Comerciante na Rua das Flores

Por sua vez, a *Entrevistada B* enfatiza a beleza, a tradição e a historicidade da presente artéria urbana, constituindo-se como pontos simbólicos afetivos primordiais. Há uma intensa associação entre a rua, o rio, a Ribeira e os Aliados, o coração do Porto. A relevância das casas e das histórias contadas *versus* passadas, assume um papel preponderante na memória descritiva da entrevistada.

“Uma rua com muita tradição, uma rua com história e na zona em que fica não é? No coração dos Aliados, a Ribeira, o rio não é?”

O caminho pelo rio, a zona envolvente que conta histórias, tem as casas aqui nos edifícios. Tem imensa história das pessoas que viveram aqui na rua, são histórias que são contadas, que são passadas, não é?”

Entrevistada B, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a reação da *Entrevistada C*, a adoração e o saudosismo são os simbolismos afetivos mais manifestos no discurso da comerciante, associando a sua duradoura permanência na rua às ligações emocionais que se vão estreitando com os clientes. Compreende-se uma certa nostalgia entre o passado e o presente da rua, embora reconhecendo-se as melhorias que as mudanças acarretaram.

“Eu adoro esta rua, adoro. Já faz parte de mim, adoro, adoro. Claro que se calhar gostava do antes – não quer dizer que eu não goste do agora. Mas agora também gosto. Mas adoro esta rua. Um dia que vá embora fico com saudades, claro. E adoro as pessoas, eu adoro as pessoas daqui também. A pessoa vai ...além de clientes, a gente vai ficando amiga ... cria uma ligação com o próprio cliente, com pessoas que moram aqui – as poucas – que ainda vão morando. Há aquele sentimento que a gente gosta das pessoas ...”

Entrevistada C, Comerciante na Rua das Flores

A simbolização afetiva do *Entrevistado D* é pautada por sentimentos associados à ternura, à alegria e à apreensão. Considera ainda que os principais apanágios caracterizadores da rua passam pela sua tendência de modernidade, a sua diversão e o movimento local. Realça ainda a ligação terna entre comerciantes e (antigos) moradores, sendo que tem vindo a ser substituída pela empatia para com os turistas.

“Aqui nesta zona há mais alegria ... de ternura pelo turista, não temos aquela senhora aqui no prédio que era conhecida ou da rua, mas começamos a ter simpatia pelos turistas. Mas ao mesmo tempo um bocadinho de apreensão, eu não sei o que isto será daqui a 20 anos, não é? Vive o agora mas mais para a frente ... Portanto, alegria, ternura, mas também apreensão. Moderna ... uma rua moderna ... ahh, muito movimentada, portanto, muita afluência e divertida ... há sempre alguém a tocar uma flauta ou um violino. Há sempre animação de rua, exactamente.”

Entrevistado D, Comerciante na Rua das Flores

Assiste-se a uma profunda emoção por parte da *Entrevistada E* na envolvência do seu discurso no âmbito mais afetivo e descritivo da rua. A simbolização é sinalizada através de sentimentos intensos e vibrantes, fortemente associados a uma relação de aconchego entre a comerciante e a rua. A historicidade e o cariz hospitaleiro profundamente enraizados no quotidiano da rua são os aspetos que mais se demarcam na memória descritiva da entrevistada.

“Ah ... o aconchego ... acho que há muita ... cor, é ligada à alegria, era uma rua cinzenta e tornou-se numa rua colorida.”

“História ... o facto de ser muito central ah ... de ser acolhedora ... com muitas esplanadas.”

Entrevista E, Comerciante na Rua das Flores

Relativamente à memória descritiva da rua, o *Entrevistado F* confia que o bairrismo e a familiaridade são as características mais naturalmente associadas à vivência e permanência na artéria urbana das Flores. No que concerne à simbolização afetiva esta é profundamente pautada por um sentimento de saudosismo generalizado, face aos vizinhos, ao passado, às pessoas, ao comércio.

“Sei lá eu acho que é o bairrismo, as pessoas conhecem-se todas, nós ao fim e ao cabo estamos aqui sei lá de segunda a sábado, nós vemo-nos todos os dias - toda a gente se conhece toda a gente se cumprimenta ah há pessoas aqui por exemplo que se nós não as virmos perguntamos, isso acho que é uma família ao fim e ao cabo acho que é uma família.”

Entrevistado F, Comerciante na Rua das Flores

Por sua vez, o *Entrevistado G* não declara efetivamente os sentimentos e características da rua. É um contador de histórias nato: deambula entre o passado e o presente com uma facilidade absorvente, denunciando o seu vasto conhecimento histórico, social e pessoal em torno da rua. Há algum inconformismo latente, patente na sua ironia, embora a sua simbolização afetiva denuncie uma estreita ligação entre si e a Rua das Flores, ao longo das últimas décadas.

“Tem como característica ser a primeira Rua da cidade do Porto, foi mandada abrir pelo D. Manuel I em mil quinhentos e trinta e tal, foi primeiro construída a parte de lá. Isto aqui era terreno baldio, está empurrado e agora parapara divulgação turística não vão... mas vão ter umas janelas de acrílico para conseguir ver ... pronto e são as características que a rua tem. De resto a senhora vai por aí acima e vê esplanadas ... que estão a ocupar o passeio de um lado e do outro – quando não chove – guarda-sóis, residentes não vê e o comércio vê duas ou três casas tradicionais, com comércio tradicional.”

“ (...) portanto era tudo, era tudo antes, isto agora não tem nada disso, isto agora não tem nada disso, não tem gente também (imperceptível) está tudo vazio às sete horas, sete e meia oito horas acaba e entra o resto do pessoal entram os copos de plástico, as litrosas (imperceptível) e o que mais se vê e é sempre andar.”

Entrevistado G, Comerciante na Rua das Flores

Segundo a *Entrevistada H*, a simbolização afetiva face à Rua das Flores alicerça-se, sobretudo, na alegria de assistir ao seu “renascimento”, aliando-se à intensa emoção – é patente no olhar da comerciante – de vivenciar todo este processo.

“Não sei ... alegria, um bocadinho de ... emoção. As fachadas, a parte arquitectónica da cidade, gosto muito.”

Entrevistada H, Comerciante na Rua das Flores

A simbolização afetiva é profundamente pautada pela paixão e pelo cariz histórico que permeia cada entranha da Rua das Flores, bem como a familiaridade com a mesma, associada à descendência do ofício do ouro.

“Eu sinto muita paixão! E eu adoro a Rua das Flores. Eu sou apaixonada por esta rua, pela história que ela tem ... Eu estava horas assim a falar consigo sobre a parte histórica. Pela história ... pelo que me toca em termos familiares. Eu sou filha e neta de ourives, eu também sou. É mesmo paixão e alegria. E gostava muito que tivessem esse cuidado.”

Entrevistada J, Comerciante na Rua das Flores

Elaboramos, com base nos testemunhos afetivos dos comerciantes da Rua das Flores, uma cartografia dos sentimentos que alude à dimensão afetiva narrada pelos próprios. Postulamos, assim, uma vertente predominantemente criativa e associada à distribuição socioespacial dos sentimentos dos atores sociais locais.



Figura nº2: Cartografia dos Sentimentos - Mapa elaborado pela autora – Setembro de 2016 – via MapJam.

O ponto de partida para a elaboração da presente cartografia dos sentimentos assentou na necessidade de compreender e, posteriormente, narrar o âmago mais profundo da memória descritiva e dos sentimentos nutridos pela Rua das Flores, enquanto lugar e território de mudanças cronológicas, segundo a população comerciante desta artéria urbana. A partir das entrevistas semidiretivas e dos diálogos recorrentes com os comerciantes da Rua das Flores, foi-nos assim permitido produzir um mapa de sentimentos confidenciados e expressos pelos entrevistados, sendo que o objetivo basilar deste exercício se ancorou na possibilidade de se criar um paralelismo entre a forte índole turística vivenciada no território – e consequentes localizações estratégicas trivialmente expressas nos presentes roteiros e mapas turísticos da cidade – com o domínio dos sentidos e das vivências subjetivas dos comerciantes.

Observamos, assim, que a disposição dos *pins* relativos à dimensão afetiva da população no mapa, não se encontra de forma aleatória ou por mero acaso: apesar de preservarmos a identidade dos comerciantes entrevistados, a localização dos sentimentos encontra-se disposta de acordo com o local da entrevista através da qual foram mencionados. Ademais, consideramos ainda pertinente atentar às regularidades objetivadas através dos diálogos nas entrevistas, sendo que os afetos mencionados apenas por um comerciante, de forma singular, são demonstrados através dos *pins* de menor dimensão, ao invés dos sentimentos confidenciados por dois ou mais comerciantes, de forma mais recorrente e coletiva, que se encontram expressos através dos *pins* de maior dimensão.

Atentamos que sentimentos associados ao *Saudosismo*, à *Familiaridade* e à *Emoção*, são aqueles cujos comerciantes mais nos confidenciaram, sendo fortemente associados à dimensão da memória e dos balanços cronológicos entre o passado e o presente, tendo em consideração as metamorfoses que se foram desencadeando na rua.

Comprendemos – de facto – a elevada carga emocional que as questões em torno da reabilitação urbana na Rua das Flores e seus impactos despoletaram na população entrevistada, promovendo um intenso reflexo acerca das mudanças ao longo dos anos, a intimidade e estreita conexão entre a população e o território. Afetos associados à *Felicidade*, à *Ternura*, à *Nostalgia*, ao *Aconchego* e à *Adoração*, são igualmente referenciados pelos comerciantes no momento final da entrevista, reflectindo os estados de espírito que a estreita relação com a Rua das Flores favorece, bem como as sensações de conforto, segurança e de afeição temporalmente potencializados.

3.3.5 - *Uma efervescência cultural ou a leveza do cosmopolitismo:*

O tecido institucional local

Atentando aos meandros do tecido institucional presente na histórica e irreverente Rua das Flores, compreendemos a presença de duas forças identitárias e com profundo relevo no palco cultural, artístico e interacionista no preâmbulo urbano que acometemos neste território: a **Misericórdia do Porto** e o **Museu das Marionetas**.

A Misericórdia, casa secular e histórica, instituída no local no ano de 1944, conta-nos estórias e narrativas de outros tempos, tendo assistido à abertura da outrora Rua Santa Catarina das Flores, assistido às idas e vindas dos mercadores e aos corruptos das gentes azafamadas que saíam apressadas dos comboios lá em cima, em S. Bento. Atualmente, e tendo permanecido como uma das entidades institucionais com profundo poder social e proeminência no âmago da sociedade civil, possui desde 2015, o **MMIPO – Museu da Misericórdia do Porto** - um espaço dedicado à divulgação da atividade desenvolvida pela instituição, promovendo um espólio artístico e cultural alicerçados na memória e no cariz identitário da Misericórdia na cidade do Porto. As funções museológicas, apesar de recentes, acompanham a sequência das mudanças que emergem no contexto territorial e social local, alocando distintos públicos, com diversos propósitos e aspirações. Consideramos assim pertinente apurar a problemática da reabilitação urbana na Rua das Flores segundo o olhar institucional da Misericórdia do Porto, segundo aqueles que têm feito parte do seu progressivo desenvolvimento e postulado a sua atividade.

Segundo Regina Andrade, responsável pela área de investigação e estudos do MMIPO, a eclosão e vivência do fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores é pautado pela constante observação e constatação das mudanças. A entrevistada argumenta possuir um conhecimento robusto da rua anteriormente às mudanças, sendo que esta sempre fora definida pelo seu comércio tradicional, a sua marca singular e *sui generis* na cidade. Atualmente, e a par da requalificação urbanística, o turismo emergiu como um fenómeno paralelo à reabilitação, considerando-o simultaneamente elemento estruturador e estruturado.

“A reabilitação da rua ... a rua estava muito degradada e estava contemplado fazer-se a reabilitação no âmbito de Rua das Flores, assistiu-se a um fenómeno também como o turismo e uma coisa proporciona a outra e levou a acelerar também esse processo.

Eu conhecia a rua antes de todo este fenómeno recente, era uma rua com algum comércio - tradicional, com moradores, idosos e com alguns serviços também e toda essa gente já saiu, outra também com a reabilitação das próprias casas para fins turísticos, essencialmente turísticos.”

“Existia um núcleo que compreendia esta galeria onde estamos agora, que era a galeria. E existia a antiga casa que é uma peça importante do património português, existia a igreja e a sacristia e pontualmente - mas aderíamos a todas as iniciativas promovidas quer pela camara, quer mesmo a nível internacional. Havia internacional, havia histórico, todas as iniciativas nós participávamos já, mas como núcleo museológico, agora tem todas as condições para inaugurar o museu com todos os requisitos e todas as condições.”

Regina Andrade – Museu da Misericórdia do Porto

De facto, e no que concerne ao papel do museu da Misericórdia, como espaço cultural inaugurado em meados de 2015 – com um ano de existência – as principais estruturas do quotidiano passam pela constante adaptação aos fluxos de públicos oriundos de inúmeros locais, considerando o turismo como um dos elementos basilares na recomposição do tecido social e cultural da Rua das Flores.

“Muita, muita procura portuguesa mas também por turísticos, também é evidente que é muito visitada com por estrangeiros, nomeadamente, franceses, espanhóis, brasileiros, alemães.”

Regina Andrade – Museu da Misericórdia do Porto

A entrevistada assume que os efeitos decorrentes da reabilitação urbana têm sido negativos: argumenta que se assiste a um “desvio” da índole individual e carismática, bem como do tradicionalismo da rua, sendo que as características jamais serão as mesmas, assim como as pessoas. Considera que parte das mudanças são realizadas apenas tendo em consideração a porção turística e que, tal procedimento, tem vindo a retirar o fascínio natural e histórico que outrora se reconhecia na Rua das Flores. Em termos institucionais, compreende que, apesar da descaracterização urbana e social do local, para o espaço cultural o turismo possui um efeito benéfico, uma vez que é estendida uma abertura à heterogeneidade de públicos, de origens, de experiências singulares, potencializando a divulgação e as visitas.

“Um desvio, um desvio da rua da sua origem histórica, histórica e das pessoas que aqui viviam não é? Não são realmente as mesmas, hoje a mim já me perguntam na rua se eu falo português, portuguesas a perguntarem-me se eu sou portuguesa “fala português?” quer dizer eu sinto-me uma estranha na minha própria terra isto a nível pessoal.”

“Agora a nível da misericórdia, eu acho que foi independentemente de todo este fenómeno negativo desta descaracterização da cidade, a misericórdia tem o dever porque tem um património histórico que deve preservar, mas também ao mesmo tempo tem de o divulgar e de partilhar com diferentes públicos. Nesse aspeto não tem nada a perder, é sempre positivo, não é? Porque e ainda bem porque

dá a conhecer e também beneficia e é favorável até para a recuperação do próprio investimento não é?”

Regina Andrade – Museu da Misericórdia do Porto

Questionamos, ainda, as potencialidades da rua enquanto artéria urbana favorável à instituição de práticas e políticas culturais. Assim, segundo a entrevistada, a Rua das Flores, sendo uma artéria urbana central e de ligação entre a cota alta e a cota baixa da cidade, possui um valor extremo no que concerne à implementação de políticas culturais. Afirmando o seu pendor histórico, aliado à sua tradição de comércio – sobretudo associado às ourivesarias – há um conjunto de fatores natos que conferem um potencial singular à rua, em termos de procura cultural, urbana e turística. A existência de um bilhete cultural na cidade, cuja valência passa pela visita a determinados pontos célebres, históricos e patrimoniais da cidade, quase que impõe a passagem dos turistas por pontos estratégicos, viabilizando a visita e experiência em espaços urbanos de excelência.

“É um corredor, é um corredor cultural muito interessante ... só os Clérigos e Palácio da Bolsa porque pronto ... a passar a Rua dos Clérigos também é nesse sentido, descem e fazem este triângulo, o Palácio da Bolsa e fazem trajeto uma rota cultural um corredor cultural muito bem, muito bem.”

“É uma rua representada pelos edifícios também foram objeto de alguma regulamentação e a fixação também de nobreza e a burguesia. Bom, desta história de Portugal, dos descobrimentos ligado ao comércio, etc. Portanto, as principais pessoas ficaram a viver aqui e foi também uma parte da ourivesaria posteriormente também por acidente de percurso os produtos da rua Mouzinho da Silveira. O casal vinha ao porto, também pela estação de S. Bento era uma forma de investir em ouro, em ouro, na compra do ouro, tem essas características que, do meu ponto de vista, deviam-se manter e não e não só abrir muita hotelaria principalmente muitos restaurantes com características que podemos encontrar no Porto, como podemos encontrar em Lisboa, como podemos encontrar em qualquer cidade europeia.”

Regina Andrade – Museu da Misericórdia do Porto

Aprofundando a compreensão e o apuramento do tecido institucional da Rua das Flores, evocamos a perspetiva do **Museu das Marionetas** no dealbar das mudanças sociais e urbanísticas emergentes no espaço territorial onde se localiza. Fonte museológica e pragmática da arte interventiva, este espaço evidencia uma matriz não convencional na conceção, interpretação e teatralidade das marionetas. Inaugurado em 2013 na Rua das Flores – até Setembro de 2016 – o Museu das Marionetas auferiu reconhecimento, admiração e procura através de diversos segmentos de públicos, alcançando todas as faixas etárias, revelando-se ser mais um ponto icónico recheado de cultura no sector das artes no Centro Histórico do Porto. Através da visão da diretora artística do Museu das Marionetas - Isabel

Barros – atentamos à coexistência de uma relação muito agradável entre a entrevistada e o fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores, sendo este associado à emergência de uma melhoria generalizada de fatores, também se apresentando como uma rua de *moda*, onde a vontade participativa de quem a visita e o deslumbramento são quase como condições necessárias à vivência na rua. A requalificação postulou o dinamismo, ao invés da índole urbanística estática, proporcionando mais cor e mais vivacidade ao espaço, enquanto território urbano e social. Realça, igualmente, de forma ainda mais intensa e profunda, o fator associado potencialização das artes e da cultura em movimento, aspetos da cidade mais relegados no passado e mais valorizados no presente.

“A rua das Flores é hoje uma das Ruas que está na Moda. Com uma localização privilegiada, é local de passagem em direção ao Rio. A reabilitação urbana retirou o lado mais cinzento e abandonado e trouxe à Rua cor e dinâmica. O facto de a Rua ter passado a ser pedonal, permitiu também uma forma diferente de a habitar, tornando-a mesmo um lugar propício para artistas de Rua, que dão ao espaço um carácter mais cosmopolita.”

Isabel Barros – Museu das Marionetas

A permanência do Museu das Marionetas na Rua das Flores sofreu, como principais reestruturações do quotidiano, a maior abertura e adaptação face à visita de públicos internacionais, verificando-se um gritante aumento deste segmento de visitantes no museu. Para além deste importante aspeto, o museu ocupou um papel de destaque ao alargar o seu conceito artístico ao âmbito escolar/educacional, bem como envolver-se ativamente nos projetos com a população local, sendo, assim, impulsionador de uma metodologia integrada.

“O Museu das Marionetas do Porto, está aberto diariamente e tem uma frequência muito grande, por um lado de turistas e portugueses, ou população residente em Portugal que em família ou de forma singular também visitam o Museu. Uma outra parte importante do trabalho que o Museu desenvolve tem relação com as visitas realizadas no âmbito escolar e os projetos artísticos realizados com a população residente no Centro Histórico.”

Isabel Barros – Museu das Marionetas

A diretora artística assume que o turismo é um fator de metamorfose do tecido urbano e social da rua profundamente preponderante, a par da reabilitação e como resultado das melhorias significativas que a mesma proporcionou ao Centro Histórico da cidade. Considera que, apesar de ser um processo relativamente recente, o turismo determina diversas dinâmicas urbanas, sendo que no âmago do Museu, as visitas aumentam exponencialmente, de ano para ano. Por outro lado, em termos de habitação, a requalificação urbana na Rua das Flores

produziu um efeito de inflação dos valores imobiliários locais, abarcando o aproveitamento do edificado para espaços turísticos, da parte dos proprietários.

“O aumento de turistas na Cidade é um fenómeno recente e que acentuou claramente todas as dinâmicas, nomeadamente no Centro Histórico. O Museu não é exceção. E está em crescimento ainda, se compararmos os números do ano passado para este, claramente percebemos que o aumento de visitantes é muito superior. Além do número, a diversidade de pessoas de países é enorme. Como exemplo, o Museu das Marionetas do Porto em Março deste ano, foi visitado por pessoas de 41 países diferentes.

De destacar também as apreciações que os turistas deixam escritas no Livro de visitas do Museu, revelando um interesse grande e uma bela forma de olhar para algo que sabemos ser muito peculiar no universo da cidade e da Rua também.”

Isabel Barros – Museu das Marionetas

A rua é considerada como atracção natural urbana dada a sua carismática e fácil localização, sendo uma zona privilegiada no coração da cidade, tanto pela via pedonal como através da rede de transportes públicos da cidade (autocarros, metro, eléctrico). A entrevistada argumenta que, ao nível dos espaços culturais e das lojas tradicionais, o fator associado ao cariz pedonal da rua proporciona uma fruição mais intensa e uma observação indissociável do prazer, a quem por lá passa e deambula. Existe, portanto, uma ligação profundamente harmoniosa entre os diversos elementos urbanos presentes na Rua das Flores, conferindo bases robustas na implementação e permanência de espaços e políticas culturais locais.

“A Rua das Flores está muito bem localizada, partindo de uma emblemática Estação de Comboios e é a Rua alternativa mais apetecível em direção ao Rio, com a vantagem de no final ter o encantador Largo S.Domingos. Sendo estreita, mas pedonal, permite a quem passa ser atraído para cada uma das coisas, permite ainda uma certa contemplação, e uma vontade de entrar em cada espaço. Na rua estão as lojas antigas e as novas lojas, num convívio muito harmonioso. Tudo isso permite e apela à beleza que a Cultura e os espaços culturais normalmente têm por natureza.”

Isabel Barros – Museu das Marionetas

3.3.6 - Das empresas municipais às entidades privadas

Uma teia interventiva sobre a reabilitação urbana

Deambulando intrinsecamente pelas atividades e iniciativas desenvolvidas no imo da reabilitação urbana e nas vísceras históricas do centro do Porto, apuramos o legado oriundo das diversas entidades municipais e privadas envolvidas. Uma panóplia heterogénea de acontecimentos e a azáfama das intervenções urbanísticas, culturais e sociais emergentes no

Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores, despoletaram interesses públicos e políticos, privados e comunitários, abrigando projetos multifacetados e potencializando a capacidade de debate sobre a problemática da requalificação das cidades históricas e os impactos emergentes.

A **Porto Lazer** – fundada em 2006 – constitui-se como uma empresa municipal crucial na constante dinamização da índole de lazer, animação e desporto na cidade do Porto, fomentando o valor social, impulsionando o envolvimento e inclusão social e apostando numa progressiva melhoria de oferta, sobretudo no que concerne à organização de eventos e projetos diferenciadores. Através da entrevista a Cláudia Melo – coordenadora artística - atentamos à preponderância da Porto Lazer, enquanto empresa municipal, possuindo uma estreita relação com a reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores e detendo um papel ativo na requalificação na cidade e no planeamento estratégico integrado e contínuo de projetos que postulem o desenvolvimento e envolvimento da cidade e população. Através da gestão e implementação de projetos, como é o caso do *Locomotiva* ou o *1ª Avenida*, a Porto Lazer pretende dar resposta na requalificação do espaço público e de espaços em estado de degradação.

“Penso que poderemos afirmar que o papel da Porto Lazer tem um papel ativo na revitalização e requalificação urbana do Centro Histórico com a implantação de projetos como o 1ª Avenida (Edifício AXA) – Dinamização Económica e Social da Baixa do Porto, cuja estratégia foi continuada, posteriormente através de outros projetos como o Locomotiva ou o AV. Espaço Montepio.

A estratégia adotada, desde então, é a de re-ativação e revitalização de espaços devolutos e do espaço publico.”

Cláudia Melo – Porto Lazer

Segundo a entrevistada, as suas funções na Porto Lazer passam, sobretudo, pela coordenação artística de projetos operacionalizado no coração da cidade. Relativamente à Rua das Flores, assistimos a uma constante dinamização da artéria urbana através de princípios e conceitos pautados pela índole artística e cultural, com o intuito de objetivar e possibilitar o encontro das populações e o seu ativo envolvimento, promovendo a consciência coletiva, num mesmo espaço urbano, num mesmo território. O papel da Porto Lazer neste processo pluridimensional define-se como versátil e atento às mudanças, sendo um organismo preocupado com a sensibilização da dimensão artística na malha urbana, na requalificação da

paisagem da cidade e na potencialização da arte urbana na criação de redes e laços comunitários.

“A minha função na Porto Lazer é de direção artística e coordenação de projetos especiais como o AXA ou o AV. Espaço Montepio.

Algumas ações implementadas na Rua das Flores como a intervenção artística nas caixas da EDP ou a dinamização da artéria através de instalações / intervenções artísticas no âmbito da programação, e estratégia de animação da geral da Porto lazer contribuem para que a teia sócio-económica se consolide .

O Programa de Arte Urbana nos quais essas ações se integraram, visa ainda promover a consciência pública e sensibilização artística; o envolvimento da comunidade; a optimização da paisagem urbana; a requalificação geográfica, arquitectónica e social e a internacionalização da marca Porto, através da afirmação da Intervenção Artística Urbana no panorama internacional.”

Cláudia Melo – Porto Lazer

Segundo a Porto Lazer, as necessidades partem das constantes metamorfoses económicas, culturais, sociais e estruturais passíveis de serem vivenciadas numa cidade. A existência de fluxos e dinâmicas diversas, exige uma constante adaptação face às lacunas existentes e às prioridades que vão surgindo. De acordo com a entrevistada, os eixos prioritários de intervenção residem nesse âmbito: a melhoria de relações entre o que é exterior e intrínseco ao desenvolvimento de uma cidade.

“Existem sempre pontos a ser melhorados. Uma cidade não pára. Vive e alimenta-se dos constantes fluxos e dinâmicas que lhe são inerentes, intrínsecas mas também dos desafios externos e das provocações. Resulta sempre do equilíbrio entre a sua fisicidade e o seu imaterial. Melhorar essas relações será sempre o objetivo.”

Cláudia Melo – Porto Lazer

Segundo a Associação Portuguesa de Proteção do Património e Reabilitação Urbana, o processo de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto desenrola-se, de uma forma profundamente intimista, com a emergência e aparecimento de diversos elementos na cidade que proporcionaram uma redescoberta dos trilhos urbanos do Porto. A importância conferida às artes e ao plano cultural no centro histórico, assim como a azáfama na *movida* portuense, com a presença de um zonamento de espaços de diversão e de fruição noturna, conferiram um distinto valor urbano à cidade. O turismo é igualmente apontado como um elemento estruturador de novas práticas, associado ao aumento do fluxo de públicos na cidade do Porto.

“Trata-se de uma redescoberta do centro do Porto, primeiro através do aparecimento espontâneo de zonas de movimento noturno (antecedidas pelo aparecimento do quarteirão das artes), e depois com

o crescimento exponencial do turismo gerado pelo próprio potencial da cidade, mas sobretudo pela chegada à cidade de voos de baixo custo.”

Direção da APPRUP

Salienta-se a emergência de distintas dinâmicas urbanas – até então inexistentes - sobretudo associadas ao fenómeno de gentrificação, assistindo-se á chegada de uma nova vaga de habitantes no centro histórico da cidade, bem como aos crescentes movimentos pendulares e de visita. Tais dinâmicas derivam da requalificação objetivada no edificado antigo e do património histórico urbano, suscitando uma intensa procura da parte de diferentes públicos. Contudo, a associação aponta efeitos negativos decorrentes deste processo: derivado do aumento exponencial do valor imobiliário e da requalificação maioritariamente direcionada para o turismo, assiste-se a uma descaracterização no que concerne aos públicos locais, comerciantes e moradores, que paulatinamente se têm vindo a deslocar para outras zonas urbanas.

“Este processo permitiu criar novas dinâmicas no centro da cidade. Novas pessoas vieram habitar o centro e/ou deslocam-se para o centro à noite ou ao fim de semana. No entanto, se por um lado este processo estimulou a reabilitação do construído antigo, por outro nem sempre respeitou/respeita esse património, o seu valor e as particularidades que o tornam único. Por outro lado, está a promover tipologias pouco diversificadas, concentrando-se na divisão dos edifícios em espaços de pequena dimensão e/ou vocacionados apenas para o turista. Infelizmente, este processo tem também vindo a “empurrar” habitantes e comércio tradicionais do centro para outras zonas, permitindo aos proprietários, através de novos contratos, uma maior rentabilidade do seu património.”

Direção da APPRUP

No cerne da reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto, a APPRUP possui como pressuposto central a sensibilização, proteção e preservação do património. O seu papel apoia-se, fundamentalmente, no estímulo a espaços de debate que proporcionem a difusão de informação das tomadas de decisão oriundas de diversos prismas sociais e entidades institucionais, visando permanentemente o interesse do valor patrimonial da cidade.

“A APRUPP tem como um dos seus objetivos principais sensibilizar o público para as questões ligadas ao património e à sua preservação. É isso que a associação tem procurado fazer no Porto e noutras cidades através da criação de espaços de debate e da participação e criação de eventos onde estes aspectos são discutidos. Por outro lado, a APRUPP tem procurado informar e alertar o público em geral para tomadas de decisão, quer por privados, quer por entidades municipais, que consideramos lesivas para o património, explicando as razões pelas quais assim o entendemos e mostrando que existem outras formas de actuar mais consentâneas, como o valor e interesse desse património.”

Direção da APPRUP

Segundo a APPRUP, apesar dos processos de reabilitação urbana presentes em diversas áreas urbanas prioritárias na cidade do Porto terem proporcionado francas melhorias no desenvolvimento e condições de vida, ainda permanecem necessidades de intervenção. No que concerne ao Centro Histórico, a precariedade ainda é uma constante em determinadas zonas habitacionais, fator agravado pelo progressivo envelhecimento populacional, sendo este um segmento populacional profundamente vulnerável, do ponto de vista social. No plano económico, o comércio tradicional encontra-se, igualmente, em declínio, sendo substituído pelos estabelecimentos comerciais e de restauração modernos, com conceitos direcionados ao turismo. De acordo com a associação, o eixo prioritário concentra-se na tentativa de controlo, por parte das entidades responsáveis pela pluridimensionalidade que este fenómeno acarreta, face à progressiva desocupação do centro da cidade por da concentração do pendor turístico.

“Existe ainda um grande número de espaços habitacionais no centro do Porto que apresentam condições de habitabilidade precárias que urge melhorar; muitos desses espaços são ocupados por uma população envelhecida que precisa de um apoio social importante que nem sempre existe. Por outro lado, o comércio tradicional está rapidamente a dar lugar a um comércio dirigido fundamentalmente para o turismo e com o qual a população residente não se identifica. O crescimento demasiado rápido, e descontrolado, do turismo tem imposto (indirectamente) formas de actuar na cidade que têm desvirtuado o seu carácter. Se este processo não for controlado pelas entidades competentes, rapidamente tornarão a cidade pouco apetecível, não só para o turista como para o residente que irá tendencialmente desocupar o centro, transformando-o num espaço de fachada museológica.”

Direção da APPRUP

Por sua vez, a Opium, empresa de indústrias criativas sediada no coração do Porto, tem vindo a desenvolver inúmeros projetos no âmbito cultural, artístico, social e comunitário no centro histórico do Porto, promovendo ativamente o envolvimento da cidadania e proporcionando a regeneração do tecido urbano local. A oportunidade de diálogo com Ana Pedrosa, arquiteta e membro ativo da equipa da Opium, permitiu-nos um conhecimento mais vasto em torno do pragmatismo das atividades da empresa e da própria experiência pessoal da entrevistada no envolvimento em projetos no âmbito do centro histórico. A entrevistada, tendo em análise a sua experiência empírica e profissional, sobretudo entre 2011 e 2013, realça que o fenómeno de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto ainda apresenta como principal lacuna a sua profunda desvitalização em termos e habitantes, sendo a progressiva ausência e fragmentação do tecido social os apanágios mais manifestos na urgência de uma requalificação ainda mais intensa – ao nível da população. De facto, e apesar

dos inúmeros esforços no que concerne à reabilitação do edificado e habitação nas áreas históricas urbanas portuenses, reconhece-se que o problema maior reside na emergência de territórios desabitados, a par do gritante envelhecimento populacional local.

“De facto, o centro histórico se encontra desvitalizado em termos de escassez de habitantes, envelhecimento e desencantamento dos habitantes, fragmentação do tecido social, negócios com dificuldade em sobreviver, edificado estagnado e esquecido. De todas as problemáticas, a mais urgente é o facto de estar tão extensamente desabitado. Contra o facto de existir uma área desabitada, parece haver muito pouco de útil a propor antes de assegurar que há gente a habitar as casas.”

“O centro histórico não é uma folha em branco.”

Ana Pedrosa – Opium

Os efeitos mais proeminentes na reabilitação da cidade, segundo a entrevistada, passam, sobretudo, pelas constantes tentativas de adaptação e captação de *energias* globais que se fundem na dimensão local. Ora, esta metodologia avança, paulatinamente, com o esvaziamento da cidade – sobretudo do Centro Histórico, colocando à margem a população e a cidade histórica e enraizada. As potencialidades emergem se – na tentativa de estabelecer um diálogo – sensibilizando e confrontando os valores e modos de estar. Assim, a intervenção artística e cultural é um mecanismo de acesso e de desbloqueio, ao possibilitar a aproximação entre distintos públicos, com diferentes graus de formação e pertencentes a diversos grupos na mesma cidade.

“O centro histórico veio sendo esvaziado e entrincheirado e para se poder reconstituir como cidade, habitada, produtiva e conectada com a cidade mais vasta, necessita de captar habitantes, modos de produção, trocas. Mas esta captação de energia nova, diluída em valores mais globais, tem dificuldade de dialogar com uma cidade mais velha e enraizada. Tendencialmente ou se coloniza, ignorando e hostilizando o existente, ou se romantiza o pitoresco de um modo de estar que dificilmente já se encontra noutras paragens.”

“No entanto, este confronto exposto entre diferentes gerações, formações e grupos sociais é algo de difícil abordagem na nossa sociedade portuguesa. E daí talvez o papel das práticas artísticas no desbloquear desta aproximação, ao possibilitarem outros modos de diálogo que não o da linguagem verbal e instituída.”

Ana Pedrosa – Opium

Considerando o papel da Opium como crucial no desenvolvimento do Centro Histórico, a empresa prestou serviço de consultadoria na elaboração do Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial, abordando o seu enquadramento histórico, o diagnóstico do edificado e valor patrimonial, assim como a capacidade de desenvolvimento socioeconómico, cultural, turístico e ambiental da cidade. O papel institucional da Opium no

cerne do fenómeno de reabilitação urbana no CHP tem sido preponderante, uma vez que trabalha a sua concepção, coordenação e estratégia. A sua principal incidência postula a transformação contínua na cidade, como fator de dinamização cultural e económica, como atração turística, e como potencializador do tecido criativo no espaço público urbano.

“A OPIUM concebe, planeia e implementa projetos de valorização do território, alavancados nos seus recursos endógenos, que promovem a convergência entre a cultura e a economia, privilegiando o envolvimento da comunidade e sustentados numa participação e colaboração ativas dos seus agentes.”

“Concebeu e coordenou o programa Manobras no Porto, promovido pela Porto Lazer, de dinamização de práticas culturais e artísticas integradas no contexto e comunidades do Centro Histórico. O Manobras assentou numa [ideia de cidade]: uma cidade que se acredita ser mais fértil e densa se esta proporcionar cruzamentos entre distintas linguagens, expressões, modos de vida, pessoas. O projeto organizou-se como modo de produção contínua, processual e participada ao longo de dois anos, envolvendo mais de 200 projetos artísticos.”

“Concebeu e coordenou a linha de projetos Espigar, no âmbito do Locomotiva, promovido pela Porto Lazer. O projeto Locomotiva visou intervir na envolvente da Estação de São Bento, uma área marginal ao processo de reabilitação que se observa na cidade. O projeto Locomotiva visava a reabilitação do antigo parque de estacionamento como uma nova praça da cidade. Espigar constituiu uma linha de projetos, via convite e via convocatória aberta, comprometidos com o reconhecimento próximo daquele pedaço de cidade e com o estabelecimento de relações diretas entre quem aí vive e trabalha e quem chega com novas propostas de vivência do espaço público.”

Ana Pedrosa – Opium

Segundo a entrevistada, os eixos prioritários de necessidades e de intervenções passam pelo desejo e capacidade de renovação e melhoria contínuas, preceitos naturais de uma sociedade em constante mudança. Subjacente ao debate relativo à reabilitação urbana e ao centro histórico, emerge a necessidade de conferir mais importância às pessoas, assegurando a subsistência do tecido social deste território. Na dimensão dos agentes culturais assume-se que, atualmente, os espetáculos de âmbito artístico e cultural acarretam um intenso mediatismo e a permanente sensação de celebração, sendo necessária a emergência de novos modos de estar e de “praticar” a arte e a cultura nos espaços públicos da cidade.

“No plano da realidade actual e premente do centro histórico, o discurso dos seus habitantes de longa data é insistente: o património do centro histórico não são as pedras, são as pessoas. Sentem constantemente que não são chamados nem ouvidos no macro discurso que monumentaliza o centro histórico como património mundial e simultaneamente aumenta o fosso entre as instituições que definem e controlam o que é património e quem o constrói e o vive. O processo de reabilitação dos imóveis é visto como opaco, não compreendem as suas regras, nem lhe conseguem aceder.”

Simultaneamente, o acumular de um historial de amargura e desencanto dificulta uma revisão do próprio discurso de combate, mesmo quando as circunstâncias se vão alterando em seu redor. As dificuldades em assegurar a subsistência e a fracturação profunda do tecido social também retiram espaço para que se equacione qual o bem comum deste lugar.”

Ana Pedrosa – Opium

Coexiste a necessidade de interligação entre forças institucionais, entre objetivos estratégicos e planos de gestão que se complementam. Atentando às especificidades e às áreas de atuação de cada uma das entidades público-privadas, observamos que a sua ação recaí sob diversos prismas da reabilitação urbana e gestão da cidade: há que criar elos que se consubstanciem na tentativa de mesclar as ideias e estender os projetos às dimensões intervenientes, de modo a que, a reabilitação urbana, não incida unicamente em propósitos centralizados e que se matize como um desígnio compartilhado.

Considerações Finais

A efemeridade do tempo, a azáfama das etapas: um ano que chegou ao final. Uma investigação, cuja génese emergiu do interesse e da determinação em compreender a mudança social e urbana a partir da reabilitação urbana num território no coração do Porto. Um trilho de ambições e dúvidas, ponderações e alguns retrocessos, sempre em busca de matéria, de dados, de vozes e de olhares, que nos permitissem estudar, de forma intensa, o nosso objeto de referência.

Questionando: “*Quais são os impactos na recomposição social que o fenómeno de reabilitação urbana despoleta na Rua das Flores, no Centro Histórico do Porto?*”, abrimos espaço para uma *caminhada* teórica e metodológica onde, passo a passo, foram urgindo mais questões e orientações, opções e diretrizes. Não chegamos a um caminho uno, indivisível ou homogéneo. Conscientes da complexidade da temática, das múltiplas perspetivas envolvidas e dos públicos abarcados – e das constantes reestruturações – atentamos às considerações e ponderações mais proeminentes em torno da nossa pesquisa e experiência, reconhecendo o pendor *ad infinitum* da problemática – não se esgotando neste contexto de dissertação.

Relevamos o cariz intenso – e igualmente heterogéneo – das experiências subjetivas que, através de cada entrevistado, de cada observação ou interação, nos proporcionou a atenção e compreensão dos impactos na recomposição social e urbana da Rua das Flores, por via da reabilitação urbana. As vivências sociais são, de facto, um caldeirão de memórias, vivências e apropriações capazes de evidenciar o mais estreito laço com um lugar, com uma cidade. Atentamos, deste modo, maioritariamente à perceção dos impactos da reabilitação urbana no tecido social e urbano, compreendendo o pendor paradigmático e subjetivo das relações e vivências face ao fenómeno, da parte dos atores sociais locais.

Consideramos duas visões, tendo em consideração as constatações das mudanças e na aceção da relação estabelecida com a reabilitação da Rua das Flores: uma perceção mais otimista e hegemónica relativamente à reabilitação urbana, sendo assinalados os principais benefícios associados à melhoria do edificado, infraestruturas e espaço público, bem como face à envolvência e espírito urbano cosmopolita do território; e uma relação mais distanciada e crítica, no sentido em que o processo de reabilitação da rua é percecionado como potencializador da descaracterização identitária da rua.

A partir deste ponto – da relação estabelecida entre a população e o processo – alargamos o mote para uma visão transversal, conseguindo compreender a incidência e cristalização das metamorfoses sobre o tecido social e urbano da rua.

Neste âmbito – das mudanças – refletimos sobre a assimetria dos seus elementos caracterizadores: foram evocados efeitos associados ao dinamismo das práticas e espírito urbano, potencializadores de mudanças estruturais e culturais e promotores da cultura e das artes em contexto de cidade, de rua. Por sua vez, e no que concerne ao plano habitacional, apuramos que a reabilitação urbana acarretou um aumento generalizado dos valores imobiliários locais e, apesar das melhorias no edificado, apresenta como lacuna a ausência de priorização das políticas urbanas de habitação e re-habitação que envolvam os antigos moradores e habitantes locais, em prol da progressiva generalização das habitações temporárias, de cariz hoteleiro e temporário. E ainda o fator turismo. De facto, inúmeras são as vezes que o turismo e o turista são evocados nos diálogos com a população da rua, no sentido da abordagem da recomposição social e urbana da Rua das Flores. Não obstante, o turismo não se considera como impacto social da reabilitação urbana na rua: o turista – sobretudo o estrangeiro – não se desloca ao Porto, à Rua das Flores, devido unicamente ao processo de reabilitação. Há um conjunto de fatores que concorrem a essa tendência. Observamos, no entanto, que o fator mensurável à nossa análise se ancora nos fluxos turísticos e, não somente, no turismo em si. Compreendemos que a reabilitação urbana postulou um forte pendor atrativo e turístico, através da regeneração do espaço público, dos acessos e da requalificação do património edificado, tornando-se numa artéria urbana apetecível para os deambulantes e visitantes. A reabilitação urbana urgiu, assim, como elemento estruturador para a efervescência de renovadas práticas e hábitos turísticos, sendo que, o progressivo retorno através do paulatino aumento de fluxos de públicos promove a constante adaptação local a este segmento *externo*, daí a sua recorrência nos diálogos com a população.

Apuramos ainda que as metamorfoses no tecido social e urbano não se esgotam nestas orientações: é sublinhada a questão em torno da heterogeneização dos públicos, assim como dos consumos locais. Atenta-se à emergência de fruições mais céleres, sustentadas no imediatismo – efeito que exige constantes adaptações no domínio do comércio tradicional local. Por sua vez, o distanciamento e ausência dos clientes mais antigos dos estabelecimentos comerciais e o desaparecimento da vizinhança, postulam a perda do espírito bairrista e a fragmentação das redes sociais e de proximidade da rua.

Relevamos ainda a contextualização das apropriações quotidianas, entre o passado e o presente, interagindo entre os papéis e reestruturações decorrentes da reabilitação urbana. O passado da rua, num momento anterior à reabilitação, é delineado pela insegurança, decadência e pendor sombrio, mas, não obstante, com um carisma próprio da sua envolvência. No presente, os papéis e apropriações da população da rua assumem-se como distintos: assiste-se à emergência de uma tipologia de comércio altamente associada aos fluxos turísticos e internacionais, com um certo cariz sazonal. Por sua vez, há uma constante adaptação dos estabelecimentos face à chegada e passagem de novos públicos, sobretudo no que concerne à lógica funcional e logística, postulando uma vertente associada ao empreendedorismo e à inovação. Tal como supramencionado, as emergências de fruições mais imediatas perfazem uma menor procura do comércio tradicional retalhista, sendo que o hibridismo do cosmopolitismo se condensa no espaço urbano da Rua das Flores.

Quanto às dinâmicas culturais, apuramos um processo de adaptação às mudanças urbanas e sociais da rua por parte das instituições culturais locais. Se, por um lado, urge o alargamento da diversificação e heterogeneidade de públicos visitantes, atentamos igualmente à coexistência de um desvio da índole mais tradicionalista patente na rua, encontrando-se divididos entre a esfera local e a “pressão” globalizante. Não obstante, e atualmente, a Rua das Flores é considerada como um forte potencial relativamente à implementação de políticas culturais, projetos e iniciativas artísticas, promovendo um desenvolvimento integrado na rua, enquanto *corredor cultural* urbano. Por sua vez, as parcerias públicas – privadas, nomeadamente entre empresas municipais e entidades privadas, privilegiam a objetivação artística e cultural na cidade e o envolvimento ativo da população, em contexto de reabilitação urbana. Há uma tentativa em conjugar a pluridimensionalidade do processo através da polivalência estratégica das empresas, associações e entidades institucionais através de mecanismos de sensibilização, proteção e preservação do património, de requalificação urbana, de alocar as intervenções culturais e sociais como mecanismos de *desbloqueio*. Subsiste, contudo, uma necessidade latente de diálogo e capacidade de estabelecimento de simbioses estratégicas e políticas que conduzam a reabilitação urbana através do desenvolvimento urbano e social sustentável, de forma concomitante com as sinergias históricas da rua, das populações locais e do envolvimento permanente da comunidade alvo.

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria e requalificação do património edificado e espaços públicos locais; • Dinamização da vertente cultural e a potencialização artística em contexto urbano; • Heterogeneidade de públicos e de práticas urbanas; • Fomento das indústrias e negócios criativos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagens desintegradas na articulação coerente entre a gestão dos planos físicos, económicos, culturais e sociais; • Participação insuficiente da população local durante a implementação e avaliação do processo; • Planos de re-habitação ainda parcos e destrutturados, • Inflação dos valores imobiliários das habitações reabilitadas, representando um entrave de acesso para as populações locais com um menor poder de compra.
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento do fenómeno turístico, nomeadamente no que concerne ao paulatino aumento de fluxo de visitantes estrangeiros; • Território urbano com património histórico, tradição enraizada e valor social denso; • Identidades sociais e culturais muito intensas, ancoradas na memória coletiva; • Desenvolvimento de projetos com ações locais integradas; • Potencialização das investigações e inovação no âmbito dos estudos urbanísticos e sociais; • Localização privilegiada, em pleno Centro Histórico do Porto; • Acessos e mobilidade urbana que impulsionam eficazmente o seu reconhecimento e atratividade, estreitando 	<ul style="list-style-type: none"> • Progressivo envelhecimento populacional e ausência de residentes permanentes; • Declínio do comércio tradicional retalhista, em prol dos novos conceitos <i>trendy</i> figurados nos estabelecimentos mais recentes; • Descaracterização identitária do território; • Políticas e intervenção socio-urbanística ainda desarticuladas.

<p>a ligação entre a cota alta e a cota baixa da cidade.</p>	
--	--

Desenvolvemos, como ferramenta de reflexão e de conclusão na presente investigação, a elaboração de uma Análise SWOT³⁶, de modo a inteirarmo-nos nas dimensões que a reabilitação urbana na Rua das Flores postula na recomposição social e urbana do território. Consideramos que, as denominadas forças do processo, devem continuar em equilíbrio e a ser rentabilizadas, exigindo uma constante manutenção, sobretudo no que concerne à melhoria do património, espaços públicos e requalificação do edificado, à crescente dinamização da vertente cultural e artística em contexto urbano e, mais especificamente, na rua, bem como ao fomento da heterogeneidade de públicos e práticas urbanas diversificadas associadas ao desenvolvimento das indústrias e negócios criativos. Por sua vez, os pontos fracos apurados devem ser amplamente colmatados, nomeadamente no incremento de abordagens mais integradas e na articulação entre a gestão estratégica da reabilitação urbana e os atores sociais locais, assim como na priorização dos planos de re-habitação mais eficientes.

Paralelamente, há que ter uma atenção cuidada e simultânea às ameaças que emergem paulatinamente, devendo estas ser contornadas através de estratégias para a minimização do seu impacto, sobretudo no que respeita às mudanças demográficas emergentes, ao declínio das atividades económicas tradicionais locais, à extensa desarticulação entre as políticas interventivas socio-urbanísticas e à proeminência da descaracterização identitária do tecido social da Rua das Flores. A maximização dos recursos e a potencialização de impactos positivos na recomposição social e urbana da rua devem ainda ter em consideração a panóplia de oportunidades que se conjugam: o aproveitamento da localização privilegiada e centralizada da Rua das Flores, do património histórico e do valor social que se encerra nas vísceras da artéria urbana, a potencialização das identidades sociais ancoradas na ação e memória coletiva – fator determinante no dealbar recomposição do tecido social -, assim

³⁶ Análise SWOT: *Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats.*

como a rentabilização de projetos e investigações que envolvam ativamente os atores sociais locais, a par dos planos estratégicos e do desenvolvimento integrado.

A reabilitação urbana, como elemento preponderante na recomposição social e urbana da Rua das Flores, não se esgota num propósito, num processo ou ação. Compreendemos que as estratégias de reabilitação devem conjugar a integração de um foco de ação que permita a ativo envolvimento entre os planos de gestão, as políticas urbanas e os atores sociais e entidades locais, sem relegar nenhum elemento fundamental do passado, dos objetivos do presente e dos desígnios do futuro. A reabilitação urbana não se esgota na ação direta sobre o património edificado: exige uma articulação profunda com a extensa rede de estruturas, atores e palcos urbanos interventivos, potencializando um desenvolvimento urbano e social sustentável, fiel à cidade, leal à malha urbana que a Invicta inspira.

A Rua das Flores é o mote para essa reflexão - das varandas à calçada, das portas abertas à mescla cultural que se vai matizando em cada lampião, de cada caixa elétrica colorida a cada azulejo renovado: é imprescindível atrair humanidade à rua, receber os visitantes, mas, simultaneamente, conferir condições de vida e permanência aos de cá, permitir o desenvolvimento e sustentabilidade do comércio tradicional e encorajar a inovação criativa. Com esta investigação terminamos um processo de pesquisa e de análise, de ponderação e reflexão, considerando este momento como o *interlúdio* para futuras deambulações *sociológicas*, para novos olhares sobre as recomposições sociais e urbanas na cidade

“De repente ele faz-se sonhador do mundo.

Abre-se para o mundo e o mundo abre-se para ele.

Nunca teremos visto bem o mundo se não tivermos sonhado aquilo que víamos.”

Baudelaire

Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida – Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**. Série I, Vol. XIV (1998), 77-88. [Consult. Agosto 2016]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>

AFONSO, João Ferrão (1998) – **A Rua das Flores no Séc. XVI: Elementos para a História Urbana no Porto Quinhentista**. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto disponível em

ALVES, Sónia (2016) – Requalificação e gentrificação no centro histórico do Porto. **Aula Aberta Desenvolvimento Regional, Ciclo de Palestras do Mestrado em Geografia**. Universidade do Minho. [Consult. Setembro 2016]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/301688953_Alves_Sonia_2016

BACHELARD, Gaston (2008) - **A Poética do Espaço**. 2ªed. Editor: Martins Fontes. ISBN 9788533624191

BARATA SALGUEIRO, Teresa (2005) - **Transformação Urbana**. In T. Barata Salgueiro e J. Ferrão (coord.) Geografia de Portugal: Sociedade, Paisagem e Cidades, II Volume. Lisboa: Circulo de Leitores, pp. 244-258.

BAUDELAIRE, Charles (1997) - **Sobre modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BERICAT, Edward (1998) – **La integración de los métodos cuantitativos/cualitativos en la investigación social: significado y medida**. Barcelona: Ariel.

BOHIGAS, Oriol (1998) - **Modernidad en la arquitectura de la España republicana**. 1ªed. Tusquets Editores. ISBN 978-848310612-9

BOURDIEU, Pierre (1989) – **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel.

CABRAL, João – Inovação nas políticas urbanas – Modelos de regulação e sistemas de governança. **GeolNova**, nº10 (2004), p. 34-51. [Consult. Agosto 2016]. Disponível em <http://fcsh.unl.pt/geoinova/revistas/files/n10-2.pdf>

CABUGUEIRA, Artur - Do desenvolvimento regional ao desenvolvimento local. Análise de alguns aspectos de política económica regional. **Gestão e Desenvolvimento**, 9 (2000), p.103-136. [Consult. Dezembro 2015]. Disponível em http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9_103.pdf

CARIA, Telmo (2005) – **Experiência Etnográfica em Ciências Sociais**. Edições Afrontamento. ISBN 9789723606416

CHIZZOTI, A. (2005) – **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7ªed. São Paulo: Cortez.

COING, Henri (1966) - **Rénovation urbaine et changement social**. L'ilot nº 4. Paris : Éditions ouvrières.

COMISSÃO EUROPEIA (2011) – **Desenvolvimento Local Orientado para a Comunidade: Política de Coesão 2014-2020**. [Consult. Novembro 2015]. Disponível em http://www.qren.pt/np4/np4/?newsId=1334&fileName=desenvolvimento_local_orientado.pdf

COSTA, António Firmino da (2008 [2009]) - **Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural**. Oeiras: Celta Editora. ISBN 978-972-774-249-3

CRESWELL, John (2007) – **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ªed. Artmed Editora S.A. ISBN 978-85-363-0892-0

CULLEN, Gordon (2006) – Paisagem Urbana. Edições 70. ISBN 9789724414010

FERNANDES, António Teixeira (1992) – Espaço social e suas representações. **Comunicação VI Colóquio Ibérico de Geografia**, p. 61-99.

FERNANDES, José Alberto Rio – Rua das Flores: a rua do Ouro portuense. **O Tripeiro**, 7ªsérie, ano 13, nº2 (1994), p.45-46.

FERNANDES, José Alberto Rio – Políticas públicas e urbanismo no tecido antigo da cidade europeia. **Cidades**, Vol. 9, Nº16 (2013), p. 119-143. [Consult. Dezembro 2015]. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2375/2119>

FERNANDES, José Luís – Actores e territórios psicotrópicos: etnografia das drogas numa periferia urbana. **Tese de Doutoramento**, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. [Consult. Setembro 2016]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18145>

FERREIRA, Claudino – Os grandes eventos e a cultura em Portugal: sobre os Impactos culturais da Expo'98 e os Públicos do Porto 2001. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 67 (2003), p. 135-138. [Consult. Agosto 2016]. Disponível em <https://rccs.revues.org/1219>

FORTUNA, Carlos (1999) – **As cidades e as identidades: Narrativas, patrimónios e memórias**. In Identidades, percursos, paisagens culturais – Estudos sociológicos de cultura urbana, p.23-44. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-033-2

GASPAR, Jorge – A dinâmica funcional do Centro de Lisboa. **Finisterra**, Vol. XI, Nº21(1976), p. 37-150. [Consult. Setembro 2016]. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/2305>

GOFFMAN, Erving (1982 [1963]) – **Estigma: Notas sobre a identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores

GOLDMAN, Marcio - An Ethnographic Theory of Democracy. Politics from the Viewpoint of Ilhéus's Black Movement (Bahia, Brazil). *Ethnos*, Vol.66, Nº2 (2001), p.157-180. [Consult. Janeiro 2016]. Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141840120070921>

GUERRA, Paula – A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para a abordagem de um objecto complexo. **Repositório Aberto U.Porto**, (2002), p.69-119. [Consult. Outubro 2015]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7736>

HALBWACHS, Maurice (1990) – **A memória colectiva**. São Paulo: Vértice.

HARVEY, David – O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**. Vol. 14, nº28 (2012), p.8-39. [Consult. Novembro 2015]. Disponível em <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/551>

HEIDEGGER, Martin (1969) - **Sobre o problema do ser / o caminho do campo**. São Paulo: Livraria duas cidades.

LEDROUT, Raymond (1968) – *L’Espace Social de la Ville*. Paris: Anthropos.

LEFEBVRE, Henri (1992) - **The production of space**. Oxford: Blackwell. ISBN 978-0631181774

LOPES, João Teixeira – Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. **Repositório Aberto U. Porto**. (2007), p.69-80. [Consult. Dezembro 2015]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5508.pdf>

MAGNANI, José – De perto, de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.17, Nº49 (2002), p. 12-166. [Consult. Outubro 2015] Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002

MAGNANI, José – Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Vol. 15, Nº32 (2009), p.129-156. [Consult. Novembro 2015]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>

MALINOWSKY, Bronislaw (1953) - **Sex and repression in a savage society**. London: Routledge e Kegan.

MARTÍNEZ, Miguel (2008) – **É, ou não, possível fazer reabilitação urbana com inclusão social e cultural? Sim, mas não é muito frequente nem radical**. In J. Madureira Pinto, V. Borges Pereira (ors.) *Desigualdades, desregulação e risco nas sociedades contemporâneas*, p.239-250. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-0965-3

MERTON, Robert (1970) – **Sociologia, teorias e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou.

MIRANDA, Tiago (2015) – **O Porto turístico: olhares sobre a cidade**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Consult. Fevereiro 2016]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81963>

PAIS, José Machado (2008) – **Sociologia da Vida Quotidiana**. Imprensa de Ciências Sociais. ISBN 9789726710929

PECQUER, Bernard (1987) - **De l’espace fonctionnel à l’espace-territoire**. Grenoble. Dissertação de doutoramento na Université des Sciences Sociales de Grenoble. [Consult. Maio 2016]. Disponível em <http://www.theses.fr/1987GRE21046>

PEIRANO, Mariza (1995) – **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará.

PEIXOTO, Paulo – *Centros Históricos e Sustentabilidade cultural das cidades*. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia** (2003), p. 211-224. [Consult. Dezembro 2015]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>

PEREIRA, Virgílio Borges – Breves apontamentos sociais sobre a reconfiguração do centro da Cidade do Porto. **UPorto Dossier**, (2005), p.20-21. [Consult. Novembro 2015]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14190/2/VPereiraUporto000156742.pdf>

PEREIRA, Virgílio Borges (2008) - **Estado, espaço físico e espaço social na constituição da problemática da reabilitação urbana. Um breve contributo preliminar para um inventário crítico comparado.** In J. Madureira Pinto, V. Borges Pereira (ors.) Desigualdades, desregulação e risco nas sociedades contemporâneas, p.227-238. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-0965-3

PORTO VIVO, SRU (2005) – **Masterplan:** Revitalização urbana e social da Baixa do Porto. [Consult. Setembro 2015]. Disponível em <http://www.portovivosru.pt/pt/area-de-atuacao/enquadramento>

PORTO VIVO (2008) – **Plano de Gestão: Centro Histórico do Porto Património Mundial.** Síntese Executiva. [Consult. Setembro 2015]. Disponível em <http://www.portovivosru.pt/pt/centro-historico/plano-de-gestao>

PORTO VIVO, SRU (2012) – **Delimitação da ARU DO Centro Histórico do Porto em instrumento próprio.** [Consult. Julho 2016]. Disponível em <http://www.portovivosru.pt/pt/area-de-atuacao/areas-de-reabilitacao-urbana/aru-centro-historico-do-porto>

PORTO VIVO, SRU (2014) – **Mouzinho/Flores:Um eixo de mudança para o Centro Histórico.**

QREN (2007) – **Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013.** [Consult. Novembro 2015]. Disponível em <http://www.qren.pt/np4/663.html>

QUEIRÓS, Eça (1901) – **A cidade e as serras.** Porto: Porto Editora. ISBN 978-972-0-04954-4

QUEIRÓS, João – Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos: Considerações exploratórias a partir do caso do Porto. **Sociologia, Problemas e Práticas**, nº55 (2007), p. 91-116. [Consult. Outubro 2015]. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n55/n55a06.pdf>

QUEIRÓS, João – Precariedade Habitacional, Vida Quotidiana e relação com o Estado no centro histórico do Porto na transição da ditadura para a democracia. **Análise Social**, 206, XLVIII (1º), (2013). ISSN 2182-2999

QUEIRÓS, João - Políticas de reabilitação urbana e recomposição do tecido social no centro histórico do Porto: representações e discursos de moradores sobre a respetiva evolução recente. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXXI (2016), p.29-58. [Consult. Setembro 2016]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14274.pdf>

RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane (1992) – **A cidade: Rumo a uma nova definição?** Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0331-4

SIMMEL, Georg (1903 [1997]) – **A metrópole e a vida do espírito.** In Carlos Fortuna (ors.) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia, p.31-43. Oeiras:Celta Editoras. ISBN: 9728027788

SIMMEL, Georg (1986) – **El espacio y la sociedad.** Alianza Editorial. Vol. 2, Madrid.

SMITH, Neil - Toward a theory of gentrification a back to the city movement by capital, not people. *Journal of the American Planning Association*, vol. 45, nº 4 (1979), p. 538-548. [Consult. Agosto 2016]. Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01944367908977002>

SOJA, Edward W. – Writting the city spatially. **City: analysis of urban trends, culture, theory, policy.** Vol. 7, nº3, (2003), p. 269-281.

TEIXEIRA, Elenaldo - O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. **Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais no Estado da Bahia** (2002). [Consult. Dezembro 2015]. Disponível em http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf

VALA, Jorge (1996) [2010] – **Representações sociais – Para uma psicologia social do pensamento social**. In Jorge Vala; Maria Benedita Monteiro (org.) “Psicologia Social”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 353-384. ISBN 978-972-31-0845-3

WACQUANT, Loïc – A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia** (2006), p.27-39. ISSN 2182-9691

WIRTH, Louis – Urbanism as a way of life. **The American Journal of Sociology**, Vol.44, Nº1 (1938), p.1-24. [Consult. Novembro 2015]. Disponível em http://www.jstor.org/stable/2768119?seq=1#page_scan_tab_contents

WHYTE, William Foote (2005) – **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Websites Consultados

COMISSÃO EUROPEIA, Quadro de Ação da EU disponível em http://ec.europa.eu/index_pt.htm [consultado em março de 2016]

JORNAL DE NOTÍCIAS, Notícia “*O Património que perdeu a Humanidade*” disponível em <http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/o-patrimonio-que-perdeu-humanidade-5098975.html> [consultado em junho de 2016]

JORNAL PORTO 24, Notícia “*Rua das Flores “está na moda” mas há entraves à recuperação*” disponível em <http://www.porto24.pt/cidade/rua-das-flores-esta-na-moda-mas-ha-entraves-a-recuperacao/> [consultado em junho de 2016]

JORNAL PORTO 24, Notícia “*O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?*” disponível em <http://www.porto24.pt/multimedia/o-que-e-que-eu-encontro-na-rua-das-flores/> [consultado em maio de 2016]

JORNALISMOPortoNet, Notícia “*Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros*” disponível em <https://jpn.up.pt/2009/02/16/artistas-imaginam-rua-das-flores-sem-carros/> [consultado em maio de 2016]

JORNALISMOPortoNet, Notícia “*A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente*” disponível em <https://jpn.up.pt/2009/07/24/reabilitacao-da-baixa-do-porto-nao-se-esta-a-pensar-em-toda-a-gente/> [consultado em maio de 2016]

JORNAL PÚBLICO, Notícia “*A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN*” disponível em <https://www.publico.pt/local-porto/jornal/a-reabilitacao-urbana-no-porto-merecia--um-programa-no-qren-261599> [consultado em maio de 2016]

JORNAL PÚBLICO, Notícia “*Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores*” disponível em <https://www.publico.pt/local/noticia/mercator-novo-projecto-de-promocao-do-comercio-no-porto-vai-ser-testado-na-rua-das-flores-1624412> [consultado em junho de 2016]

JORNAL PÚBLICO, Notícia “*Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade*” disponível em <https://www.publico.pt/local/noticia/secretaria-de-estado-alertou-para-o-numero-de-hoteis-no-porto-e-apoiou-candidatura-das-caves-de-gaia-a-patrimonio-mundial-1721711> [consultado em junho de 2016]

MAPJAM, software online de mapas e cartografias disponível em <https://mapjam.com/> [consultado em setembro de 2016]

MIIPO, Museu da Misericórdia disponível em <http://www.mmipo.pt/> [consultado em junho de 2016]

Museu das Marionetas, disponível em <http://marionetasdoporto.pt/museu-das-marionetas-do-porto/> [consultado em junho de 2016]

O.N 2 – O Novo Norte, Programa Operacional Regional do Norte disponível em <http://www.novonorte.qren.pt/pt/> [consultado em dezembro de 2015]

PORTUGAL 2020, disponível em <https://www.portugal2020.pt/Portal2020> [consultado em dezembro de 2015]

PEDU, Planos Estratégicos de Desenvolvimento Urbano disponível em <https://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/index.jsp> [consultado em dezembro de 2015]

Anexos

Anexo N°1

Guião de Entrevistas Exploratórias

SRU, Porto Vivo
Pelouro do Urbanismo, CMP

Entrevista Exploratória

Mestrado em Sociologia | Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Dissertação: A Reabilitação Urbana na Rua das Flores

1 – Na última década temos assistido a um profundo fenómeno de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto e, em concreto, no eixo respeitante à Rua das Flores. Poderá descrever, em termos genéricos, a caracterização deste processo no coração do centro urbano do Porto e na rua?

2 – E qual é o papel das políticas públicas e das decisões autárquicas no impulsionamento e decorrer deste fenómeno?

3 – No que concerne, em particular, à Rua das Flores, a reabilitação urbana tem acarretado inúmeros impactos sociais, sobretudo no que diz respeito à sua população, comerciantes e moradores. Cronologicamente, quais têm sido as principais mudanças sociais, entre um *antes* e o *depois*?

4 – Por último, seria importante compreender as questões em torno das potencialidades e sustentabilidade da reabilitação urbana nesta área histórica urbana. Poderá falar um pouco sobre isso?

Entrevistador:

Entrevistado:

Local da entrevista:

Data e hora da realização da entrevista:

Duração da entrevista:

Muito obrigado pela colaboração!

Anexo N°2

Guião de Entrevistas

Semidiretivas

Comerciantes e Técnica Superior – Rua das Flores

Comerciantes da Rua das Flores

"tem muitos que trocam os bês pelos vês, mas poucos que trocam a liberdade pela servidão".

Almeida Garrett

A presente entrevista narrativa insere-se no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tendo como tema central a Reabilitação Urbana na Rua das Flores, o presente estudo visa explorar e analisar em profundidade as questões em torno da mudança social, das vivências e apropriações dos públicos que partilham a mesma *cena*, neste mesmo espaço – a rua.

Agradecemos, desde já, a disponibilidade e interesse na colaboração

Prometemos ser breves e, sobretudo, bons ouvintes de memórias singulares.

Obrigado!

1 – Nos últimos anos temos assistido a um fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores que envolve múltiplas dimensões. Como comerciante nesta rua, como vivencia este fenómeno e as mudanças que o envolvem?

2- E relativamente aos impactos sociais, quais considera os mais relevantes? Poderá falar sobre isso?

3 – Como comerciante, como se configura o seu quotidiano e as suas apropriações neste espaço actualmente? É capaz de fazer uma análise cronológica, entre o *antes* e o *depois*?

4 – É capaz de nos confidenciar três sentimentos que nutre pela rua, enquanto lugar? E três características da rua com as quais se identifica? (Esta questão alude aos pontos que serão essenciais para o posterior desenvolvimento das Cartografias dos Sentimentos da Rua das Flores).

Entrevistador:

Entrevistado:

Local da entrevista:

Data e hora da realização da entrevista:

Duração da entrevista:

Dados sociodemográficos do entrevistado
Género:
Idade:
Habilitações literárias:
Profissão:
Local de nascimento:
Local de residência:

Entrevista – Técnica Superior

A presente entrevista insere-se no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tendo como tema central a Reabilitação Urbana na Rua das Flores, o presente estudo visa explorar e analisar em profundidade as questões em torno da mudança social, das vivências e apropriações dos públicos que partilham a mesma *cena*, neste mesmo espaço – a rua.

Agradecemos, desde já, a disponibilidade e interesse na colaboração.

Prometemos ser breves e, sobretudo, bons ouvintes de memórias singulares.

Obrigado!

1 – Nos últimos anos temos assistido a um fenómeno muito vasto de reabilitação e revitalização urbana na cidade do Porto, sobretudo no Centro Histórico e na Baixa.

Considerando a sua vivência e experiência na cidade, como percebe este fenómeno?

2 – E quais considera ser as principais potencialidades deste processo?

3 – E relativamente à Rua das Flores? Em termos *a priori* e *a posteriori* das obras de requalificação urbana, quais são as mudanças mais passíveis de serem observadas e sentidas pela população da rua durante o quotidiano?

4 – Considera que a reabilitação urbana despoletou mudanças e efeitos sociais na rua?

(Se sim, quais?)

5 – Por ultimo: assistimos a uma “urgência” de reabilitação, de constante melhoria das condições de vida, de habitação, do espaço público no centro da cidade e de dinâmicas culturais/lazer. Ainda existem alguns pontos a serem melhorados? Na sua opinião quais são as principais necessidades urbanas que o Porto, e em especial, a Rua das Flores, se debatem neste momento?

Dados sociodemográficos do entrevistado
Género:
Idade:
Habilitações literárias:
Profissão:
Local de nascimento:
Local de residência:

Anexo N°3

Guião de Entrevistas Semidiretivas

Museu da Misericórdia – Museu das Marionetas

Entrevista

Museu da Misericórdia – Museu das Marionetas

“A beleza do Porto é óbvia. É uma cidade que, de certa forma, é excêntrica.”

Rem Koolhaas, Arquiteto da Casa da Música

A presente entrevista narrativa insere-se no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tendo como tema central a Reabilitação Urbana na Rua das Flores, o presente estudo visa explorar e analisar em profundidade as questões em torno da mudança social, das vivências e apropriações dos públicos que partilham a mesma *cena*, neste mesmo espaço – a rua.

Agradecemos, desde já, a disponibilidade e interesse na colaboração

Prometemos ser breves e, sobretudo, bons ouvintes de memórias singulares.

Obrigado!

<p>1 – Nos últimos anos temos assistido a um fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores que envolve múltiplas dimensões. Poderá falar dos principais impactos que envolvem tal processo?</p>
--

<p>2- Relativamente à presença de espaços culturais na Rua das Flores, como é o caso do Museu das Marionetas/ Museu da Misericórdia, como é que atualmente se desenrola o seu o quotidiano e as suas dinâmicas vivenciais? E quais são os principais públicos?</p>

<p>3 – E como é que encara os efeitos ligados à turistificação e atração de novos habitantes e públicos (gentrificação) no desenvolvimento e expansão do museu?</p>
--

4 – Por último, quais são as principais características da Rua das Flores que a tornam como artéria urbana favorável à implementação de instituições e políticas culturais diversas?

Entrevistador:

Entrevistado:

Local da entrevista:

Data e hora da realização da entrevista:

Duração da entrevista:

Dados sociodemográficos do entrevistado
Género:
Idade:
Habilitações literárias:
Profissão:

Anexo Nº4
Guião de Entrevistas
Semidiretivas

Porto Lazer, OPIUM e APPRUP

Entrevista

Empresas Municipais – Entidades Privadas

A presente entrevista narrativa insere-se no âmbito de uma dissertação do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tendo como tema central a Reabilitação Urbana na Rua das Flores, o presente estudo visa explorar e analisar em profundidade as questões em torno da mudança social, das vivências e apropriações dos públicos que partilham a mesma cena, neste mesmo espaço – a rua.

Agradecemos, desde já, a disponibilidade e interesse na colaboração.

Prometemos ser breves e, sobretudo, bons ouvintes de memórias singulares. Obrigado!

1 – Nos últimos anos temos assistido a um fenómeno muito vasto de reabilitação e revitalização urbana na cidade do Porto, sobretudo no Centro Histórico e na Baixa.

Considerando o seu conhecimento e experiência em torno do tema e da própria cidade, poderá falar um pouco sobre este fenómeno?

2 – E quais são as principais potencialidades deste processo? E as mudanças mais passíveis de serem observadas no âmbito arquitetónico, social e cultural da cidade?

3 – Como parte integrante da presente entidade seria possível falar um pouco sobre o seu foco de trabalho? E qual é o seu papel (e da entidade) na gestão e desenvolvimento do Centro Histórico do Porto e, em particular, na Rua das Flores?

3 – Por ultimo: assistimos a uma “urgência” de reabilitação, de constante melhoria das condições de vida, de habitação, do espaço público no centro da cidade e de dinâmicas culturais/lazer. Ainda existem alguns pontos a serem melhorados? Quais são as principais necessidades urbanas que o Porto, e em especial o centro histórico, se debatem neste momento?

Dados sociodemográficos do entrevistado
Género:
Idade:
Habilitações literárias:
Profissão:

Anexo Nº5

Grelhas de Análise de Conteúdo

Observatório de Imprensa

Análise de Conteúdo das Notícias – Etapa “a priori”.

I

Título: A reabilitação urbana no Porto merecia um programa do QREN		
Fonte: Jornal Público – 19 de maio de 2008		
Categorias Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>A abordagem elenca e apresenta as fases mais proeminentes do processo de reabilitação urbana que urge no cerne da cidade do Porto e a pertinência dos programas de financiamento, de forma contínua e integrada que possibilitem o apoio à recuperação do centro histórico portuense.</p> <p>À luz do testemunho do membro da SRU, a visão sobre a reabilitação urbana, a Rua das Flores e as zonas de intervenção urbana prioritárias, alude que as necessidades patentes nas mesmas apelam a uma mais profunda incidência dos apoios estatais e europeus. Debate-se que as responsabilidades civis sobre as intervenções urbanísticas não pertencem somente a uma entidade, sendo esta uma responsabilidade mútua e partilhada.</p>	<p><i>“Não temos nada contra o facto de o Governo investir em Lisboa. O que achamos é que é de elementar justiça que também aposte na reabilitação urbana das cidades históricas que sofreram o impacto do congelamento das rendas por causa da famosa legislação de Salazar. Cidades como o Porto, Lisboa e Coimbra têm o edificado no centro histórico em decadência, porque os proprietários não podiam aumentar as rendas e, a dada altura, deixaram de fazer obras”.</i></p> <p><i>“Eu penso que, como propusemos, a reabilitação urbana do Porto merecia um programa integrado próprio. Podia não ser com aqueles 800 milhões de investimento público de que falei há pouco, podia ser faseado. Mas penso que em cidades como Lisboa, Porto e Coimbra, onde existem sociedades de reabilitação com estrutura própria, uma capacidade de programação própria e capacidade de lançar parcerias, se justificava fazer um programa integrado para cada uma delas.”</i></p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intervenções ▪ Necessidades ▪ Prioridades 	<p>Existe a necessidade de instituição de intensidade nos programas interventivos no coração da cidade do Porto, sobretudo no que concerne à reabilitação das infraestruturas e do edificado mais decadente, possibilitando assim a sua ocupação e habitação.</p> <p>Aborda-se a priorização de políticas sociais estatais que acompanhem e apoiem as famílias de arrendatários face às pressões financeiras oriundas do mercado imobiliário.</p>	<p><i>“Há moradores e pequenos proprietários que se dizem fortemente pressionados a vender os prédios aos grandes promotores imobiliários. Isso pode acontecer. Mas ninguém vende um prédio à força, só vende se quiser. O facto de haver pressões resulta em parte da dinâmica que se criou. Criou-se uma dinâmica de reabilitação urbana que está a motivar investidores, promotores e proprietário, e isso é positivo porque valoriza o património que está ali.”</i></p> <p><i>“O que nós precisamos é que os centros das cidades voltem a ter vida: que os edifícios sejam reabilitados ou sejam ocupados por pessoas. (...)”</i></p>

<p>O busfils conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> Noções-Chave 	<p>Reabilitação Urbana – QREN – Apoios estatais – Financiamentos públicos</p> <p>Procura-se estreitar as ligações entre as diversas entidades responsáveis pelos processos de reabilitação urbana em Portugal, tendo em conta o profundo valor patrimonial que os centros históricos detêm. A par dos sistemas de financiamento pretende-se dar resposta às consequentes lacunas no âmbito das políticas sociais e comunitárias, prestando apoio às populações afectadas pelas mudanças urbanísticas.</p>	<p><i>“O Governo optou por fazer programas nacionais ou regionais e depois concursos em que vários municípios concorrem uns com os outros (...)</i> <i>Como é que se garante que, após a reabilitação, os inquilinos poderão regressar com uma renda compatível com a sua condição socioeconómica?”</i></p>

II

Título: Artistas imaginam a Rua das Flores sem carros		
Fonte: Jornal JornalismoPortoNet – 16 Fevereiro 2009		
Categories Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> Visões Percepções 	<p>A Rua das Flores e as mudanças urbanísticas são percebidas através de um olhar – e projeto – cultural e artístico promovido por um grupo de alunos do porto. Compreendendo que a Rua das Flores é uma artéria central na cidade do porto emerge a urgência de a tornar pedonal e viabilizar um processo de recuperação.</p> <p>Neste caso, os artistas da cidade propõem um plano cultural à SRU e à Porto Lazer que possibilite uma simulação da situação pedonal na rua. Contextualizando este projeto numa fase anterior ao início das obras, os alunos apresentaram uma iniciativa visionária e potencializadora da artéria urbana de excelência, sendo que posteriormente a mesma se viria a concretizar.</p>	<p><i>“A equipa acredita que, através da arte e de contributos pessoais, é possível tornar um espaço mais dinâmico e cosmopolita. Para tal, propõe-se a “fazer da Rua das Flores uma rua vivida e não apenas um local de passagem”</i></p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> Intervenções Necessidades 	<p>O projeto viabiliza estreitar a relação da própria rua com os públicos que nela habitam, se estabelecem e deambulam. Há a necessidade de promover as potencialidades culturais</p>	<p><i>“Conciliar as potencialidades culturais da comunidade das Flores com a possibilidade de a rua fechar ao trânsito é, então, a principal finalidade da intervenção. “Pretendemos simular essa situação de rua pedonal e perceber de que forma é importante haver esse tipo de condições na</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prioridades 	<p>da comunidade de rua, priorizando-se o formato pedonal da rua.</p>	<p><i>cidade, em que uma rua se torna um espaço cultural de intervenções, onde as pessoas despreocupadamente circulam.”</i></p>
<p>O busílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Recuperação Rua das Flores – Intervenção Artística – Simulação Pedonal</p> <p>O projeto evidenciou a tentativa de proporcionar à Rua das Flores uma simulação que permitisse perceber as suas potencialidades no melhoramento e aproveitamento da artéria histórica urbana. A rua é percebida como um “investimento” cultural e artístico emblemático, mobilizando os recursos artísticos e culturais, bem como estabelecendo abertura a comunidades exteriores ao próprio local.</p>	<p><i>“(…) o convite vai além-fronteiras, de forma a permitir que até artistas estrangeiros possam espelhar “a sua cultura na comunidade das Flores”.</i></p>

III

<p>Título: A Reabilitação na Baixa do Porto: Não se está a pensar em toda a gente</p>		
<p>Fonte: Jornal JornalismoPortoNet – 24 de Julho de 2009</p>		
<p>Categorias Analíticas</p>	<p>Síntese</p>	<p>Excertos</p>
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>O testemunho do arquitecto Pedro Balonas através da imprensa escrita levanta algumas controvérsias latentes do processo de reabilitação na baixa portuense. A reabilitação urbana levada a cabo até então é percebida como uma etapa experimental, com margem para erros, sendo necessário agir de uma forma mais heterogénea e diversificada, tendo em consideração os distintos contextos e públicos que fazem parte e constituem uma cidade. Encontra-se patente uma visão mais generalista e mais global do fenómeno, não se resumindo somente à revitalização estrutural e do edificado. A visão sobre esta problemática e acção colectiva deve ser partilhada de forma pluridisciplinar.</p>	<p><i>“Uma cidade não pode ser formada apenas por estudantes. Precisa de “trabalhadores, moradores, famílias com cão e gato e crianças com triciclo”</i></p> <p><i>“A reabilitação do edificado é um trabalho interdisciplinar que mexe com a percepção de mecanismos sociais e com questões económicas”, saliente.”.</i></p>

<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intervenções ▪ Necessidades ▪ Prioridades 	<p>As intervenções operacionalizadas em determinadas áreas do centro histórico e da Baixa da cidade do Porto são percepcionadas como necessárias, mas insuficientes. Encara-se como relevante a melhoria de determinados aspectos, como a diversão nocturna, o cariz de lazer e ócio urbano sendo que, em contrapartida, defende-se que tais actividades devem ser conjugadas com a presença de infraestruturas e dinâmicas que permitam e favoreçam condições de vida dignas às pessoas.</p>	<p><i>“(…) é importante realçar que não será apenas graças a actividades “trendy e fashion” que a cidade ficará habitada.”</i></p> <p><i>“Por isso, a grande lacuna do Porto é a ausência de infra-estruturas como “creches, escolas, jardins”, autênticos “centros de proximidade” que afirmem uma cidade como espaço urbano, realmente dotado de serviços.”</i></p>
<p>O busílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Reabilitação – Infraestruturas – Trendy – Tradições</p> <p>Confronta-se a emergência de tendências atuais “trendy” com a essência da habitação e tradição urbana portuense. Defende-se um equilíbrio de partes: respeito pelas características natas da cidade e adaptação de determinadas características ao tempo presente, não tornando o Porto numa moda, nem deixando o mesmo estagnado nas marcas do passado.</p>	<p><i>“Deve haver transformações para todos os gostos, mantendo algumas características dos edifícios que estão melhor conservados porque a sua construção é única e já não se repete”, concorda Carlos Prata. O “respeito pela imagem da cidade” também é a prioridade nos projectos de Balonas, ao espelhar a “marca do tempo” e a “época da intervenção”.</i></p> <p><i>“Falta investir num documento que estude as necessidades de infra-estruturas para realmente fixar os residentes. Como podemos construir se nós, portuenses, não temos um projecto para a cidade?”</i></p>

Análise de Conteúdo das Notícias – Etapa “durante”.

I

<p>Título: Rua das Flores “está na moda” mas há entraves à recuperação</p>		
<p>Fonte: Porto 24 – 6 de Março 2013</p>		
<p>Categories Analíticas</p>	<p>Síntese</p>	<p>Excertos</p>
	<p>Durante o processo de reabilitação e revitalização da Rua das Flores percepciona-se e clarifica-se uma questão que despoleta interesse por</p>	<p><i>“A Rua das Flores está a ser alvo de uma procura elevada, quer de espaços para novos negócios, quer de edifícios para reabilitar e colocar no mercado de arrendamento.”</i></p>

<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>parte de diversos agentes sociais: a habitação, o seu valor imobiliário e a sua consequente oferta/procura. O Centro Histórico, a Baixa e, sobretudo, o Eixo Mouzinho Silveira/Flores representam um “segmento de luxo” no que concerne ao mercado imobiliário local.</p>	<p><i>“Se tivéssemos a rua [das Flores] toda reabilitada, provavelmente vender-se-ia num instante porque é uma zona que está na moda”, diz ao P24 Manuel Leite, director da RE/MAX Invicta.</i>”</p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intervenções ▪ Vivências do fenómeno ▪ Potencialidades 	<p>Compreendemos que as intervenções ocorridas até então produziram efeitos (encontram-se ainda a produzir algumas metamorfoses). A requalificação do edificado e a melhoria generalizada das condições de habitação postularam um exponencial aumento do seu valor imobiliário, promovendo a sua procura e inflacionando a sua oferta.</p> <p>Da parte dos habitantes nativos, o efeito revela-se algo negativo uma vez que os mesmos vêem-se quase obrigados a deixar as suas casas, uma vez que não detêm capital económico capaz de fazer face ao acréscimo de renda e despesas. Por outro lado, o mercado imobiliário lucra potencialmente com este fenómeno dado o gritante interesse por parte de compradores mais diversos.</p> <p>A rua, outrora anfitriã mais saudosa da aristocracia e burguesia portuense, reflete actualmente um caso de gentrificação bastante profundo: onde o acesso à habitação é delineado pelas camadas sociais mais elevadas.</p>	<p><i>“Qualquer coisa que apareça na Rua das Flores, tanto para habitação como para negócios, vai rapidamente”, confirma Elói Faria, comercial da ERA Porto Baixa, imobiliária que está a intermediar a venda de 4 prédios e um trespasse na Rua das Flores. Sem poder precisar o número de interessados em lista de espera, o comercial com 2 anos de experiência nesta rua diz que ela é hoje em dia, “sem dívida, uma rua mais desejada”.</i></p> <p><i>“A Rua Mouzinho da Silveira é também muito procurada, afirma Manuel Leite. Com “edifícios que têm comunicação directa com a Rua das Flores”, a Mouzinho da Silveira, que “já está a ser intervencionada, é uma rua mais movimentada e tradicionalmente mais conhecida”, com edifícios maiores.</i></p>
<p>O busfílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>É transmitida uma mensagem onde se facilmente entende, nas entrelinhas, que as metamorfoses oriundas das intervenções são logo passíveis de serem sentidas e vivenciadas logo no decorrer do seu próprio processo. O exemplo mais concreto prende-se com a habitação, sendo uma temática que levanta diversas controvérsias. Discute-se o papel ativo das</p>	<p><i>“A maioria dos prédios é propriedade total e há muitos prédios à venda, mas se os proprietários arrendam as lojas acabam por encravar a venda. Os proprietários querem vender os prédios vazios”, diz o angariador da ERA para a Rua das Flores”</i></p> <p><i>“O que existe mais, no Porto, é procura para imóveis com características dos edifícios do século</i></p>

	agências imobiliárias no processo de compra e venda de imóveis do centro histórico, na inculcação de preços (elevados!) e na tentativa de lucro através das melhorias habitacionais. Atenta-se à sustentabilidade de tal ciclo, uma vez que os proprietários/moradores são cada vez mais colocados no exterior da situação.	<i>XIX – clarabóia, pé direito alto, tectos em gesso trabalhados, escadas em madeira –, para transformar em pequenas unidades de habitação, T1 e T2. E isto estende-se à Rua das Flores.”</i>
--	---	---

II

Título: Mercator, novo projecto de promoção do comércio no Porto, vai ser testado na Rua das Flores		
Fonte: Jornal Público – 20 de Fevereiro de 2014		
Categories Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>Nesta derradeira fase do processo de reabilitação urbana atentamos alguns detalhes que têm merecido lugar de destaque no mediatismo da imprensa escrita: as falhas no piso da rua, aparentemente um desnível que tem causado diversas quedas dos transeuntes. Clarificamos, igualmente, a apresentação do projeto Mercator no seio da comunidade urbana e no dealbar de algumas das transformações que a própria requalificação urbana exigiu. O Mercator é um projeto que atua nos meandros do marketing de proximidade, unindo a capacidade tecnológica, as redes sociais e azáfama urbana através de uma ligação <i>online</i>.</p>	<p><i>“A intervenção nesta última rua está praticamente concluída, mas vai ser ainda preciso resolver uma falha no projecto, no piso da artéria que agora é pedonal mas pouco amiga dos peões, dado o elevado número de quedas reportado”</i></p> <p><i>“E que aproveita muito as novas tecnologias, a conectividade dos smartphones à Internet e as redes sociais, como o Facebook e o Instagram, para fazer aquilo que se designa por marketing de proximidade, direccionado para os transeuntes e turistas instalados em hotéis da envolvente.”</i></p>
Lugar, contexto e relação com a cidade	Evidencia-se uma relação com a cidade e com a Rua das Flores carregada de expectativa. De ansiedade, em torno das reacções dos diversos públicos face às mudanças produzidas neste espaço	<i>“O bom tempo — bem escasso pelo qual todos anseiam — põe os comerciantes na expectativa sobre a reacção dos clientes e, principalmente, dos turistas, ao novo aspecto da rua. Nas Flores ainda há velhas lojas fechadas, tela para a arte</i>

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Intervenções ▪ Vivências do fenómeno ▪ Potencialidades 	<p>de territórios. De palcos e bastidores.</p> <p>Elencam-se alguns exemplos de negócios antigos que se mantêm, anunciam-se novos conceitos ansiosos por se estrear nesta que é uma das artérias urbanas mais afamada na cidade.</p> <p>Relaciona-se o Mercator com a possibilidade de disponibilizar a comunicação e a troca de informação sobre os locais aos turistas através de uma aplicação nos seus dispositivos móveis.</p> <p>As intervenções como potencializadoras ávidas de novos mecanismos de informação, adaptando-se a cidade às atuais necessidades e procuras quotidianas.</p>	<p><i>de rua de Hazel, icónico graffiter desta zona da cidade, mas estas convivem já com alguma renovação visível no tecido empresarial.”</i></p> <p><i>“Num edifício a poucos metros, anunciam-se residências e espaços comerciais. Mais abaixo um hotel, mais acima, já com a estação de São Bento à vista, outro. E Mário Santos, no Buffet Marina, bem precisa de mais gente por ali, que os residentes são poucos e turistas, a principal clientela, só lá mais para o Verão.”</i></p>
<p>O busílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Reabilitação Urbana – Mercator – Comércio – Turismo – Sociedade de Informação</p> <p>Alia-se a espera da renovação da Rua das Flores à apresentação do projeto Mercator: promessa de uma interação mais rápida e eficaz no que concerne à transmissão de informação, publicidade e conhecimento de lugares, eventos e pessoas na Rua das Flores, através de dispositivos móveis e com acesso à Internet.</p> <p>Numa era delineada pelas tecnologias de informação, assistimos a uma aliança estabelecida entre a reabilitação urbana e os meios tecnológicos como forma de promoção e atração de públicos.</p> <p>Há uma constante tentativa de melhoria de serviços e de qualidade no coração da cidade.</p>	<p><i>“Mas a grande diferença é mesmo a forma como coloca a tecnologia ao serviço das lojas, que podem promover concursos e promoções direccionadas, por exemplo”</i></p> <p><i>“O projecto promove a interacção, e a partir da sua página na internet será possível ver também como reagem os passantes, pelas fotografias, pelos comentários, aos novos ares da Rua das Flores.”</i></p>

Análise de Conteúdo das Notícias – Etapa “a posteriori”.

I

Título: O PATRIMÓNIO que perdeu Humanidade – 29 de Março 2016		
Fonte: Jornal de Notícias		
Categorias Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana, o centro histórico e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>Confrontam-se diversas perspectivas públicas acerca do estado actual do centro histórico do Porto, encontrando-se latentes relações de poder e visões distintas em torno do mesmo fenómeno processual. A reabilitação urbana é assim percebida como dual e controversa: acarreta benefícios, mantém desvantagens, de acordo com as figuras e entidades público-estatais referenciadas.</p> <p>Apela-se a um equilíbrio de forças: entidades gestoras, estado e atores e protagonistas da cidade.</p>	<p><i>"a ideia era preservar o edificado, mas também o património humano", duas dimensões que deviam ser "indissociáveis". Isso não aconteceu e hoje estão à vista "os efeitos nefastos".</i></p> <p><i>"Tem de haver um equilíbrio entre o turismo e os residentes e isso tem de ser feito pela entidade gestora"</i></p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Metamorfoses urbanísticas ▪ Impactos ▪ Feedback da intervenção 	<p>Relatam-se que as principais metamorfoses decorrentes da reabilitação urbana se centram na melhoria das condições do edificado. Tais mudanças acarretam impactos ao nível da emergência de novas práticas de lazer e actividades culturais e turísticas múltiplas.</p> <p>Contudo, as intervenções não se definem como estanques: segundo os especialistas ainda há muito mais a fazer pela cidade, pelo Porto. Há o argumento da reabilitação urbana como fenómeno <i>íman</i> de turismo, de fomento de atractividade, de crescimento económico, mas ainda resistem pontos negativos, como o défice de população fixa, a falta de moradores nas habitações reabilitadas.</p>	<p><i>"Para Correia Fernandes, que diz ser contra "uma política de fachadismo", "o balanço geral é talvez 50/50". "Há intervenções boas, mas e questionáveis", diz, concretizando que nas Cardosas o seu reparo é à componente programática. "A praça mantém-se à margem da cidade. E tenho a sensação de que não há gente a viver ali".</i></p> <p><i>"(...) o Porto é a cidade portuguesa "classificada que corre maior risco". A arqueóloga entende que o que se está a passar "não é saudável" e teme que a Invicta passe pelo que passou Barcelona. "Em 1981, havia 28 mil habitantes. Em 2011, eram 9300. Fixaram-se depois alguns, mas a maioria está de passagem".</i></p>
<p>O busfílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Reabilitação Urbana – Turistificação – Edificado – Habitantes – População – Entidades Públicas</p> <p>Neste registo de imprensa escrita são confrontadas visões de diversas entidades públicas envolvidas no processo de reabilitação urbana no coração da cidade do Porto. Através do título "O património que perdeu humanidade" ou do subtítulo "Mais</p>	<p><i>"O aparecimento de novos hotéis é importante para a economia, mas como em tudo na vida deve haver um equilíbrio porque o património não deixa de ser as pessoas e quem vive nos sítios". A afirmação da secretária de Estado da Cultura, Isabel Botelho Leal, proferida em janeiro, no Porto, veio colocar o dedo numa ferida aberta nos últimos cinco anos. É urgente encontrar</i></p>

	alvarás de obras” facilmente compreendemos que o cerne da reabilitação se ancorou na melhoria das estruturas e edificado da cidade, subestimando as questões de índole social. Eis o problema: um porto sem gente não é o Porto. A falta de habitantes fixos é ainda um problema, sendo que a reabilitação urbana – apesar dos benefícios que acarretou – é percebida igualmente como veículo para um estilo de vida urbano de “passagem”.	<i>o equilíbrio de que fala a governante, concordam as fontes ouvidas pelo JN.”</i>
--	--	---

II

Título: O que é que eu encontro na nova Rua das Flores?		
Fonte: Jornal Porto24		
Categorias Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana, o centro histórico e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>O presente registo de imprensa, publicado no exato dia de “inauguração” da renovada Rua das Flores elenca as principais características e lugares que poderíamos encontrar durante um percurso pedonal (imaginário) por esta artéria urbana, assim como nas suas imediações mais próximas. Reflete um carácter descritivo, onde exaustivamente apresenta as mudanças mais fulcrais, as denominações atribuídas, conferindo especial ênfase ao domínio comercial da rua.</p>	<p><i>A Rua das Flores e os largos dos Lóios e de S. Domingos, no centro histórico do Porto, são inaugurados este sábado, depois de terem sido intervencionadas. A partir de segunda-feira, estas artérias serão pedonais. Mas, se se fizer ao caminho, o que é que encontra por lá?</i></p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Metamorfoses urbanísticas ▪ Impactos ▪ <i>Feedback</i> da intervenção 	<p>São abordadas as metamorfoses relativas ao espaço público e ao comércio da Rua das Flores, LSD e Largo dos Lóios. Enfatiza-se a abertura de novos negócios e a permanência daqueles que ainda se mantêm deste outrora, mencionando-se a existência das entidades institucionais na rua. A rua, enquanto lugar da cidade é apresentada, embora de uma forma um tanto quanto subtil e ténue, como local cosmopolita, renovado e sustentado nos novos conceitos comerciais e no efeito <i>vintage</i> dos antigos.</p>	<p><i>“Quem começa a percorrer a Rua das Flores vindo de S. Bento encontra logo no início da rua 2 negócios relativamente novos, ainda antes do cruzamento com a Rua Trindade Coelho: a Chocolataria Equador e a Portuguese Beauty. E algumas lojas do Passeio das Cardosas por estrear.”</i></p> <p><i>“No número 139 da Rua das Flores, um bonito e imponente prédio de azulejos azuis vai dar origem a</i></p>

		<i>comércio e habitação. Foi todo restaurado e aguarda gente.”</i>
<p>O busílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Comércio – Requalificação</p> <p>Apesar de evidenciar pouca matéria a ser objectivada, a presente notícia apresenta o mote para se conhecer a “nova” rua das Flores: enceta um percurso pedonal recaído o seu próprio “olhar” sobre os espaços de consumo e de lazer que merecem mais atenção no momento de viragem após a finalização das obras urbanas. Permite perceber a emergência de novos tipos de comércio, com distintos conceitos e apresentação (incluindo os próprios nomes!) e na continuidade de outros negócios intemporais da rua.</p>	

III

Título: Multiplicação de hotéis no Porto pode pôr em causa Património da Humanidade		
Fonte: Jornal Público – 28/01/2016		
Categorias Analíticas	Síntese	Excertos
<p>O olhar mediático sobre a reabilitação urbana, o centro histórico e as Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Visões ▪ Percepções 	<p>Percepciona-se a progressiva monopolização do espaço das áreas históricas urbanas do Porto através das unidades hoteleiras e dos alojamentos de cariz temporário, questionando-se o equilíbrio entre as partes: habitação para ser ocupada por moradores fixos ou habitação de albergue passageiro e de âmago turístico.</p>	<p><i>“ (...) o número crescente de hotéis no Centro Histórico do Porto, apesar de importante para a economia, pode pôr em causa a classificação como Património da Humanidade.”</i></p> <p><i>“O Porto tem actualmente 30 pedidos de licenciamento para novos hotéis, correspondentes a processos referentes à intenção de executar empreendimentos turísticos que ainda não receberam alvará de construção.”</i></p>
<p>Lugar, contexto e relação com a cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Metamorfoses urbanísticas ▪ Impactos ▪ <i>Feedback</i> da intervenção 	<p><i>A reabilitação urbana da cidade, fenómeno potencializador da melhoria da qualidade do edificado, das infraestruturas e espaços públicos urbanos, emergiu de forma concomitante como estímulo seguro à progressiva turistificação da mesma zona. Apesar de nenhum destes elementos depender, de certo modo, um do outro, encontram-se</i></p>	<p><i>“Estão também em fase de projecto mais dez hotéis, todos com o pedido feito entre 2014 e 2015. A SRU tem assistido a um aumento de pedidos de informação para adquirir edifícios na zona histórica, tanto de portugueses como de estrangeiros, que procuram espaços para lojas, casas de habitação</i></p>

	<p><i>interligados: a reabilitação urbana traduz melhores condições para que o turismo – e os turistas – se ancorem num porto que é o Porto.</i></p> <p><i>Reflete-se sobre os principais impactos urbanísticos: admite-se que o foco de intervenção baseou-se profundamente na preocupação de conferir melhores condições à habitação temporária, em detrimento da habitação permanente, conferindo-se um lugar de destaque ao turismo e seus atores sociais.</i></p>	<p><i>ou edifícios para hotelaria, hostels ou alojamento local.”</i></p> <p><i>“A Rua das Flores é uma das ruas mais desejadas para abrir negócio, mas as ruas da Vitória, Mouzinho da Silveira, Almada ou a Avenida dos Aliados, são outras artérias assinaladas no mapa da cidade e onde as unidades hoteleiras estão a crescer a um ritmo avassalador.”</i></p>
<p>O busílis conceptual</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções-Chave 	<p>Reabilitação Urbana – Património da Humanidade – Hotéis – Turistificação</p> <p>Compreende-se que a reabilitação urbana e o estatuto actual do centro histórico do Porto são percebidos como elementos-chave à inflação do valor patrimonial, económico e cultural da cidade, acarretando impactos positivos no desenvolvimento local da região. Contudo, o presente registo de imprensa remete, igualmente, para a co-existência de ameaças à conservação e valorização dos apanágios que contemplam o Porto como Património da Humanidade.</p>	<p><i>“Não queremos uma ribeira onde haja só hotéis, não tendo pessoas a viver lá porque depois esvazia-se, deixa de ser real”, salientou a governante. O Centro Histórico do Porto foi classificado como Património da Humanidade em 1996, celebrando este ano 20 anos.”</i></p>

ANEXO N°6

Grelhas de Análise Vertical

Entrevistas Semidiretivas – Comerciantes e Técnica Superior

I - Entrevistada A

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>- Uma relação estabelecida, exactamente, desde o ano primordial das obras de requalificação urbana da artéria urbana em questão.</p> <p>- Apreensão e entusiasmo face à mudança proposta. Vivência do fenómeno carregada de ânsia: o interesse para assistir os resultados finais e, simultaneamente, o dia-a-dia limitado pelos constrangimentos gerados pelo momento de reabilitação.</p> <p>- Reconhecimento de um <i>movimento</i>, sendo este pautado pela emergência de novas formas de comércio nos últimos anos. Aposta no dinamismo da rua, através do comércio, mesmo antes das obras de reabilitação</p>	<p><i>“E nós quando optamos para ir para lá, porque era uma artéria principal e de passagem de turistas. Portanto aquilo iria ser interessante.”</i></p> <p><i>“Nós fomos pioneiros nesse novo movimento, não somos proprietários antigos. (...) E é uma rua lindíssima e ... fazia todo o sentido.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>- A entrevistada reconhece-se como pertencente a uma nova “<i>vaga</i>”, no Centro Histórico do Porto. Reconhece que, num momento <i>a posteriori</i> ao processo de reabilitação urbana da rua, esta começou a ser percebida com uma agradabilidade distinta.</p> <p>- Releva que tais impactos positivos não passam indiferentes a quem é da rua e a quem é de fora, sendo</p>	<p><i>“Agora essas coisas de alterar ... e portanto agora o que nós sentimos é que a maior parte e a maior parte dos clientes e dos passantes na rua também começaram a considerar aquilo um sítio aprazível para ir passear, mas isso é um fenómeno completamente diferente. Não era, não era ... E há um ambiente animado.”</i></p>

	que o ambiente animado constitui-se como um dos aspetos mais marcantes.	
A permanência na rua – o comércio: <ul style="list-style-type: none"> • (re) estruturas do quotidiano; • papéis e apropriações; • passado versus presente. 	<p>- A permanência na rua preencheu-se de mudanças: desde o desejo pelo final das obras – e dos constrangimentos de acesso que as envolviam – até á chegada dos turistas. Denota-se a importância do turismo na rua, segundo a entrevistada. Observa que a rua tem assistido a paulatino crescimento, sendo que a sua envolvência, ambiência e segurança são os aspetos onde a mudança é mais passível de ser observada.</p> <p>- No passado a rua era sentida como insegura, algo que afectava directamente os comerciantes e o seu próprio quotidiano. Atualmente verifica-se o oposto: a própria actividade comercial floresce a par da evolução da rua.</p>	<p><i>“Relativamente àquilo que eu sentia é que havia poucas pessoas a passar e aquilo que se sentia no Porto e na Baixa do Porto é que as pessoas tinham muito pouco poder de compra, não é...Aliás, até era um sítio perigoso, eu lembro-me quando fechava a loja à noite, chegamos a ser assaltados, portanto era perigoso.”</i></p> <p><i>“O antes foi esperar que as obras ficassem prontas e que os turistas chegassem. Foi uma altura de sofrimento (risos) e de espera, acreditávamos que poderia vir a ser bom ... Neste momento sim, tem crescido imenso.”</i></p>
Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.	<p>Sob o olhar da entrevistada a rua é caracterizada, sobretudo, segundo a sua beleza e historicidade, despoletando sentimentos de felicidade. Apresenta, não obstante, que algumas contrariedades derivadas de reabilitação apontam para um sentido mais negativo, como as limitações nas cargas e descargas devido ao cariz pedonal da rua.</p>	<p><i>“É uma rua lindíssima, é uma rua que era muito famosa no século XIX, não é? Para mim é uma felicidade ver isto.</i></p> <p><i>É uma rua muito bonita e o Largo de S.Domingos.”</i></p>

II - Entrevistada B

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none">• Eclosão e vivência do fenómeno.	<p>- Observa-se uma relação muito estreita, estabelecida entre a entrevistada e a própria rua, assim como com o próprio fenómeno de reabilitação local. É demonstrado interesse em torno do tema, ou seja, este é vivido com profunda ânsia e atenção por aqueles que quotidianamente assistem às paulatinas mudanças.</p> <p>- A vivência enquanto comerciante alia-se à constante consciencialização dos melhoramentos urbanos locais: desde a pedonalidade da rua aos progressivos investimentos na requalificação. O turismo e historicidade da Rua das Flores são encarados como matrizes da sua capacidade de melhoramento.</p>	<p><i>“Há alguns melhoramentos, muitos e grandes melhoramentos, a rua há três, quatro anos atrás, há quatro anos atrás, quando vim para cá, uma das questões por ser uma zona histórica e turística ... não turística como hoje mas já tinha muitos turistas.”</i></p> <p><i>“ (...) Investidores que pegaram em prédios muito antigos e requalificaram a maior parte deles em hostels ou restaurante e outras lojas, uns melhoramentos então (imperceptível) pessoas do Porto para virem para a Rua das Flores e estrangeiros.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none">• A relevância do impactos.	<p>- É apresentada uma visão optimista em torno das metamorfoses do tecido urbano e social da Rua das Flores: as mudanças são encaradas como positivas; fonte contributiva para o franco melhoramento da rua em termos estruturais, culturais e de acesso.</p> <p>- Como impactos negativos – reverso natural deste tipo de fenómeno pluridimensional – atenta-se à referência dos exponenciais aumentos dos valores imobiliários e dos arrendamentos na rua e aumento da criminalidade/insegurança devido a ser uma zona mais “apetecível” e frequentada por públicos oriundos de distintas camadas sociais.</p>	<p><i>“Em relação à rua? Eu sou muito optimista.”</i></p> <p><i>“(…) está melhor, tem mais visitantes e realmente quem se quiser instalar hoje na Rua das Flores não é muito fácil, realmente do o preço do metro quadrado aumentou exponencialmente.”</i></p> <p><i>“Sim, com isso também apareceu mais pedintes, pessoas que, mais roubos, as pessoas queixam-se mais, nós aqui também, todos os dias aparece-me gente a pedir ou então ouve-se falar de roubos sobretudo aos turistas não é? É uma zona mais apetecível.”</i></p>

<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (re) estruturas do quotidiano; • papéis e apropriações; • passado <i>versus</i> presente. 	<p>- O quotidiano e o presente foram, sobretudo, reestruturados pela índole turística, fortemente densificada na rua. A entrevistada atribui uma profunda ênfase a esta dimensão, sendo que o desenrolar da sua actividade profissional, apropriações diárias e estruturas, são orientadas tendo em linha de conta o segmento de públicos ligado ao turismo.</p> <p>- A comercialização de produtos e a organização de eventos e iniciativas, após as obras de requalificação adoptaram um cariz mais sazonal, adaptadas ao turismo.</p> <p>Há uma paulatina substituição de públicos no que concerne a determinados segmentos do comércio: uma procura mais ecléctica e internacional, ao invés do até então maioritário consumo da população local.</p>	<p><i>“Foi no âmbito turístico, eu no início tinha alguns turistas mas eram sobretudo os clientes eram sobretudo portugueses tanto a nível de workshops, tanto ao nível da venda de produtos. Neste momento direi a altura do ano em que temos mais no final de Novembro e Dezembro não, temos muitos portugueses mas no verão acho que podemos mesmo dizer que a nossa maior clientela é estrangeira, coisa que não era antigamente.”</i></p> <p><i>“(…) Mas cresceu imenso a fatia de público estrangeiro relativamente ao português e melhoramos a oferta também para eles como é evidente.”</i></p>
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>A beleza, tradição e historicidade da presente artéria urbana constituem-se como pontos simbólicos afectivos primordiais. Há uma intensa associação entre a rua, o rio, a Ribeira e os Aliados, o coração do Porto. A relevância das casas e das histórias contadas <i>versus</i> passadas, assume um papel preponderante na memória descritiva da entrevistada.</p>	<p><i>“Uma rua com muita tradição, uma rua com história e na zona em que fica não é? No coração dos Aliados, a Ribeira, o rio não é? O caminho pelo rio, a zona envolvente que conta histórias, tem as casas aqui nos edifícios. Tem imensa história das pessoas que viveram aqui na rua, são histórias que são contadas, que são passadas, não é?”</i></p>

III - Entrevistada C

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>- Há uma relação de forte associação entre a reabilitação urbana e o fluxo de clientes, referenciando o aumento exponencial destes últimos na rua, no momento a posteriori às obras de requalificação.</p> <p>- Não atribuí desenvolvimento a esta questão uma vez que considera que as mudanças ocorridas foram mínimas, sendo que as mesmas não favoreceram o tipo de comércio tradicional implantado na rua há décadas.</p>	<p><i>“Se for com clientes a rua em si, esta rua em si tem muita gente. Nem tem comparação. Tem MUITA gente ... na rua.”</i></p> <p><i>“Neste tipo de comércio mais tradicional há uns anos atrás não houve grandes alterações, não, não ... Muito mínimo, muito mínimo.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>As principais mudanças pautam-se pela melhoria dos acessos, da segurança e da animação da rua. É referida a questão da insegurança na rua, no momento anterior à requalificação. Os impactos enaltecem a rua: a sua beleza e o seu estatuto urbano.</p> <p>Uma consequência negativa das metamorfoses urbanísticas na rua passa pela falta de estacionamento, fator que, segundo a entrevistada não favorece o comércio, sobretudo o de índole tradicional.</p>	<p><i>“O antes era muito pobre, muito escura, não tinha assim tanto sol, não tinha ... também o tipo de comércio não ajudou muito, não havendo estacionamento. Não havendo estacionamento não ajudou muito.”</i></p> <p><i>“Tenho outro género de clientes que não tinha. Agora a rua está muito mais bonita, está mais alegre.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>É descrita uma mudança drástica entre um passado recente e um presente distinto: metamorfoses de adaptação a uma nova vaga de clientes no comércio tradicional, sendo que a reabilitação habitacional é encarada como o mecanismo de atração de novos públicos.</p>	<p><i>“Agora a rua está muito mais bonita, está mais alegre ... E depois há estes que às vezes vêm para a rua , estes músicos, animadores de rua ...Antes não havia porque também havia trânsito, havia tráfego.”</i></p>

		<i>“E a agora também estão a reabilitar estas casas, o que também ajuda a chamar outro género de pessoas a esta rua. Porque esta rua não tem nada a ver com aquilo que era. Em termos de movimento: NADA! Foi de 180, senão de 360 (graus).”</i>
Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.	A adoração e o saudosismo são os simbolismos afectivos mais manifestos no discurso da entrevistada, associando a sua duradoura permanência na rua às ligações afetivas que se vão estreitando com os clientes. Compreende-se uma certa nostalgia entre o passado e o presente da rua, embora reconhecendo-se as melhorias que as mudanças acarretaram.	<i>“Eu adoro esta rua, adoro. Já faz parte de mim, adoro, adoro. Claro que se calhar gostava do antes – não quer dizer que eu não goste do agora. Mas agora também gosto. Mas adoro esta rua. Um dia que vá embora fico com saudades, claro. E adoro as pessoas, eu adoro as pessoas daqui também. A pessoa vai ...além de clientes, a gente vai ficando amiga ... cria uma ligação com o próprio cliente, com pessoas que moram aqui – as poucas – que ainda vão morando. Há aquele sentimento que a gente gosta das pessoas ...”</i>

IV – Entrevistado D

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
Relação com a reabilitação na rua: <ul style="list-style-type: none"> Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>Há uma relação duradoura com a rua, uma relação de quase quatro décadas. Reconhecimento do trabalho do município na artéria urbana, assim como dos melhoramentos como mecanismos de rejuvenescimento urbano.</p> <p>Atenta-se à progressiva mudança de públicos, à emergência de uma diversidade e eclectismo distintos, sendo o turismo o factor-chave das transformações mais</p>	<i>“Estamos aqui há 35 anos ... Depende, depende. O município também investiu bastante em melhorar a rua, porque a rua era toda em paralelo ... agora é uma rua pedonal. Mas a nível do impacto do turista para nós – livreiros – não teve grandes impactos, acho que pelo contrário, tivemos alguns clientes que frequentavam a rua ...”</i>

	manifestas no âmago do segmento do comércio do presente entrevistado.	<i>“Mas a nível do turismo, às vezes chegamos aí a ter 50 e tal por dia ... Também tenho clientes esporádicos, que entram aqui e acabam por levar um livro.”</i>
O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:	Considera que os efeitos da reabilitação urbana são, maioritariamente, benéficos, ao invés de negativos, tendo a rua auferido outra jovialidade e reconhecimento. Contudo, o facto de determinados clientes usuais até então terem deixado de frequentar a rua é apontado como reverso menos positivo. A falta de estacionamento e os acessos pedonais dificultam a chegada da maior fatia de clientes “fiéis”.	<i>“Eu acho que foram mais positivos que negativos, a Rua das Flores era quase uma rua assombrada, abandonada ... e agora é uma rua que está com outra vida, que está com outra cor, não é?”</i>
A permanência na rua – o comércio:	O turismo é apontado como principal fonte de recomposição e adaptação social dos públicos comerciantes. Ocorre ainda uma mudança de paradigma no que concerne às metodologias operacionalizadas no estabelecimento, há uma constante adaptação devido á chegada de novos públicos, sincronizados em fluxos abundantes. Em detrimento da população local que tem vindo, paulatinamente, a desaparecer da rua – há uma ausência manifesta de agentes e atores sociais que anteriormente determinavam e atuavam no tecido social local.	<i>“Mudou bastante. Eu acho que há mais alegria, não é? Tem outra vida na rua ... era uma rua um bocado cinzenta, agora já tem outra vida. E aqui dentro também. A nossa metodologia teve que mudar por causa destas entradas, muitas entradas de clientes, clientes turistas, clientes que vêm conhecer a rua, entram cá dentro e aproveitam por perguntar por livros ... Tivemos que nos adaptar. Agora só se vê turistas, não se vê pessoas com 80 e tal anos que já conhecíamos há muito tempo, agora só se vê turistas.”</i>
Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.	A simbolização afectiva do entrevistado é pautada por sentimentos associados à ternura, à alegria e à apreensão. Considera ainda que os principais apanágios caracterizadores da rua passam pela sua tendência de modernidade, a sua diversão e o movimento local. Realça ainda a ligação terna entre comerciantes e (antigos) moradores, sendo que tem vindo a ser substituída pela empatia para com os turistas.	<i>“Aqui nesta zona há mais alegria ... de ternura pelo turista, não temos aquela senhora aqui no prédio que era conhecida ou da rua, mas começamos a ter simpatia pelos turistas. Mas ao mesmo tempo um bocadinho de apreensão, eu não sei o que isto será daqui a 20 anos, não é? Vive o agora mas mais para a frente ... Portanto, alegria, ternura, mas também apreensão. Moderna ... uma rua moderna ... ahh, muito movimentada, portanto,</i>

muita afluência e divertida ... há sempre alguém a tocar uma flauta ou um violino. Há sempre animação de rua, exactamente.”

V – Entrevistada E

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>Há uma relação de surpresa e de conforto face à nova imagem que a rua emana. A entrevistada admite que, inicialmente, o processo de intervenção relativo à revitalização urbana na Rua das Flores lhe suscitava uma imensa dose de apreensão. Contudo, admite, que vivencia exactamente o reverso do fenómeno, assistindo à progressiva potencialização da artéria urbana que desde sempre possuiu um valor inigualável no coração da cidade do Porto.</p>	<p><i>“Ah para mim foi uma surpresa quando, quando surgiram as obras nós estávamos muito apreensivos para avançarem com algum resultado porque achávamos que os clientes que vinham de espaços diferentes pudessem deixar de visitar a rua e o que aconteceu foi muito bom.”</i></p> <p><i>“Foi o inverso, exatamente, exatamente – demos a mão à palmatória, a rua tem vindo também a ser revitalizada em termos de hotelaria, o que proporciona uma circulação melhor de potenciais clientes tanto turistas, como como nacionais.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>Há êxtase no olhar da entrevista quando abordamos os impactos: as metamorfoses ocorridas na rua são lembradas e experienciadas de uma forma muito positiva, confidenciando-nos que este sentimento de alegria e orgulho é transversal aos residentes mais próximos, às gentes da rua.</p>	<p><i>“Em termos sociais ah ... eu acho que toda a gente sente que é positiva esta mudança, os moradores, os residentes próximos daqui sentem-se muito orgulhosos de - por finalmente esta zona ser ... porque era considerada uma rua perigosa e com pouca gente, um sítio escuro e as pessoas geral saem à noite também gostam de ver o movimento. Isto em relação aos aos</i></p>

		<p><i>visitantes ah ah ... aparecem pessoas que, que são a representação de diversos tipos de artes, artes de rua que também dominam bastante, uns mais silenciosos do que outros. (Risos)”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>A permanência na rua no momento após o processo de reabilitação urbana da mesma faz-se de paulatinas mudanças. Atentamos às reestruturas no âmbito da logística e organização da actividade económica – comércio, desde alterações de horário até à concepção de novos produtos, no contexto de emergência de novos públicos na rua. Evoca igualmente o ideal associado à inovação, combinando esta faceta de empreendedorismo do comércio com o tradicionalismo desde sempre presente nos conceitos, nos lugares, nos produtos.</p> <p>A entrevistada atenta à importância das redes sociais em contexto de mudança urbana e social, admitindo que as mesmas são um motor nos encontros e reencontros, permitindo criar laços mais duradouros e, simultaneamente, mais dispersos, proporcionando um contacto mais denso e permanente entre o comerciante e os clientes (sobretudo estrangeiros).</p>	<p><i>“Eu tive que alargar o meu horário de atender ao público, eu acho que os comerciantes tem que se adaptar à evolução da sociedade e ... e o tipo de comércio em que se inserem abria durante a semana e sábado de manhã e fechava à hora do almoço, eu agora estou aberta das dez às sete, ou oito, ou até haver clientes.”</i></p> <p><i>“Sim, sim o que implica uma reestruturação ao nível de adaptação até do produto ao cliente porque o meu conceito de loja iniciou basicamente como artesanato ah, mas o artesanato na perspectiva da decoração não ao artesanato que compra uma saquinha de recordação não ... isso permite-me divulgar a pessoas muito diferentes e artigos muito diferentes, daquilo que era a imagem de Portugal.”</i></p> <p><i>“É! Sinto-me uma privilegiada nos tempos que correm e no país em que vivemos por fazer aquilo que gosto, por empregar pessoas ah ah é é uma alegria vir trabalhar, o contacto com os clientes não é um contacto só de venda ah ficamos - há sempre uma interação.”</i></p>
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>Assiste-se a uma profunda emoção por parte da entrevista na envolvência do seu discurso no âmbito mais afectivo e descritivo da rua. A simbolização é sinalizada através de sentimentos intensos e vibrantes,</p>	<p><i>“Ah ... o aconchego ... acho que há muita ... cor, é ligada à alegria, era uma rua cinzenta e tornou-se numa rua colorida.”</i></p>

fortemente associados a uma relação de aconchego entre a entrevistada e a rua. A historicidade e o cariz hospitaleiro profundamente enraizados no quotidiano da rua são os aspetos que mais se demarcam na memória descritiva da entrevistada.

“História ... o facto de ser muito central ah ... de ser acolhedora ... com muitas esplanadas.”

VI – Entrevistado F

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclósão e vivência do fenómeno. 	<p>O entrevistado apresenta uma visão bastante crítica face à reabilitação urbana no Porto e, em concreto, na Rua das Flores, não a considerando como um “fenómeno”. A relação estabelecida com a eclósão e respectiva vivência do acontecimento é pautada por alguma revolta relativamente aos efeitos e teor das mudanças que a envolvem, argumentando – com bastante fervor reivindicativo – que o facto de metade das lojas da rua se encontrarem encerradas reflecte a inexistência de um verdadeiro fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores.</p>	<p><i>“Ah ... como é que eu hei-de explicar este ... esta situação já está desde – já faz dezasseis anos --- portanto e não está pronto. Eu quando vim trabalhar para aqui, há trinta e quatro anos atrás, só havia duas lojas fechadas, hoje temos mais de metade das lojas da rua fechadas - se chamam a isso uma requalificação urbana... não sei.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>Atenta-se a um conhecimento das mudanças do tecido urbano e social bastante atento, quotidiano. O entrevistado critica a ação e o papel da requalificação urbana na Rua das Flores, na medida em que esta contribuiu profundamente para a paulatina descaracterização da cidade e para o progressivo</p>	<p><i>“A requalificação urbana que está a ser feita não tem em conta a população – está a descaracterizar a cidade, as pessoas estão a ser expulsas daqui ... nós não temos praticamente agora clientes que habitam dentro da cidade e no centro histórico – o centro histórico são cerca de vinte e oito ruas, não é? Ah e temos muito pouca gente. Nós temos aqui no quarteirão entre a Rua dos Caldeireiros e a Rua Trindade Coelho mora uma</i></p>

	<p>desaparecimento de população local, em detrimento de públicos “passageiros”, fugazes.</p> <p>Aponta como um dos apanágios mais negativos deste processo o gritante abandono de moradores locais da rua e o desaparecimento das redes de vizinhança que tão bem caracterizavam o coração da Invicta.</p> <p>Acrescenta que o turismo deveria ser um valor acrescentado para cidade, não desempenhando um papel tão decisivo na capacidade de sustentabilidade urbana, cultural e social – a escolha do Porto como local turístico parte exactamente da sua característica maior: o barrismo, o acolhimento e hospitalidade das gentes da cidade, sendo que isso não assiste em mais nenhuma cidade.</p>	<p><i>“pessoa ... aqui entre a Rua da Ponte Nova e a Rua do Ferraz até ao lado de S. Domingos neste momento devem morar seis pessoas.”</i></p> <p><i>“Foi um fenómeno muito grande que aconteceu... digamos, os filhos das pessoas que moraram aqui no centro da cidade saíram para procurar casa e agora estão... estamos a tentar voltar mas agora estamos muito mais virados para o turista, mas o turista não - o turista devia ser o valor acrescentado portanto.”</i></p> <p><i>“Então, em ver a roupa estendida nas ruas eles acham um piadão, não é? E a nossa maneira de ser que se for preciso pegamos no turista e vamos leva-lo onde ele quer, coisas que só acontecem aqui no Porto e em mais lado nenhum. Quer dizer sente-se bairrismo ao tirar as pessoas daqui. Pronto, por isso é que eu acho que o turismo devia ser uma mais-valia e as pessoas continuarem cá a viver.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>A permanência na rua, entre o passado e presente, é moldado através de graduais mudanças. No que concerne a actividade do comércio, o entrevistado admite que teve a necessidade de alargar o horário de funcionamento do estabelecimento, sobretudo aos sábados, devido ao aumento do fluxo de públicos.</p> <p>Admite que a progressiva emergência de esplanadas e espaços de restauração/fruição colocam o papel do comércio tradicional da Rua das Flores numa opção secundária. Por sua vez, permanecem algumas lacunas no coração do Centro Histórico: a ausência de paragens de autocarro em locais estratégicos, bem como a inexistência de parques infantis nesta zona histórica</p>	<p><i>“Sim, Sim, Sim. O fim-de-semana, por exemplo, nós a um sábado ah fechávamos ah à uma hora e não se via ninguém na rua não é? E agora digamos que a rua das flores digamos que é um passeio, digamos assim ou uma passagem entre a cota alta e a cota baixa da cidade e isso é um ponto (imperceptível). Se bem que isso é um problema, isso é um problema muito grande aqui com alguns comerciantes, com outros comerciantes que não da restauração que é as esplanadas, as esplanadas ali no principio da da praça.”</i></p> <p><i>Mas pronto - se queremos turismo nós não damos condições para o turismo quem quem quem idealizou</i></p>

	urbana, infraestruturas capazes de responder às (ainda existentes) necessidades presentes no centro histórica e nos territórios contíguos à Rua das Flores.	<i>isto não não percebeu. Porquê? Porque nós não temos aqui, por exemplo, junto à Torre dos Clérigos devia ser um sítio onde param os autocarros, não temos um sítio para parar os autocarros! Ah aqui o largo dos Lóios podia se ter feito essa situação podia se ter feito ali digamos uma coisa mais engraçada --- como abriu aquilo no porto de leixões, não é?</i>
Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.	Relativamente à memória descritiva da rua, o bairrismo e a familiaridade são as características mais naturalmente associadas à vivência e permanência na artéria urbana das Flores. No que concerne à simbolização afetiva esta é profundamente pautada por um sentimento de saudosismo generalizado, face aos vizinhos, ao passado, às pessoas, ao comércio.	<i>“Sei lá eu acho que é o bairrismo, as pessoas conhecem-se todas, nós ao fim e ao cabo estamos aqui sei lá de segunda a sábado, nós vemo-nos todos os dias - toda a gente se conhece toda a gente se cumprimenta ah há pessoas aqui por exemplo que se nós não as virmos perguntamos, isso acho que é uma família ao fim e ao cabo acho que é uma família.”</i>

VII – Entrevistado G

Categories Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
Relação com a reabilitação na rua: <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>O entrevistado apresenta uma visão profundamente negativa face à reabilitação urbana da rua, a sua eclosão, percepção e vivência do próprio momento, enquanto fenómeno. Elenca, avidamente, todos os detalhes que, segundo ele, são elementos destrutturados pela revitalização da rua, atribuindo especial ênfase às</p>	<p><i>“Olhe isso é uma uma grande vergonha! A rua estava de facto mal mas ficou pior, porque sendo o exemplo nesta cidade da primeira rua - que é Rua de Santa Catarina - podiam ter feito outra coisa. Não digo também que tivessem feito a asneira que fizeram na Cedofeita mas podiam ter feito outra coisa. A rua está toda igual e tinha aí dois pequenos lances, uns quatro centímetros que depois esbateram.”</i></p>

	<p>questões ligadas às infraestruturas urbanísticas e aos aspectos do espaço público.</p> <p>Espelha desagrado nas mudanças que emergiram, argumentando que somente os <i>tascos</i> são capazes de sobreviver às metamorfoses e exigências urbanas que se impuseram na Rua das Flores, outrora talhada para o comércio. Refere o turismo – se bem que implicitamente numa fase inicial – como fonte de generalização de costumes exteriores e de banalização de cultura.</p>	<p><i>“Isto quanto ao pavimento da rua e quanto a essa brincadeira toda. De resto ... aqui quem vive ou às vezes até só sobrevive são os tascos porque as coisas estão mais viradas para o tascoso e aqui é, se andar aí pelas esplanadas vê é vinho ou saloio, chouriça, fiambre, queijo, presunto ... livros? Os livros têm um pequeno inconveniente são pesados e como essa freguesia toda que prai anda tem limite de peso por bagagem não leva os livros, porque os livros são pesados.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>Os impactos das mudanças no tecido urbano e social mencionados pressupõem, na sua maioria, um efeito negativo na Rua das Flores: as piores condições no pavimento da rua, o declínio do comércio tradicional, o desaparecimento de habitantes locais, o domínio do turismo.</p> <p>Há um sentimento de revolta sentida associado ao exponencial abandono populacional local, a desertificação das gentes que povoavam a rua.</p> <p>Contudo, é referido como como impacto mais positivo – embora num tom de ironia – a capacidade de lucro económico que determinados grupos conseguiram obter com a reabilitação da rua, seja ao nível da hotelaria e turismo, como também na base dos estabelecimentos de comércio de conceito renovado.</p>	<p><i>“Também temos tido impactos sociais bons, deve ter havido gente que ganhou e que está a ganhar muito dinheiro aqui...nesta rua toda.”</i></p> <p><i>“A senhora deve ter como residentes fixos aí uns vinte tripeiros.”</i></p> <p><i>“As pessoas foram todas varridas daqui, as pessoas foram todas varridas daqui.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>A permanência na rua entre o passado e um presente distinto fez-se de profundas alterações. Em termos do comércio, o entrevistado argumenta que este foi totalmente reestruturado, postulando uma adaptação do papel como comerciante: há uma escassez de</p>	<p><i>“A internet rebentou com isto tudo e as pessoas também têm pouco dinheiro ou se calhar eu não tenho aptidão nenhuma para este negócio. Os turistas que vêm, é como se fossem para Marrocos ou para a Tailândia ou para o Peru. Isto custa cinco, eles oferecem dois. Outros</i></p>

	<p>procura relativamente a este espectro de oferta, os indivíduos dedicam-se mais intensamente às fruições imediatas, ao invés das fruições e consumos mais permanentes, materiais.</p> <p>Advoga que a tendência é o progressivo aumento de espaços e conceitos dedicados ao turismo, às passagens fugazes e à culturalização urbana da rua.</p> <p>O incremento das tecnologias e a genérica difusão da Internet, “rebentaram” com os negócios tradicionais, vulgarizando as relações e os laços entre os indivíduos.</p>	<p><i>entram e imediatamente “HELLO?”. Eles entram aqui a falar inglês à maior, eu falo francês, não falo inglês, eu não falo inglês, só falo francês, eu não falo inglês, só falo francês, quem quer, quer, quem não quer, vai-se embora – eles alguns até são mesmo franceses.”</i></p>
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>O entrevistado não declara efectivamente os sentimentos e características da rua. É um contador de histórias nato: deambula entre o passado e o presente com uma facilidade absorvente, denunciando o seu vasto conhecimento histórico, social e pessoal em torno da rua. Há algum inconformismo latente, patente na sua ironia, embora a sua simbolização afectiva denuncie uma estreita ligação entre si e a Rua das Flores, ao longo das últimas décadas.</p>	<p><i>“Tem como característica ser a primeira Rua da cidade do Porto, foi mandada abrir pelo D. Manuel I em mil quinhentos e trinta e tal, foi primeiro construída a parte de lá. Isto aqui era terreno baldio ,está empurrado e agora parapara divulgação turística não vão... mas vão ter umas janelas de acrílico para conseguir ver ... pronto e são as características que a rua tem. De resto a senhora vai por aí acima e vê esplanadas ... que estão a ocupar o passeio de um lado e do outro – quando não chove – guarda-sóis, residentes não vê e o comércio vê duas ou três casas tradicionais, com comércio tradicional.”</i></p> <p><i>“ (...) portanto era tudo, era tudo antes, isto agora não tem nada disso, isto agora não tem nada disso, não tem gente também (imperceptível) está tudo vazio às sete horas, sete e meia oito horas acaba e entra o resto do pessoal entram os copos de plástico, as litrosas (imperceptível) e o que mais se vê e é sempre andar.</i></p>

VIII – Entrevistada H

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>Apesar do pouco tempo que passa no estabelecimento comercial, a entrevistada admite conhecer o Centro Histórico desde a sua infância, juventude. Assume, com rejúbilo no olhar, que o coração do Porto beneficiou profundamente com o processo de reabilitação urbana, sobretudo no que concerne às melhorias no plano urbanístico, arquitectónico e do edificado, conferindo uma paisagem visual mais aprazível.</p>	<p><i>“É assim, a nível de monumentos e prédios, realmente isto está diferente, não é? Está mais bonito, está mais vistoso ...”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>As metamorfoses no tecido urbano e social da Rua das Flores foram extensas. Segundo a entrevistada, as mudanças mais passíveis de serem observadas e sentidas passam pela diferenciação e heterogeneização de públicos. O turismo impulsionou uma nova vaga de população de passagem, de fruições rápidas e imediatas, que afectam todo o funcionamento da rua. Decorrente da reabilitação urbana, que potencializou melhores condições no espaço público e na organização das infraestruturas, o turista exige uma constante adaptação da população local, sobretudo ao nível do comércio.</p>	<p><i>“Há, há diferenças. Há muito turismo. A diferença está no turismo, neste quarteirão só se fala línguas e nada de português ... Por isso é uma grande diferença a nível de público.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>Entre o passado e um presente reconhece-se que a melhoria do edificado e do património que, anteriormente se encontravam severamente decadentes, postularam uma nova era para os próprios comerciantes, existindo um progressivo aumento de procura nesta</p>	<p><i>“Há, há diferenças. Há muito turismo. A diferença está no turismo, neste quarteirão só se fala línguas e nada de português ... Por isso é uma grande diferença a nível de público.”</i></p>

	<p>zona da cidade e na Rua das Flores. Contudo, releva-se a constante adaptação que estes atores sociais se viram obrigados a acrescentar ao seu quotidiano: com o domínio do turismo e de uma índole multicultural bastante vasta, a Rua das Flores e o Quarteirão das Cardosas passaram a escutar distintos idiomas – e a serem dominados pelos mesmos – ao invés da língua portuguesa.</p>	
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>A simbolização afectiva da entrevistada face à Rua das Flores alicerça-se, sobretudo, na alegria de assistir ao seu “renascimento”, aliando-se à intensa emoção – é patente no olhar da comerciante – de vivenciar todo este processo.</p>	<p><i>“Não sei ... alegria, um bocadinho de ... emoção. As fachadas, a parte arquitectónica da cidade, gosto muito.”</i></p>

IX – Entrevistada I

<p>Categorias Analíticas</p>	<p>Síntese Analítica</p>	<p>Excertos</p>
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclósão e vivência do fenómeno. 	<p>A relação estabelecida com a reabilitação urbana na Rua das Flores despoleta vivências diferenciadas no cenário relativo ao espaço de comércio.</p> <p>A entrevistada assume que tais mudanças postularam diversas alterações e consequentes adaptações em termos de organização, logística e gestão da loja, tendo em consideração o considerável fluxo de públicos oriundos de variados destinos.</p>	<p><i>“Adequando os horários de funcionamento e garantindo a melhor qualidade do nosso serviço com ofertas cada vez mais direccionadas aos visitantes da cidade que têm vindo a aumentar.”</i></p>

<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>São apontados, maioritariamente, impactos negativos. A entrevistada alude a questões relacionadas com a extrema inflação do valor imobiliário das habitações na Rua das Flores, provocando a exclusão dos moradores locais com uma capacidade económica mais reduzida. Posiciona este problema como sendo uma das derivantes do processo de requalificação da rua. Assume, contudo, que os planos de estratégia não têm priorizado a questão habitacional, conferindo mais ênfase aos restantes domínios da reabilitação urbana.</p>	<p><i>“Negativos. Tornou-se uma zona cada vez mais cara sem ter muito em conta os habitantes que normalmente são de capacidades económicas muito baixas. O investimento em habitação parece não ser uma prioridade.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>Analisando o passado e o presente, a comerciante assume que as metamorfoses foram profundas, sendo que a permanência na rua exigiu uma constante reestruturação das práticas quotidianas. Afirma, igualmente, que anteriormente à requalificação, a rua apresentava um estado decadente e mais sombrio, mas contendo um encanto mais singular, ao invés do presente, cuja índole cosmopolita a torna num espaço urbano mais monopolizado.</p>	<p><i>“Era um local decadente, escuro mas com um encanto muito próprio. Neste momento tornou-se um local mais aberto, mais cosmopolita mas mais igual a muitos outros.”</i></p>
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>A entrevistada não respondeu a esta questão.</p>	

X) – Entrevistada J

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>A entrevistada espelha uma profunda relação afetiva com a Rua das Flores, apontando como principais fenómenos decorrentes do processo de reabilitação urbana o turismo e a cultura. Dialoga, deliciosamente, sobre o requinte histórico da Rua das Flores, deambulando verbalmente pelo seu passado. Vivencia, com paixão, a sua permanência na rua enquanto proprietária e comerciante, elogiando todas as características que a artéria urbana detem, sendo que o impulso ao nível das cultura e das artes urge como sendo o mais decisivo e interactivo, potencializando a beleza e qualidade da rua. Admite, igualmente, com algum receio e apreensão, que é necessária a imposição de alguns limites ao tipo de intervenções e requalificação, tendo em consideração os apanágios naturais da rua, que têm vindo a entrar num progressivo declínio, sobretudo no que concerne aos habitantes.</p>	<p><i>“E o que acontece é que, de facto, quando eu vim para aqui a uma grande ... apanhei muito turismo. Entretanto começou a reabilitação toda que foi penosa para nós, não é ... em termos de comerciantes e entretanto quando reabriu a rua obviamente que, começou-se a sentir o efeito. Mas hoje uma parte para mim que é hoje o maior efeito da Rua das Flores é, principalmente, o factor dinâmico da cultura. Para mim a cultura é o que move. Sem dúvida que deu um contributo muito forte ... ao Centro Histórico do Porto e mesmo à Rua das Flores. Porque repare isso fez com que, a rua ganha outra vida, cor, as varandas, etc. E isso deu alegria, deu vida, deu ... e obviamente fomentou o comércio. A única coisa que eu acho que está a acontecer é que, ao meu ver, se não houver nenhum cuidado, poderá cair – e vamos assim dizer – primeiro em termos de senhorios, que eu sou dona desta loja e da Jóia da Coroa, aquele edifício lindíssimo da Ourivesaria Aliança.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>Os impactos positivos partem da melhoria de condições relativas ao espaço público, à potencialização da cultura e das artes e ao impulsionamento do conhecimento da rua, sendo estas dimensões fundamentais derivadas da requalificação urbanística da rua. Contudo, apontam-se como consequências negativas, associadas à generalização das habitações temporárias e unidades</p>	<p><i>“Eu custa-me imenso ver, por exemplo, qualquer turista que desembarque em S.Bento se reparar no que está a acontecer só estão a abrir cafés, cafés ou é gelatarias, ou mais não sei o quê ... e mais nada. Ou então lojas de gourmet. Não é um procurar genuíno da nacionalidade. E o meu edifício do outro lado é exactamente a minha personalidade.”</i></p>

	<p>hoteleiras, como hostels, restaurantes e negócios ligados ao turismo. A entrevistada defende que tal situação acaba por descaracterizar o Centro Histórico da cidade, uma vez que concorre ao declínio populacional local e ao desgaste do comércio tradicional, sendo que, a longo prazo, tal fenómeno pode acarretar efeitos nefastos.</p>	<p><i>“Estamos a tentar, no fundo, quando dermos por ela, o centro histórico deixa de haver portugueses a viver aqui. E a meu ver, isso é preocupante, porque o que faz ferver uma cidade é ter habitante, porque isto é a cidade dele.”</i></p> <p><i>“Porque isso é o charme da Rua das Flores e o charme do Centro Histórico é o estrangeiro vir aqui e ouvir falar português. E se isto continuar assim nós deixamos de ouvir portugueses na rua.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o comércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Passado versus presente. 	<p>A permanência na rua, sobretudo em termos de comércio, exigiu reestruturações, sobretudo na dimensão ligada à sazonalidade, uma vez que o comércio tradicional encontra-se maioritariamente dependente do fluxo de públicos oriundos do exterior. Verificam-se melhorias que se transmitem numa intensa vivacidade vivenciada na rua, postulando a emergência de distintos papéis e o aparecimento de diferentes atores sociais.</p>	<p><i>“Porque há curiosidade, mas vai chegar a um ponto que vir aqui é muito giro, mas que não tem nada para mim – para o português – então vou-me embora ...é o que eu digo: isto não pode ser só cafés e hostels, tem que abrir comércio. Estávamos ainda no outro dia a falar disso e tem de abrir comércio, porque senão o que é que vai acontecer? Vai acontecer que nós trabalhamos muito bem da Páscoa a Outubro e depois temos um Natal que não é nada de especial ... e Janeiro e Fevereiro, dois cafés que fecharam. Abriu aqui uma retrosaria e está fantástica, com um ar moderno, mas acho fantástico ...”</i></p>
<p>Simbolização afectiva e memória descritiva da rua.</p>	<p>Existem uma intensidade surpreendente na voz da entrevistada, denunciando rapidamente (e intrinsecamente) a estreita ligação sentimental entre a comerciante e a Rua das Flores. A simbolização afetiva é profundamente pautada pela paixão e pelo cariz histórico que permeia cada entranha da Rua das Flores, bem como a familiaridade com a mesma, associada à descendência do ofício do ouro.</p>	<p><i>“Eu sinto muita paixão! E eu adoro a Rua das Flores. Eu sou apaixonada por esta rua, pela história que ela tem ... Eu estava horas assim a falar consigo sobre a parte histórica. Pela história ... pelo que me toca em termos familiares. Eu sou filha e neta de ourives, eu</i></p>

também sou. É mesmo paixão e alegria. E gostava muito que tivessem esse cuidado.”

XI - Técnica Superior – Cidade das Profissões

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclusão e vivência do fenómeno. 	<p>A entrevistada percebe a reabilitação da Rua das Flores como um fenómeno positivo no contexto urbano e social, apresentando como características mais perenes o esforço de requalificação do edificado, o aumento da procura por parte dos turistas – por via das melhorias significativas do tecido urbano e cultural do território urbano – e a aposta em eventos e projetos culturalmente interventivos, primando pelo envolvimento da população local.</p>	<p><i>“Os últimos 4 a 5 anos têm sido de grande mudança na baixa da cidade do Porto: são vários os prédios que têm vindo a ser alvo de reabilitação; têm surgido novos negócios; as pessoas que passeiam na rua são, maioritariamente, turistas.”</i></p> <p><i>“Há um aumento considerado de eventos culturais e sociais que visam atrair a população a esta zona da cidade.</i></p> <p><i>A reabilitação do edificado conjugada com as iniciativas empreendedoras e culturais têm reabilitado a economia social desta zona da cidade. Nesse sentido, considero este fenómeno positivo.”</i></p>
<p>O conhecimento das metamorfoses do tecido urbano e social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A relevância do impactos. 	<p>Os primordiais impactos passam pela constante actualização da rede de negócios e no investimento na promoção de emprego na Rua das Flores, postulando uma dinamização económica e social endógena bastante favorável. Paradoxalmente, assiste-se igualmente, ao</p>	<p><i>“Em primeiro lugar, destaco a revitalização económica desta zona da cidade. Isso materializa-se na criação de novos negócios, promotores de emprego e de novas dinâmicas sociais. Em segundo</i></p>

declínio do comércio tradicional local, dada a incapacidade de fazer face ao acréscimo de despesas, bem como ao aumento do valor das rendas das lojas – fenómeno impulsionado pela inflação imobiliária devido a requalificação do edificado.

Considera, de igual forma, que a reabilitação urbana foi transformando, paulatinamente, o seu curso e busílis inicial, destinando-se maioritariamente à promoção do turismo e à implementação de um maior número de unidades hoteleiras, capazes de abarcar os públicos emergentes. Tal processo potencializou a homogeneização de uma cultura virada para os turistas, sua recepção, visita e permanência na cidade, desde a progressiva adaptação dos próprios estabelecimentos comerciais e da população local a este complexo fenómeno.

lugar, considerado que a reabilitação do edificado aumenta as condições de segurança e de limpeza.”

“Há um crescendo de negócios orientados para o turismo, relacionados com o alojamento e a restauração. Torna-se evidente a necessidade dos negócios tradicionais se modernizarem e atualizarem, sob a pena de serem “ultrapassados” por novos negócios. São vários os exemplos de negócios tradicionais que fecham porque não conseguem fazer face às despesas associadas à manutenção do espaço e falta de clientes.”

“Sim, a reabilitação urbana, que inicialmente se destinaria a portuenses residentes na periferia, veio a promover a criação de negócios relacionados com a Hotelaria. Hoje em dia, poucas são as pessoas que vivem na Rua das Flores.

Muitos são os turistas que desde bem cedo passeiam na rua. O aumento do turismo obrigou os comerciantes a adaptarem as suas estratégias de venda (criando menus em inglês e recrutando profissionais que dominem línguas estrangeiras, por exemplo). Algumas lojas mais antigas fecharam, pois os comerciantes já não conseguiam suportar o aumento drástico das rendas.”

A permanência na rua:

- **(Re) estruturas do quotidiano;**
- **Papéis e apropriações;**
- **Passado versus presente.**

A entrevistada assume a emergência de determinadas reestruturas do seu quotidiano após o término das obras de reabilitação da Rua das Flores, realçando que o

“Após as obras de requalificação urbana a população que trabalha na Rua das Flores constata

cariz pedonal comportou algumas desvantagens logísticas, como a dificuldade de estacionamento no horário laboral. Em contrapartida, e face a alguma insegurança vivenciada no passado, ocorreu melhorias ao nível do ambiente e segurança.

que o facto da Rua das Flores ter passado a ser pedonal reduziu drasticamente o número de lugares de estacionamento disponíveis. Isso dificulta consideravelmente a deslocação das pessoas que trabalham no eixo Mouzinho-Flores.

O aumento de novos negócios de restauração (cafés, gelatarias e alojamentos locais) alargou consideravelmente a oferta disponível para quem trabalha nesta zona da cidade. Aliado a este crescimento a Rua das Flores tornou-se muito procurada por artistas de rua e tem vindo a ser palco de vários eventos culturais.

É, ainda, de salientar o aumento de limpeza e de proteção pessoal nesta rua.”

Diagnóstico de Necessidades Urbanas

Apesar das inúmeras mudanças urbanas que urgem no tecido social da Rua das Flores, existem determinadas lacunas a serem combatidas, sendo que a entrevistada assume que a problemática associada ao estacionamento é uma delas – para quem se desloca via transporte próprio enfrenta dilemas de custos económicos no dia-a-dia. Para além deste aspecto mais logístico, as questões ligadas à cultura e lazer devem ser reforçadas, com vista ao estabelecimento de um laço de envolvimento mais afetivo entre as atividades dinamizadas e a comunidade envolvida, bem como atrair públicos visitantes.

“Tendo que me deslocar, obrigatoriamente, de carro para a cidade do Porto, a minha principal necessidade prende-se com alternativas gratuitas para estacionar. O facto da Rua das Flores se ter tornado pedonal e da Rua Mouzinho da Silveira e adjacentes estarem sujeitas a paquímetro condicionam a vida dos trabalhadores deste eixo da cidade. Urge, assim, a necessidade de criar parques de estacionamento nos limites da cidade que estimulem a utilização de transportes públicos para quem pretende deslocar-se até ao centro.”

ANEXO Nº7

Grelhas de Análise Vertical

**Entrevistas Semidiretivas – Museu da Misericórdia e
Museu das Marionetas**

XII - Museu da Misericórdia

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none">• Eclosão e vivência do fenómeno.	<p>A eclosão e vivência do fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores é pautado pela constante observação e constatação das mudanças. A entrevistada, técnica de uma entidade institucional sediada na Rua, argumenta ter conhecido bem a rua anteriormente às mudanças, sendo que esta sempre fora definida pelo seu comércio tradicional, pela sua marca singular na cidade. Atualmente, e a par da requalificação urbanística, o turismo emergiu como um fenómeno paralelo à reabilitação, considerando-o simultaneamente elemento estruturador e estruturado.</p> <p>Relativamente à instituição, esta já existia na rua anteriormente ao fenómeno – aliás, é uma das mais antigas do Porto – tendo auferido o seu espaço mais direccionado às iniciativas culturais – o museu – em 2015, sendo igualmente um registo de reabilitação da Rua das Flores.</p>	<p><i>“A reabilitação da rua ... a rua estava muito degradada e estava contemplado fazer-se a reabilitação no âmbito de Rua das Flores, assistiu-se a um fenómeno também como o turismo e uma coisa proporciona a outra e levou a acelerar também esse processo. Eu conhecia a rua antes de todo este fenómeno recente, era uma rua com algum comércio - tradicional, com moradores, idosos e com alguns serviços também e toda essa gente já saiu, outra também com a reabilitação das próprias casas para fins turísticos, essencialmente turísticos.”</i></p> <p><i>“Existia um núcleo que compreendia esta galeria onde estamos agora, que era a galeria. E existia a antiga casa que é uma peça importante do património português, existia a igreja e a sacristia e pontualmente - mas aderíamos a todas as iniciativas promovidas quer pela camara, quer mesmo a nível internacional. Havia internacional, havia histórico, todas as iniciativas nós participávamos já, mas como núcleo museológico, agora tem todas as condições para inaugurar o museu com todos os requisitos e todas as condições.”</i></p>
<p>A permanência na rua – o espaço cultural:</p> <ul style="list-style-type: none">• (Re) estruturas do quotidiano;• Papéis e apropriações;• Os públicos.	<p>Como espaço cultural inaugurado em meados de 2015 – com um ano de existência – as principais estruturas do quotidiano passam pela constante adaptação aos fluxos de públicos oriundos de inúmeros locais, considerando o turismo como um dos elementos</p>	<p><i>“Muita, muita procura portuguesa mas também por turísticos, também é evidente que é muito visitada com por estrangeiros, nomeadamente, franceses, espanhóis, brasileiros, alemães.”</i></p>

basilares na recomposição do tecido social e cultural da Rua das Flores.

Efeitos e metamorfoses:

- **Turistificação;**
- **Gentrificação.**

A entrevistada assume que os efeitos decorrentes da reabilitação urbana têm sido negativos: argumenta que se assiste a um “desvio” da índole individual e carismática, bem como do tradicionalismo da rua, sendo que as características jamais serão as mesmas, assim como as pessoas. Considera que parte das mudanças são realizadas apenas tendo em consideração a porção turística e que, tal procedimento, tem vindo a retirar o fascínio natural e histórico que outrora se reconhecia na Rua das Flores.

Em termos institucionais, compreende que, apesar da descaracterização urbana e social do local, para o espaço cultural o turismo possui um efeito benéfico, uma vez que é estendida uma abertura à heterogeneidade de públicos, de origens, de experiências singulares, potencializando a divulgação e as visitas.

“Um desvio, um desvio da rua da sua origem histórica, histórica e das pessoas que aqui viviam não é? Não são realmente as mesmas, hoje a mim já me perguntam na rua se eu falo português, portugueses a perguntarem-me se eu sou portuguesa “fala português?” quer dizer eu sinto-me uma estranha na minha própria terra isto a nível pessoal.”

“Agora a nível da misericórdia, eu acho que foi independentemente de todo este fenómeno negativo desta descaracterização da cidade, a misericórdia tem o dever porque tem um património histórico que deve preservar, mas também ao mesmo tempo tem de o divulgar e de partilhar com diferentes públicos. Nesse aspeto não tem nada a perder, é sempre positivo, não é? Porque e ainda bem porque dá a conhecer e também beneficia e é favorável até para a recuperação do próprio investimento não é?”

Os apanágios da rua

- **Políticas culturais;**
- **Diversificação institucional.**

A Rua das Flores, sendo uma artéria urbana central e de ligação entre a cota alta e a cota baixa da cidade, possui um valor extremo no que concerne à implementação de políticas culturais.

A entrevistada afirma que o seu pendor histórico, aliado a sua tradição de comércio – sobretudo associado às ourivesarias – conferem um potencial singular à rua, em termos de procura cultural, urbana e turística. A existência de um bilhete cultural na cidade, cuja

“É um corredor, é um corredor cultural muito interessante ... só os Clérigos e Palácio da Bolsa porque pronto ... a passar a Rua dos Clérigos também é nesse sentido, descem e fazem este triângulo, o Palácio da Bolsa e fazem trajeto uma rota cultural um corredor cultural muito bem, muito bem.”

valência passa pela visita a determinados pontos célebres, históricos e patrimoniais da cidade, quase que impõe a passagem dos turistas por pontos estratégicos, viabilizando a visita e experiência em espaços urbanos de excelência.

“É uma rua representada pelos edifícios também foram objeto de alguma regulamentação e a fixação também de nobreza e a burguesia. Bom, desta história de Portugal, dos descobrimentos ligado ao comércio, etc. Portanto, as principais pessoas ficaram a viver aqui e foi também uma parte da ourivesaria posteriormente também por acidente de percurso os produtos da rua Mouzinho da Silveira. O casal vinha ao porto, também pela estação de S. Bento era uma forma de investir em ouro, em ouro, na compra do ouro, tem essas características que, do meu ponto de vista, deviam-se manter e não e não só abrir muita hotelaria principalmente muitos restaurantes com características que podemos encontrar no Porto, como podemos encontrar em Lisboa, como podemos encontrar em qualquer cidade europeia.”

XIII - Museu das Marionetas

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação na rua:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eclosão e vivência do fenómeno. 	<p>Coexiste uma relação muito agradável entre a entrevistada e o fenómeno de reabilitação urbana na Rua das Flores, sendo este associado à emergência de uma melhoria generalizada de factores, também apresentando-se como uma rua da “moda”. A requalificação postulou o dinamismo, ao invés da índole urbanística estática, proporcionando mais cor e mais vivacidade ao espaço, enquanto território urbano e social.</p>	<p><i>“A rua das Flores é hoje uma das Ruas que está na Moda. Com uma localização privilegiada, é local de passagem em direção ao Rio. A reabilitação urbana retirou o lado mais cinzento e abandonado e trouxe à Rua cor e dinâmica. O facto de a Rua ter passado a ser pedonal, permitiu também uma forma diferente de a habitar, tornando-a mesmo um lugar propício para artistas de Rua, que dão ao espaço um carácter mais cosmopolita.”</i></p>

	<p>Vivencia, igualmente, de forma ainda mais intensa e profunda, o factor associado potencialização das artes e da cultura em movimento, aspectos da cidade mais relegados no passado e mais valorizados no presente.</p>	
<p>A permanência na rua – o espaço cultural:</p> <ul style="list-style-type: none"> • (Re) estruturas do quotidiano; • Papéis e apropriações; • Os públicos. 	<p>A permanência do Museu das Marionetas na Rua das Flores sofreu, como principais reestruturas do quotidiano, a maior abertura e adaptação face à visita de públicos internacionais, verificando-se um gritante aumento deste segmento de visitantes no museu. Para além deste importante aspecto, o museu ocupou um papel de destaque ao alargar o seu conceito artístico ao âmbito escolar/educacional, bem como envolver-se activamente nos projectos com a população local, sendo, assim, impulsionador de uma metodologia integrada.</p>	<p><i>“O Museu das Marionetas do Porto, está aberto diariamente e tem uma frequência muito grande, por um lado de turistas e portugueses, ou população residente em Portugal que em família ou de forma singular também visitam o Museu. Uma outra parte importante do trabalho que o Museu desenvolve tem relação com as visitas realizadas no âmbito escolar e os projetos artísticos realizados com a população residente no Centro Histórico.”</i></p>
<p>Efeitos e metamorfoses:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Turistificação; • Gentrificação. 	<p>A entrevistada assume que o turismo é o factor de metamorfose do tecido urbano e social da rua profundamente preponderante, a par da reabilitação e como resultado das melhorias significativas que a mesma proporcionou ao Centro Histórico da cidade. Considera que, apesar de ser um processo relativamente recente, o turismo determina diversas dinâmicas urbanas, sendo que no âmbito do Museu, as visitas aumentam exponencialmente, de ano para ano. Por outro lado, em termos de habitação, a requalificação urbana na Rua das Flores produziu um efeito de inflação dos valores imobiliários locais, abarcando o aproveitamento do edificado para espaços turísticos.</p>	<p><i>“Esta capacidade de atrair gente para o lugar, provocou uma procura demasiado rápida por parte dos investidores imobiliários, o que fez disparar os valores para patamares muito elevados e a abrir espaços sobretudo vocacionados para o turismo.”</i></p> <p><i>“O aumento de turistas na Cidade é um fenómeno recente e que acentuou claramente todas as dinâmicas, nomeadamente no Centro Histórico. O Museu não é exceção. E está em crescimento ainda, se compararmos os números do ano passado para este, claramente percebemos que o aumento de visitantes é muito superior. Além do número, a diversidade de pessoas de países é enorme. Como exemplo, o Museu das Marionetas do Porto em Março deste ano, foi visitado por pessoas de 41 países diferentes.”</i></p>

De destacar também as apreciações que os turistas deixam escritas no Livro de visitas do Museu, revelando um interesse grande e uma bela forma de olhar para algo que sabemos ser muito peculiar no universo da cidade e da Rua também."

Os apanágios da rua

- Políticas culturais;
- Diversificação institucional.

A rua é considerada como atracção natural urbana dada a sua carismática e fácil localização, sendo uma zona privilegiada no coração da cidade. A entrevistada argumenta que, ao nível dos espaços culturais e das lojas tradicionais, o factor associado ao cariz pedonal da rua proporciona uma fruição mais intensa e uma observação indissociável do prazer, a quem por lá passa e deambula. Existe, portanto, uma ligação profundamente harmonioso entre os diversos elementos urbanos presentes na Rua das Flores, conferindo bases robustas na implementação e permanência de espaços e políticas culturais locais.

"A Rua das Flores está muito bem localizada, partindo de uma emblemática Estação de Comboios e é a Rua alternativa mais apetecível em direção ao Rio, com a vantagem de no final ter o encantador Largo S.Domingos. Sendo estreita, mas pedonal, permite a quem passa ser atraído para cada uma das coisas, permite ainda uma certa contemplação, e uma vontade de entrar em cada espaço. Na rua estão as lojas antigas e as novas lojas, num convívio muito harmonioso. Tudo isso permite e apela à beleza que a Cultura e os espaços culturais normalmente têm por natureza."

ANEXO Nº8

Grelhas de Análise Vertical

Entrevistas Semidiretivas
Entidades Públicas - Privadas

XIV – Opium: Dra. Ana Pedrosa

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação no Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento e vivência do Fenómeno. 	<p>A entrevistada, tendo em análise a sua experiência empírica e profissional, sobretudo entre 2011 e 2013, realça que o fenómeno de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto ainda apresenta como principal lacuna a sua profunda desvitalização em termos e habitantes, sendo a progressiva ausência e fragmentação do tecido social os apanágios mais manifestos na urgência de uma requalificação ainda mais intensa – ao nível da população. De facto, e apesar dos inúmeros esforços no que concerne à reabilitação do edificado e habitação nas áreas históricas urbanas portuenses, reconhece-se que o problema maior reside na emergência de territórios desabitados, a par do gritante envelhecimento populacional local.</p>	<p><i>“De facto, o centro histórico se encontra desvitalizado em termos de escassez de habitantes, envelhecimento e desencantamento dos habitantes, fragmentação do tecido social, negócios com dificuldade em sobreviver, edificado estagnado e esquecido. De todas as problemáticas, a mais urgente é o facto de estar tão extensamente desabitado. Contra o facto de existir uma área desabitada, parece haver muito pouco de útil a propor antes de assegurar que há gente a habitar as casas.”</i></p> <p><i>“O centro histórico não é uma folha em branco.”</i></p>
<p>Efeitos e metamorfoses:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencialidades. 	<p>Os efeitos mas proeminentes na reabilitação da cidade, segundo a entrevistada, passam, sobretudo, pelas constantes tentativas de adaptação e captação de energias globais que se fundem na dimensão local. Ora, esta metodologia avança, paulatinamente, com o esvaziamento da cidade – sobretudo do Centro Histórico, colocando à margem a população e a cidade histórica e enraizada. As potencialidades emergem se – na tentativa de estabelecer um diálogo – sensibilizando e confrontando os valores e modos de estar. Assim, a intervenção artística e cultural é um mecanismo de acesso e de desbloqueio, ao possibilitar a aproximação entre distintos públicos, com diferentes graus de formação e pertencentes a diversos grupos na mesma cidade.</p>	<p><i>“O centro histórico veio sendo esvaziado e entrincheirado e para se poder reconstituir como cidade, habitada, produtiva e conectada com a cidade mais vasta, necessita de captar habitantes, modos de produção, trocas. Mas esta captação de energia nova, diluída em valores mais globais, tem dificuldade de dialogar com uma cidade mais velha e enraizada. Tendencialmente ou se coloniza, ignorando e hostilizando o existente, ou se romantiza o pitoresco de um modo de estar que dificilmente já se encontra noutras paragens.”</i></p> <p><i>“No entanto, este confronto exposto entre diferentes gerações, formações e grupos sociais é algo de difícil abordagem na nossa sociedade portuguesa. E daí talvez o papel das práticas artísticas no desbloquear desta</i></p>

aproximação, ao possibilitarem outros modos de diálogo que não o da linguagem verbal e instituída.”

Relação e papel institucional no fenómeno

- Abordagens;
- Olhares.

Considerando o papel da Opium como crucial no desenvolvimento do Centro Histórico, a empresa prestou serviço de consultadoria na elaboração do Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial, abordando o seu enquadramento histórico, o diagnóstico do edificado e valor patrimonial, assim como a capacidade de desenvolvimento socioeconómico, cultural, turístico e ambiental da cidade. O papel institucional da Opium no cerne do fenómeno de reabilitação urbana no CHP tem sido preponderante, uma vez que trabalha a sua concepção, coordenação e estratégia. A sua principal incidência postula a transformação contínua na cidade, como factor de dinamização cultural e económica, como atração turística, e como potencializador do tecido criativo no espaço público urbano.

“A OPIUM concebe, planeia e implementa projetos de valorização do território, alavancados nos seus recursos endógenos, que promovem a convergência entre a cultura e a economia, privilegiando o envolvimento da comunidade e sustentados numa participação e colaboração activas dos seus agentes.”

“Prestou consultadoria à elaboração do Plano de Gestão Centro Histórico do Porto Património Mundial, um instrumento de gestão concebido de acordo com as directrizes da UNESCO.”

“Concebeu e coordenou o programa Manobras no Porto, promovido pela Porto Lazer, de dinamização de práticas culturais e artísticas integradas no contexto e comunidades do Centro Histórico. O Manobras assentou numa [ideia de cidade]: uma cidade que se acredita ser mais fértil e densa se esta proporcionar cruzamentos entre distintas linguagens, expressões, modos de vida, pessoas. O projecto organizou-se como modo de produção contínua, processual e participada ao longo de dois anos, envolvendo mais de 200 projectos artísticos.”

“Concebeu e coordenou a linha de projectos Espigar, no âmbito do Locomotiva, promovido pela Porto Lazer. O projecto Locomotiva visou intervir na envolvente da Estação de São Bento, uma área marginal ao processo de reabilitação que se observa na cidade. O projecto

		<p><i>Locomotiva visava a reabilitação do antigo parque de estacionamento como uma nova praça da cidade. Espigar constituiu uma linha de projectos, via convite e via convocatória aberta, comprometidos com o reconhecimento próximo daquele pedaço de cidade e com o estabelecimento de relações directas entre quem aí vive e trabalha e quem chega com novas propostas de vivência do espaço público.”</i></p>
<p>Eixos prioritários e intervenções</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diagnóstico de necessidades; • Debates e Melhorias 	<p>Segundo a entrevistada, os eixos prioritários de necessidades e de intervenções passam pelo desejo e capacidade de renovação e melhoria contínuas, preceitos naturais de uma sociedade em constante mudança. Subjacente ao debate relativo à reabilitação urbana e ao centro histórico, emerge a necessidade de conferir mais importância às pessoas, assegurando a subsistência do tecido social deste território. Na dimensão dos agentes culturais assume-se que, actualmente, os espectáculos de âmbito artístico e cultural acarretam um intenso mediatismo e a permanente sensação de celebração, sendo necessária a emergência de novos modos de estar e de “praticar” a arte e a cultura nos espaços públicos da cidade.</p>	<p><i>“No plano da realidade actual e premente do centro histórico, o discurso dos seus habitantes de longa data é insistente: o património do centro histórico não são as pedras, são as pessoas. Sentem constantemente que não são chamados nem ouvidos no macro discurso que monumentaliza o centro histórico como património mundial e simultaneamente aumenta o fosso entre as instituições que definem e controlam o que é património e quem o constrói e o vive. O processo de reabilitação dos imóveis é visto como opaco, não compreendem as suas regras, nem lhe conseguem aceder. Simultaneamente, o acumular de um historial de amargura e desencanto dificulta uma revisão do próprio discurso de combate, mesmo quando as circunstâncias se vão alterando em seu redor. As dificuldades em assegurar a subsistência e a fracturação profunda do tecido social também retiram espaço para que se equacione qual o bem comum deste lugar.”</i></p> <p><i>“No plano dos promotores e agentes culturais, a revitalização é a maior das vezes conduzida como espectáculos em espaço público de grande difusão mediática e em atmosfera de permanente celebração.</i></p>

Entre a desertificação de uma cidade anteriormente confinada ao interior escuro dos lotes e a espectacularização permanente, não haverá outras gradações possíveis de modos de estar e praticar o espaço público?

A revitalização de uma praça, de uma rua, de uma malha, tem apenas um único formato económico, social e estético?”

XV- APPRUP

Categorias Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
<p>Relação com a reabilitação no Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores:</p> <ul style="list-style-type: none">• Conhecimento e vivência do Fenómeno.	<p>Segundo a APPRUP, ao processo de reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto desenrola-se, de uma forma profundamente intimista, com a emergência e aparecimento de diversos elementos na cidade que proporcionaram uma redescoberta dos trilhos urbanos do Porto. A importância conferida às artes e ao plano cultural no centro histórico, assim como a azáfama na <i>movida</i> portuense, com a presença de um zonamento de espaços de diversão e de fruição nocturna, conferiram um distinto valor urbano à cidade. O turismo é igualmente apontado como um elemento estruturador de novas práticas, associado ao aumento do fluxo de públicos na cidade do Porto.</p>	<p><i>“Trata-se de uma redescoberta do centro do Porto, primeiro através do aparecimento espontâneo de zonas de movimento noturno (antecedidas pelo aparecimento do quarteirão das artes), e depois com o crescimento exponencial do turismo gerado pelo próprio potencial da cidade, mas sobretudo pela chegada à cidade de voos de baixo custo.”</i></p>

<p>Efeitos e metamorfoses:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencialidades. 	<p>Salienta-se a emergência de distintas dinâmicas urbanas – até então inexistentes - sobretudo associadas ao fenómeno de gentrificação, assistindo-se á chegada de uma nova vaga de habitantes no centro histórico da cidade, bem como aos crescentes movimentos pendulares e de visita. Tais dinâmicas derivam da requalificação objectivada no edificado antigo e do património histórico urbano, suscitando um forte procura por parte de diferentes públicos. Contudo, são apontados efeitos negativos decorrentes deste processo: derivado do aumento exponencial do valor imobiliário e da requalificação maioritariamente direccionada para o turismo, assiste-se a uma descaracterização no que concerne aos públicos locais, comerciantes e moradores, que paulatinamente se têm vindo a deslocar para outras zonas urbanas.</p> <p><i>“Este processo permitiu criar novas dinâmicas no centro da cidade. Novas pessoas vieram habitar o centro e/ou deslocam-se para o centro à noite ou ao fim de semana. No entanto, se por um lado este processo estimulou a reabilitação do construído antigo, por outro nem sempre respeitou/respeita esse património, o seu valor e as particularidades que o tornam único. Por outro lado, está a promover tipologias pouco diversificadas, concentrando-se na divisão dos edifícios em espaços de pequena dimensão e/ou vocacionados apenas para o turista. Infelizmente, este processo tem também vindo a “empurrar” habitantes e comércio tradicionais do centro para outras zonas, permitindo aos proprietários, através de novos contratos, uma maior rentabilidade do seu património.”</i></p>
<p>Relação e papel institucional no fenómeno</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagens; • Olhares. 	<p>No cerne da reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto, a APRUP possui como pressuposto central a sensibilização, protecção e preservação do património. O seu papel apoia-se, fundamentalmente, no estímulo a espaços de debate que proporcionem a difusão de informação das tomadas de decisão oriundas de diversos prisms sociais e entidades institucionais, visando permanentemente o interesse do valor patrimonial da cidade.</p> <p><i>“A APRUP tem como um dos seus objectivos principais sensibilizar o público para as questões ligadas ao património e à sua preservação. É isso que a associação tem procurado fazer no Porto e noutras cidades através da criação de espaços de debate e da participação e criação de eventos onde estes aspectos são discutidos. Por outro lado, a APRUP tem procurado informar e alertar o público em geral para tomadas de decisão, quer por privados, quer por entidades municipais, que consideramos lesivas para o património, explicando as razões pelas quais assim o entendemos e mostrando que existem outras formas de actuar mais consentâneas, como o valor e interesse desse património.”</i></p>

Eixos prioritários e intervenções

- Diagnóstico de necessidades;
- Debates e Melhorias

Segundo a APPRUP, apesar dos processos de reabilitação urbana presentes em diversas áreas urbanas prioritárias na cidade do Porto terem proporcionado francas melhorias no desenvolvimento e condições de vida, ainda permanecem necessidades de intervenção. No que concerne ao Centro Histórico, a precariedade ainda é uma constante em determinadas zonas habitacionais, fator agravado pelo progressivo envelhecimento populacional, sendo este um segmento populacional profundamente vulnerável, do ponto de vista social. No plano económico, o comércio tradicional encontra-se, igualmente, em declínio, sendo substituído pelos estabelecimentos comerciais e de restauração modernos, com conceitos direcionados ao turismo. De acordo com a associação, o eixo prioritário concentra-se na tentativa de controlo, por parte das entidades responsáveis pela pluridimensionalidade que este fenómeno acarreta, face à progressiva desocupação do centro da cidade por da concentração do pendor turístico.

“Existe ainda um grande número de espaços habitacionais no centro do Porto que apresentam condições de habitabilidade precárias que urge melhorar; muitos desses espaços são ocupados por uma população envelhecida que precisa de um apoio social importante que nem sempre existe. Por outro lado, o comércio tradicional está rapidamente a dar lugar a um comércio dirigido fundamentalmente para o turismo e com o qual a população residente não se identifica. O crescimento demasiado rápido, e descontrolado, do turismo tem imposto (indirectamente) formas de actuar na cidade que têm desvirtuado o seu carácter. Se este processo não for controlado pelas entidades competentes, rapidamente tornarão a cidade pouco apetecível, não só para o turista como para o residente que irá tendencialmente desocupar o centro, transformando-o num espaço de fachada museológica.”

XVI – Porto Lazer

Categories Analíticas	Síntese Analítica	Excertos
Relação com a reabilitação no Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores: <ul style="list-style-type: none">• Conhecimento e vivência do Fenómeno.	A Porto Lazer, enquanto empresa municipal, possui uma estreita relação com a reabilitação urbana no Centro Histórico do Porto e na Rua das Flores, detendo um papel ativo na requalificação na cidade e no	<i>“Penso que poderemos afirmar que o papel da Porto Lazer Em tem um papel activo na revitalização e requalificação urbana do Centro Histórico com a implantação de projectos como o 1ª Avenida (Edifício</i>

	<p>planeamento estratégico integrado e contínuo de projetos que postulem o desenvolvimento e envolvimento da cidade e população.</p> <p>Através da gestão e implementação de projetos, como é o caso do Locomotiva ou o 1ª Avenida, a Porto Lazer pretende dar resposta na requalificação do espaço público e de espaços em estado de degradação.</p>	<p>AXA) – <i>Dinamização Económica e Social da Baixa do Porto, cuja estratégia foi continuada, posteriormente através de outros projectos como o Locomotiva ou o AV. Espaço Montepio.</i></p> <p><i>A estratégia adoptada, desde então, é a de re-activação e revitalização de espaços devolutos e do espaço publico.”</i></p>
<p>Efeitos e metamorfoses:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Potencialidades. 		
<p>Relação e papel institucional no fenómeno</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagens; • Olhares. 	<p>Segundo a entrevistada, as suas funções na Porto Lazer passam, sobretudo, pela coordenação artística de projetos operacionalizado no coração da cidade. Relativamente à Rua das Flores, assistimos a uma constante dinamização da artéria urbana através de princípios e conceitos pautados pela índole artística e cultural, com o intuito de objetivar e possibilitar o encontro das populações e o seu ativo envolvimento, promovendo a consciência colectiva, num mesmo espaço urbano, num mesmo território. O papel da Porto Lazer neste processo pluridimensional define-se como versátil e atento às mudanças, sendo um organismo preocupado com a sensibilização da dimensão artística na malha urbana, na requalificação da paisagem da cidade e na potencialização da arte urbana na criação de redes e laços comunitários.</p>	<p><i>“A minha função na Porto Lazer é de direcção artística e coordenação de projectos especiais como o AXA ou o AV. Espaço Montepio.</i></p> <p><i>Algumas acções implementadas na Rua das Flores como a intervenção artística nas caixas da EDP ou a dinamização da artéria através de instalações / intervenções artísticas no âmbito da programação, e estratégia de animação da geral da Porto lazer contribuem para que a teia sócio- económica se consolide .</i></p> <p><i>O Programa de Arte Urbana nos quais essas acções se integraram, visa ainda promover a consciência pública e sensibilização artística; o envolvimento da comunidade; a optimização da paisagem urbana; a requalificação geográfica, arquitectónica e social e a internacionalização da marca Porto, através da afirmação da Intervenção Artística Urbana no panorama internacional.”</i></p>

Eixos prioritários e intervenções

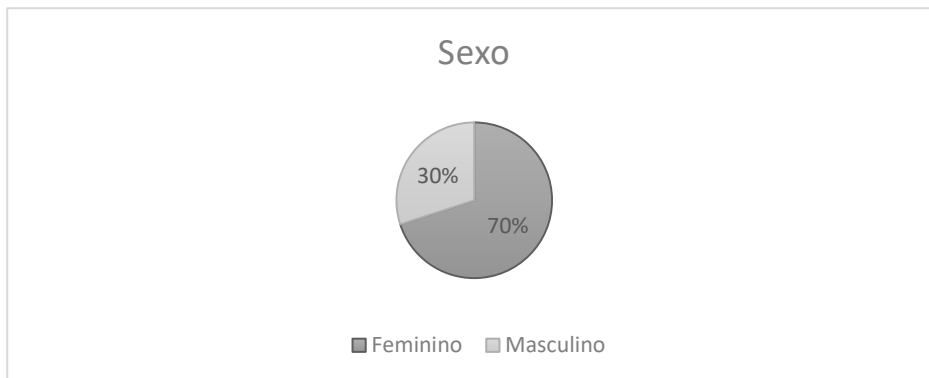
- Diagnóstico de necessidades;
- Debates e Melhorias

As necessidades partem das constantes metamorfoses económicas, culturais, sociais e estruturais passíveis de serem vivenciadas numa cidade. A existência de fluxos e dinâmicas diversas, exige uma constante adaptação face às lacunas existentes e às prioridades que vão surgindo. Segundo a entrevistada, os eixos prioritários de intervenção residem nesse Âmbito: a melhoria de relações entre o que é exterior e intrínseco ao desenvolvimento de uma cidade.

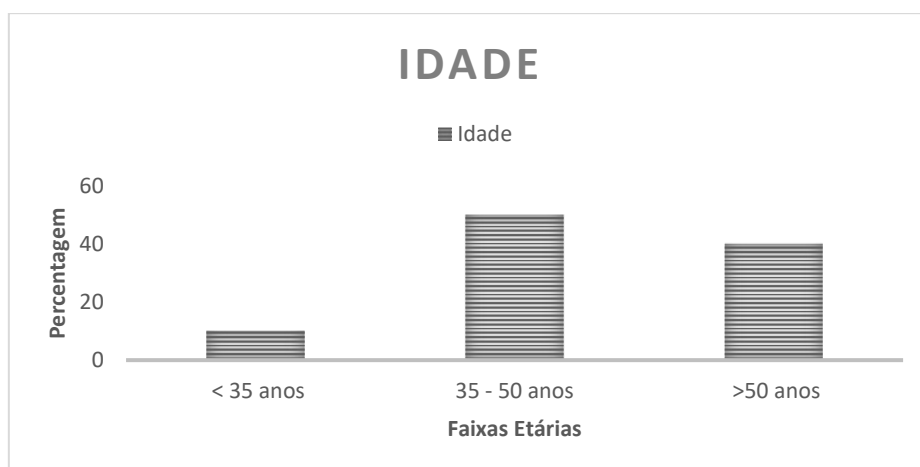
“Existem sempre pontos a ser melhorados. Uma cidade não pára. Vive e alimenta-se dos constantes fluxos e dinâmicas que lhe são inerentes, intrínsecas mas também dos desafios externos e das provocações. Resulta sempre do equilíbrio entre a sua fisicidade e o seu imaterial. Melhorar essas relações será sempre o objectivo.”

ANEXO Nº9

Quadros e Gráficos

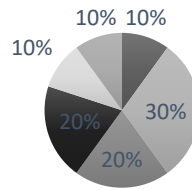


Quadro nº1 – Distribuição dos comerciantes entrevistados por Sexo (%)



Quadro nº 2: Distribuição dos comerciantes entrevistados por Idade (%).

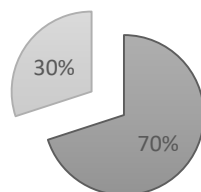
Habilitações Literárias



- Ensino Básico – 3º ciclo (secundário unificado, 9º ano, antigo 5º ano do liceu, propedêutico ou equivalente)
- Ensino Secundário (12º ano, antigo 7º ano do liceu, propedêutico)
- Ensino Médio/ Bacharelato
- Licenciatura

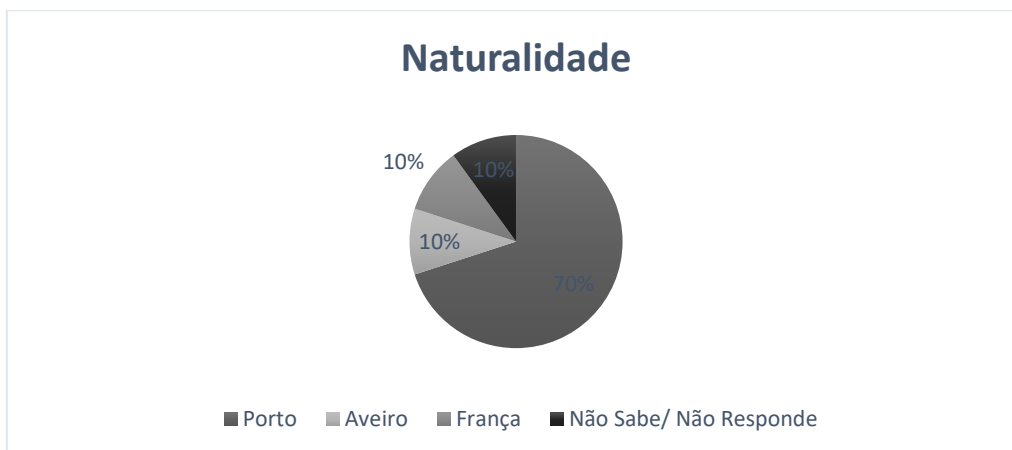
Quadro nº 3 – Distribuição dos comerciantes entrevistados por habilitações literárias (%)

Situação Profissional

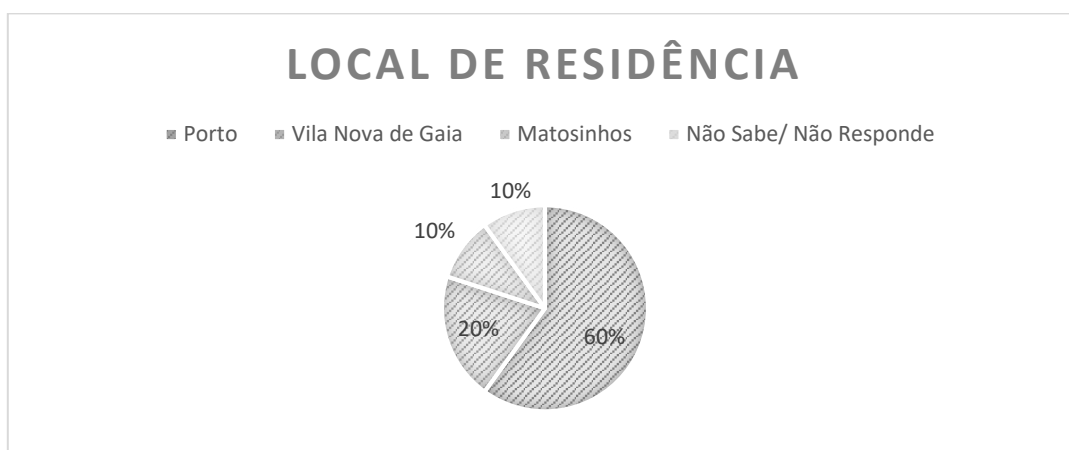


- Comerciante (Proprietário)
- Comerciante (Assalariado)

Quadro nº 4 – Distribuição dos comerciantes entrevistados por situação profissional (%)



Quadro nº 5 – Distribuição dos comerciantes por Naturalidade (%)



Quadro nº 6 – Distribuição de comerciantes entrevistados por Lugar de Residência (%)

ANEXO Nº10
Ilustrações e Figuras

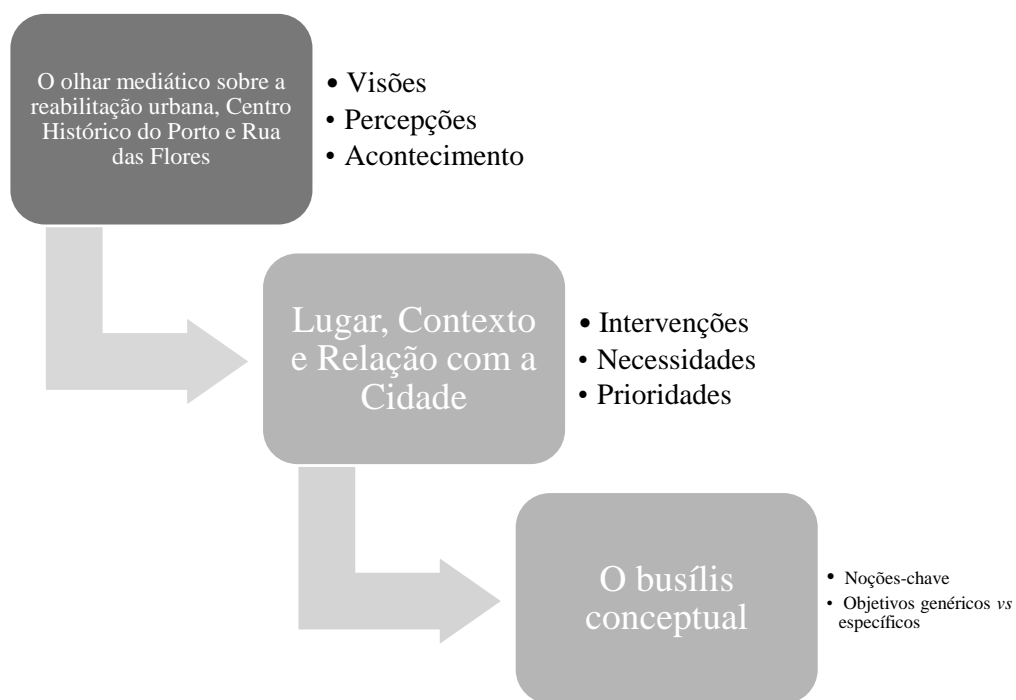


Figura nº3 – Categorias Analíticas e Unidades de Análise das notícias da etapa *a priori* (2008 – 2009), produzido pela autora (2016).

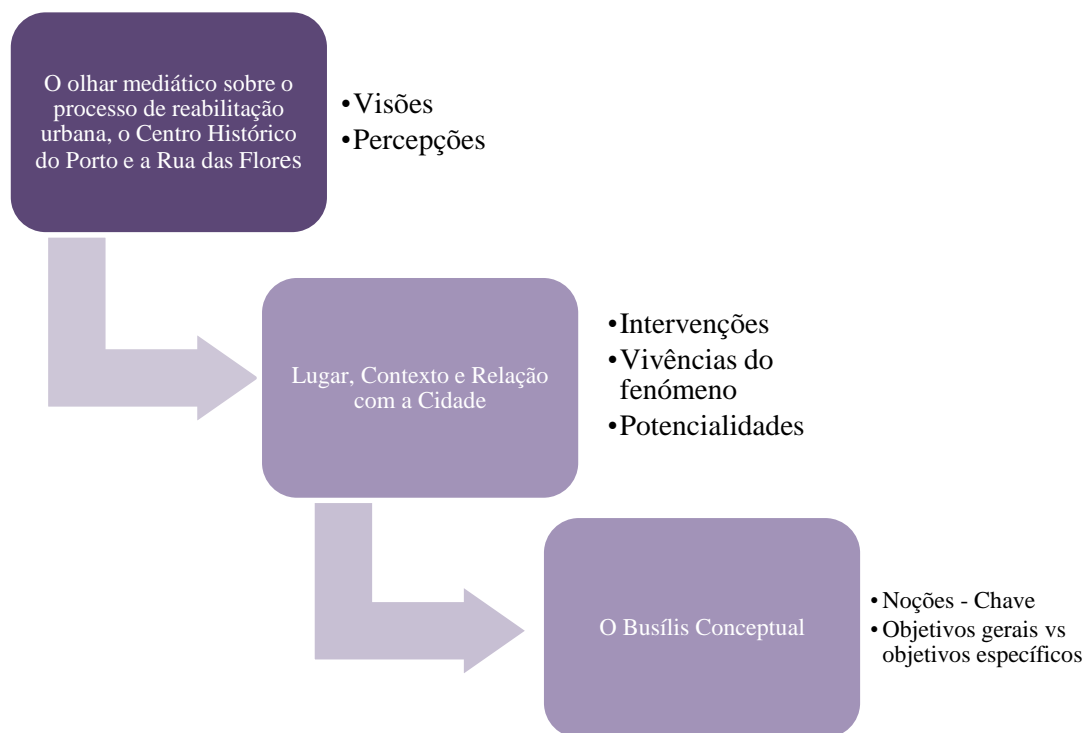


Figura nº4 – Categorias Analíticas e Unidades de Análise das notícias da etapa *Durante* (2012 – 2014), produzido pela autora (2016).

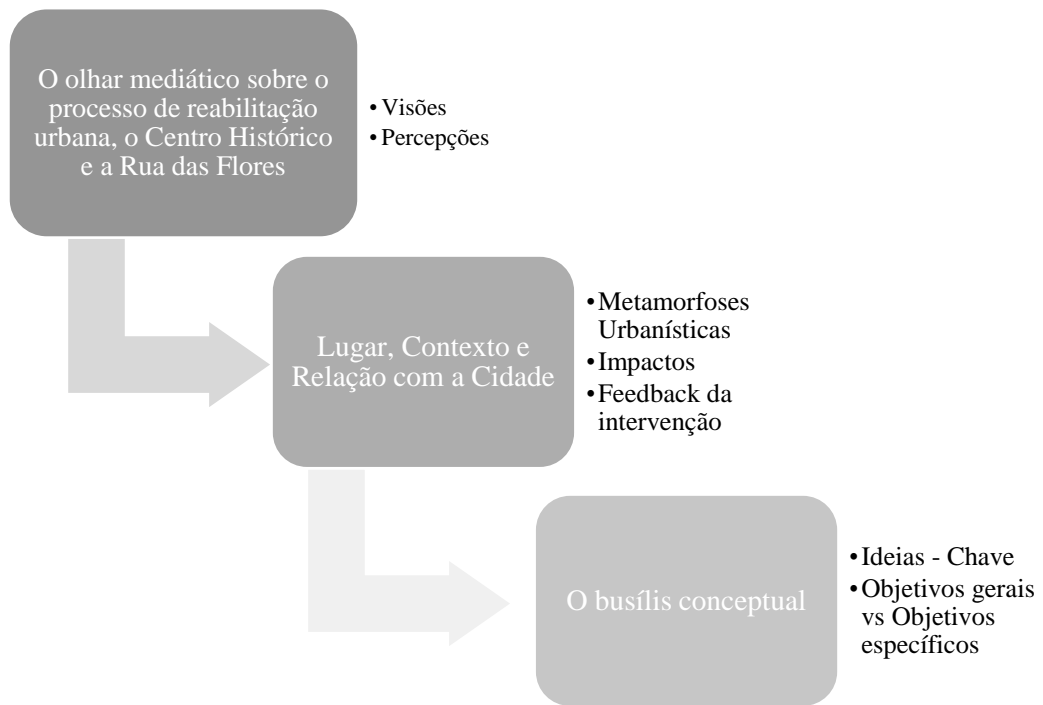


Figura nº5 – Categorias Analíticas e Unidades de Análise das notícias da etapa *a posteriori* (2014 – 2016), produzido pela autora (2016).

Figura nº6 – Cronograma da Investigação

	2015				2016								
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.
Formulação do objeto de investigação													
Entrevistas exploratórias													
Revisão de literatura													
Problemática teórica de referência													
Elaboração do modelo de análise e elaboração das técnicas													
Aplicação das técnicas													
Recolha de dados													
Análise e verificação dos dados													
Elaboração do projeto final - conclusões													

Legenda:

Etapa conceptual

Etapa Metodológica e de Construção

Etapa Empírica e de Verificação



